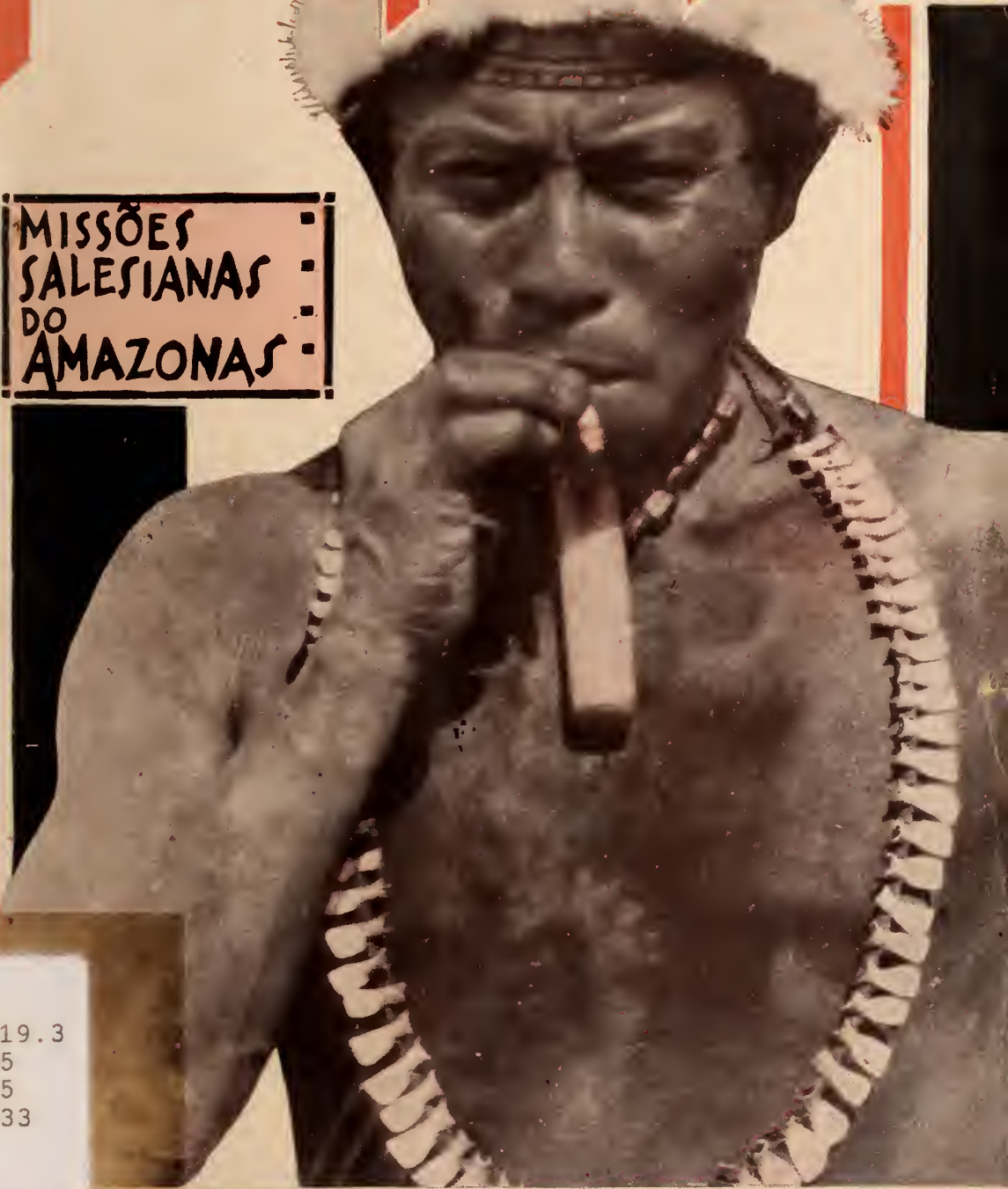
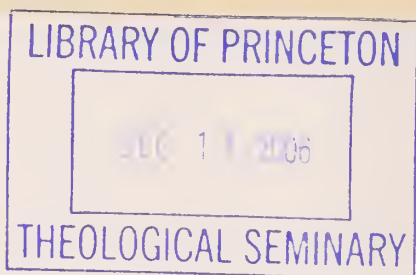
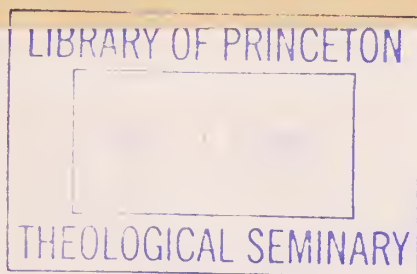
PELO RIO MAR
MISSÕES SALESIANAS DO AMAZONAS

Ao eminente confrade e amigo,
Dr. Rodrigo Octavio,

+ Francisco,
Arcebispo de Cuiabá.

Rio, 1933.

PELO RIO MAR

═ 1 9 3 3 ═

ESTABEL. DE ARTES GRAPHICAS
C. MENDES JUNIOR
Rua Riachuelo, 192/194 - Rio
Telephone: 2-6238

Monsenhor Pedro Massa,

Prelado do Rio Negro e do Rio Madeira

INTRODUCÇÃO

Para se formar uma idéa exacta da obra colossal de civilização, de brasilidade e de piedade christã que os Salesianos estão comettendo no Amazonas, será necessario remontar a alguns annos atraz e ouvir o depoimento do sob tantos titulos venerando d. Frederico Costa, bispo do Amazonas, em sua notavel Carta Pastoral de 11 de abril de 1909, Carta essa escripta após uma longa e accidentada visita pastoral ás regiões do Rio Negro.

"...Manda-nos a consciencia que denunciemos altamente a todo o paiz a vergonhosa situação em que se encontra a população genuinamente brasileira, esbulhada dos seus direitos, caçada como féras, ou pelo menos envilecida, desprezada como verdadeiros parias, neste paiz que se gloria de ser o paiz da verdadeira liberdade, da verdadeira fraternidade, da verdadeira igualdade".

Ao approximar-se de São Gabriel, que é hoje a séde da Prelazia, escreveu s. exc.:

"E' bella a situação de S. Gabriel. Pela frente, as serras de Cari-Curiary, Uanary, Cabary e Carangueijo; atraz a serra de S. Gabriel. De todos os lados o bello e sublime do terrivel: a morte e o abysmo diante dos olhos. Sempre, dia e noite, o ronco ensurdecedor das cachoeiras. De facto, o Rio Negro, que pouco acima forma uma grande bahia, estreita-se de repente, formando uma apertada garganta, por onde se precipita a enorme massa d'agua, que vem desde o centro da Venezuela, recebendo tributarios poderosos como o Orenoco, o Içana, o Uaupés, cada um delles equivalente a um mundo. E' incalculavel ahi a força da correnteza, que vem bater de encontro ás pedras da fortaleza, formando uma catadupa e mais adiante um rebojo que é o terror dos pobres navegantes. De facto, infeliz daquelle que é apanhado por esse rebôjo; se escapa de ser engulido, cahe na correnteza do Bubury e só Deus o póde salvar!..."

Por esse tempo, o Sacramento do Chrisma era quasi completamente desconhecido no meio da população indigena. O abandono em que jaziam os habitantes do Alto Rio Negro: "completo e absoluto". Em toda a vasta extensão de S. Gabriel a Cucuhy, apenas um professor em Mara-

bitanas, sem casa para morar e muito menos escola. "Qual, pois, o meio de reagir contra a ignorancia e impedir a influencia da invasão extrangeira em territorio patrio? Vergonha para nós... Encontra-se um indio venezuelano naquellas alturas, é um homem perfeitamente civilizado, que não sómente falla a sua lingua, mas falla tambem correctamente o castelhano e já faz ostentação de superioridade sobre os pobres habitantes do Brasil..."

Quanto á moralidade de costumes então reinante por aquellas regiões, é bom ouvir ainda a palavra autorizada do insigne Prelado:

"Arcamos francamente contra o pessimo costume existente em quasi toda a zona banhada pelo Rio Negro, de ir um homem, ou como empregado publico ou commerciante, com a idéa de voltar o mais cedo possivel; amaziar-se com uma india, constituir familia provisoria; locupletar-se do trabalho da pobre mulher e dos filhos, com idéa sempre de abandonal-a, com a prole, e retirar-se para outras terras melhores, a constituir nova e definitiva familia".

Como que presentindo uma epocha de nunca vistos esplendores, como que para afastar de si o scenario horrendo do Rio Negro de então, d. Frederico Costa assim se exprimia:

"Pois bem! A Igreja saberá cumprir o seu dever. Novos apostolos partirão para o Rio Negro, seguirão nossas pizadas, farão o que fizemos e dedicarão todas as suas energias em prol da Religião que professamos e da Patria querida a que pertencemos; trabalharão para salvar as almas e ao mesmo tempo envidarão todos os esforços para elevar o nivel intellectual dos nossos selvicolas... Mais tarde terão a recompensa que em outras partes já tiveram... a ingratidão, as injurias, os insultos de recem-chegados que, encontrando já o caminho desbravado, preparado, prompto, acharão que os padres nada sabem fazer, são entes inuteis, prejudiciaes á sociedade, que devem ser expulsos, maltratados, espezinhados..."

Realizaram-se os vaticinios de d. Frederico Costa. Foi criada a Prelazia do Rio Negro. Os Salesianos, novos bandeirantes, puzeram-se a devassar aquellas mattas e a alindar a alma daquelles indios.

Mons. Pedro Massa, eleito Prelado do Rio Negro, era o homem naturalmente talhado para empresa de tanta monta e de tamanha responsabilidade, posto á prova, que tinha sido, o seu espirito de sacrificio e de apostolado, já como Inspector Salesiano em Matto Grosso, já como administrador apostolico da diocese de Corumbá, já em emprehendimentos que exigem uma forte capacidade de trabalho, um grande amor ao Brasil, uma alma de verdadeiro missionario e um consideravel desdobramento de energias.

O leitor vae tomar conhecimento, atravez das paginas que se seguem, da mais edificante e mais bella organização missionaria que o Brasil já conheceu. Vae ver como os Salesianos souberam radicar o indio, instruil-o e catechizal-o, fazer delle um elemento util á Patria e collaborador efficiente na obra do maior engrandecimento della. Vae ver que no meio

da matta virgem se erguem bellos edificios de cimento armado, palpita a vida em trinta e cinco povoações indigenas, funccionam "creches", asylos, hospitaes, collegios, orphanatos, leprosarios, postos meteorologicos, serrarias, carpintarias, e reparará como as aguas dos rios são cortadas pela prôa de velocissimas lanchas a gazolina. Verá o arado rasgar as entranhas da terra, o machado decepar troncos de arvores seculares; edificar-se-á com o abrir de estradas na selva e com o rom-rom dos automoveis nellas; com o gado hollandez pastando placidamente nos campos e as culturas de cereaes elevarem-se muito para o alto, numa affirmação de força e de victoria do genio christão; verá a luz electrica e, tendo paciencia para esperar um pouco mais, não conterá seu enthusiasmo ao ver singrar os ares o avião do missionario, que quer ir depressa, a centenas de kilometros de distancia, levar o pão do corpo e o pão do espirito a quem mais precisado delles estiver.

E' incalculavel, ultrapassa talvez as raias da imaginação o que os Salesianos, sob a direcção de Mons. Pedro Massa, têm realizado no Amazonas, a ponto de o commandante Rogerio Coimbra, Interventor do Estado, haver declarado ao Chefe do Governo Provisorio:

— Os Salesianos do Amazonas, excellencia, são fazedores de cidades.

Ora, faz meio seculo, precisamente meio seculo que os Filhos de D. Bosco aportaram ao Brasil; meio seculo durante o qual em territorio da nossa Patria fundaram cem casas, todas ellas florescentes; meio seculo durante o qual dezenas de milhar de brasileiros passaram pelos bancos das suas escolas. E esses Salesianos, que se preparam para commemorar tão magno jubileu, não podem deixar de ter a seu lado, como legitima ufania e gloria authentica, a obra missionaria de Mons. Pedro Massa no Amazonas, na qual já foram invertidos muitos milhares de contos de réis, e que em outras circumstancias acreditaria officialmente s. exc. como verdadeiro BENEMERITO NACIONAL.

Alguns capitulos deste livrinho hão de corroborar o meu asserto: são autorizadissimos depoimentos de um grupo de notaveis, que pelo Rio Negro passaram e no Rio Negro assistiram á actividade febril e dynamica desse novo exercito commandado por esse incomparavel General do Evangelho.

Que neste anno jubilar, de legitimas alegrias para a vasta familia Salesiana, não vá faltar o "parabem" muito affectuoso daquelle que tão bafejado tem sido pelo espirito de D. Bosco; e que o povo brasileiro, tão sensivel a tudo quanto por elle fazem, não deixe de vêr nas paginas que se seguem um como que mudo appello para que a obra salesiana do Amazonas, por elle defendida e protegida, cresça e floresça mais ainda com um duplicar de interesse, de dedicações e de activissima cooperação. Trata-se de um empreendimento gigantesco, seja qual fôr o prisma por que o encaremos: prophylactico, civico ou religioso.

Rio de Janeiro, Julho de 1933.

SOARES d'AZEVEDO

PRELAZIA DO RIO NEGRO

1). ESBOÇO GEOGRAPHICO

No magestoso scenario fluvial do Amazonas, representa o Rio Negro, seu principal affluente, um papel preponderante e privilegiado, unindo dois grandes rios e estabelecendo a communicação internacional interior entre seis nações. A sua bacia hydrographica está comprehendida, de hemispherio a hemispherio, entre 329'16" de latitude Sul e 3°,09',36" de latitude Norte, e 16°,32' e 54" e 26°,37',42" de longitude Oeste do Rio de Janeiro; apresenta uma conformação triangular de relevos desiguaes, limitando-se ao sul, norte e oeste pelos divisores das bacias do Solimões, Orenoco e Essequibo.

Denominado outróra, pelos gentios, **Quiari**, **Guriguacurú**, **Uruna**, ou **Guaranaguassana** no seu curso superior, tomava na parte baixa os nomes de Ueneyá ou Ueneassú. A sua actual designação é proveniente do aspecto escuro que apresentam as suas aguas turvas: sendo o rio formado de rochas, pobre em sedimentos, ostentando uma vegetação de arbustos, com arvores atraz, não muito altas, mas vestidas por uma densa folhagem, variando do verde escuro ao azeitona, desprende annualmente consideravel quantidade de humus.

As cabeceiras do Rio Negro estão a leste de Papunaua, affluente do Inirida, na Republica da Colombia, na latitude Norte de 2° 06'31" e 26° 37'54" de longitude Oeste. Os seus primeiros lacrimaes estão proximos, tambem, das fontes do Içana, um dos seus tributarios mais importantes. Entre o Papunaua e o Içana ha, interposta, uma estreita elevação de terra, firme em apparencia, mas confinando com extensos pantanos e lagôas onde corre o Guainia, nome pelo qual é conhecido o Rio Negro, da nascente até a sua confluencia com o canal natural Casiquiari.

Com uma profundidade inicial minima de 4 metros, uma largura media de 300 metros e velocidade de 6 kilometros por hora, toma a principio a direcção geral SO-NO até a embocadura do rio Pimichim. Livre, então, da influencia orographica dos montes de Caparro e sujeito, pouco depois, á acção opposta do valle do Casiquiari, torce bruscamente para o Sul, diminuindo um pouco a sua velocidade e augmentando consideravelmente a sua largura, para reduzil-a adiante, entre S. Carlos e S. Felippe, perto da Republica de Venezuela. Bifurca-se na ilha de S. José, ao sopé do grande titan, a Pedra do Cucuhy, atalaia escarpada e abrupta que marca a sua entrada em territorio

brasileiro. Comprime-se logo abaixo em Marabitanas, recolhendo em seguida á margem direita as aguas do Ixié e Içana, e já sobre a linha equinoxial recebe o Uaupés ou Caiary, que lhe avoluma a massa hydraulica, imprimindo-lhe novo rumo; é ahi a parte media de seu curso.

Até então, offerece o Rio Negro um canal invariavel e profundo, com um desnivel uniforme e pouco sensivel, e uma corrente praticamente inalteravel. Forçado, entretanto, pela serra Anary, que determina sua confluencia com o Uaupés, faz uma brusca deflexão para Leste, formando um canal que zigzagueia velozmente por entre paredões graniticos, precipitando-se encachoeirado com grande ruido desde S. Gabriel até Camanáus. A navegação e pilotagem de um rio como o Negro requerem, pois, extraordinaria pericia, memoria, percepção rapida, calma e reflexão que bem poucos pilotos indigenas conseguem attingir. Da povoação de S. Felippe, que se acha logo acima da foz do Uaupés, até Santa Izabel, um batelão com a equipagem de oito indigenas leva cinco dias, mas oito dias ou mais são necessarios para a viagem de volta.

Em Camanáus recobra o Rio Negro o seu nivel anterior, restabelece a sua calma e ramifica o seu thalweg, recebendo á margem esquerda o Padauiry, que o communica com o Passimoni, affluente do Casiquiari. Ahi já no valle central da bacia amazonica dirige-se para SE. Os seus desniveis, tortuosidades e correntes alternam-se com dilatações semelhantes a lagos, ás vezes transformados em positivos archipelagos, e que differem notavelmente da monotona semelhança que caracteriza os interminaveis meandros, enseadas, voltas em arco ou ferradura, como a generalidade dos rios de agua branca, que correm pelas planicies de aluvião, como o Solimões ou o Purús. As pedras submergidas que se mantêm perto da superficie das aguas, e as cristas dos escolhos manifestam-se por um tremor superficial, a que chamam aguas tremidas, difficilmente reconheciveis quando o sol brilha de frente ou a superficie é agitada por uma leve brisa. Nesta secção, do lado opposto a Carvoeiro, desagua o Rio Branco, por tres boccas, cheias de ilhas mal definidas, cobertas de espesso mattagal e pantanos, separadas por paranás-mirins, tão extensos que se torna difficil distinguir a terra firme, formação esta que se denomina chavascal. Na bacia das aguas, quando as margens de areia branca correm em grandes extensões formando bolsas circulares, os bancos de areia diagonalmente ao eixo do rio, submersos ao ponto de tornar o canal imperceptivel, constituem uma barreira para a navegação, que só pode ser feita em ubá e typos pequenos de montaria. Em Boiassú, o rio alarga-se numa expansão oceanica, simulando um grande lago, região muito temida, por causa do vento Leste, assaz forte, que sopra incessantemente atravez della, o qual começa a soprar duas horas antes de nascer o sol, continuando até á tarde. A noite, quando o vento passa e as vagas acalmam, é geralmente preferida para atravessal-a, tanto em lanchas quanto em canôas. Em alguns logares a vasta largura do rio é interrompida por ilhas colossaes separadas por canaes estreitos; em outros, parece estar-se em alto mar, vendo-se, apenas, a alguma distancia, uma ilha coberta de arvores, ou uma nesga de terra firme, acima do horizonte.

Pouco antes de chegar a Paricatuba estreita bastante, e depois corre banhando a capital do Estado, desembocando em seguida em largo estuario no rei dos rios.

Póde-se dividir o Rio Negro em quatro partes bem distinctas: a primeira desde a sua nascente até a desembocadura do rio Pimichim (500 kilometros); a segunda do Pimichim ao rio Uaupés ou Caiary (350 kilometros); a terceira da desembocadura do Uaupés á do Padauiri (340 kilometros), e a ultima do Padauiri á Barra (510 kilometros).

A extensão total do Rio Negro é de 5.571 kilometros, sendo 1.165 em territorio brasileiro; a sua declividade media é de 0,024 por kilometro.

Superficie da bacia: 648.000 Kil. q.

Rumo geral: N. O. S. E.

Velocidade media: 5 kilometros por hora.

Largura: 800 metros.

Temperatura media do valle: 27 centigrados.

Os productos naturaes conhecidos até hoje no Rio Negro e seus affluentes são a gomma elastica, o caucho, a baiaata, a piassaba, a salsaparrilha, a castanha, o puxori, a baunilha, o tucum: tambem se encontra em abundancia consideravel o cumarú, a bacaba, o oleo de copahyba, a quina, a simarruba e outros productos de valor apreciavel.

Além dos fructos alimenticios dos tropicos, reproduzem-se tambem com exuberante louçania o algodão, o tabaco, o cacau e o anil.

Essa maravilhosa communicação entre o Amazonas e o Orenoco tem uma transcendental importancia com respeito ao futuro politico e industrial da America do Sul, podendo se affirmar que, do ponto de vista geographico, economico e politico conjunctamente, não ha no mundo, no scenario hydrographico universal, um rio que avantaje ou iguale sequer ao rio Negro equinoxial, porque nenhum desempenha o importante papel, que esse representa na sua bacia, satisfazendo em grande parte a imperiosa necessidade de communicação internacional interior da America do Sul.

Quando o esforço humano aproveitar essa ingente obra da natureza, desenvolvendo a sua força e quantidade, servindo-se de suas cachoeiras e das energias do progresso, que elle entranha no seu leito, será certamente o Rio Negro um fóco de irradiação e actividade, que estenderá bem longe a sua benefica influencia.

Devemos notar tambem a importancia militar do Rio Negro, como via de communicação estrategica, sendo que as antigas fortalezas de S. Felippe, Marabitanas e S. Gabriel, construidas pelo receio de dominio extrangeiro em 1754 e 1763, determinam a importancia militar deste rio em seu passado, presente e futuro, como via de conquista e de communicação administrativa e internacional.

COORDENADAS GEOGRAPHICAS

Localidade	Latitude	Longitude
Cucuhy	1°13'52" N	23°50'28" O do Rio
São Felippe	0°21'44" N	24°02'53" O " "
Embocadura do rio Uaupés	0°02'21" S	24°03'15" O " "
Villa de S. Gabriel	0°08'03" S	23°58'07" O " "
Embocadura do rio Padauiry	0°12'26" S	20°51'14" O " "
Santa Izabel	0°20'27" S	23°27'30" O " "
Barcellos	0°58'16" S	19°47'31" O " "
Embocadura do rio Branco	1°20'12" S	18°51'15" O " "
Moura	1°27'22" S	18°31'07" O " "
Cidade de Manáos	3°07'12" S	16°56'09" O " "
Embocadura do rio Negro	3°12'56" S	17°42'54" O " "

DISTANCIAS

Da foz a Manáus	12	kilometros
De Manáus a Tauapessassú	127,5	"
De Tauapessassú a Ayrão	97,5	"
De Ayrão a Moura	60	"
De Moura a Barcellos	157,5	"
De Barcellos a Moreira	75	"
De Moreira a Thomar	67,5	"
De Thomar a Sta. Izabel	125	"
De Sta. Izabel a Castanheiro	75	"
De Castanheiro a S. Gabriel	127,5	"
De S. Gabriel a Cucuhy	240,5	"

Temos a honra de apresentar as futuras professoras de gastronomia em S. Gabriel (1), pequeninas aprendizes de alfaiataria (2), a r espectiva officina (3) com grande numero de maquinas de costura, e os decididos alfaiates (4). Como se vê, lá não é conhecida a ociosidade. Todos estudam, todos trabalham, todos se esforçam o mais que podem.

Em S. Gabriel, a igreja, com 40 metros de comprimento (1), serve de cathedral. E' ali que vão orar as tucaninhas, futuras modistas e costureiras (2)

depois de haverem estudado desde meninas (3). Tambem os pequenos (4) fazem razoavelmente a sua gymnastica!

2). ESBOÇO CLIMATOLOGICO

As observações pluviometricas desta localidade datam de 1911, (*), porém, as observações de outros elementos atmosphericos só foram iniciadas em Junho de 1920. Muito embora o clima amazonense não esteja sujeito a variações como os de outras zonas do paiz, tres annos não são sufficientes para fixar-lhe certas caracteristicas ou tornar possivel a explicação destas. Limitar-nos-emos, pois, a publicar os valores observados durante os annos completos de 1921, 22 e 23, comparando-os com as series identicas de outras estações do Amazonas e do Pará. As tentativas de explicações que arriscaremos em um outro aspecto não poderão merecer confiança absoluta. Calcadas como são sobre apenas tres annos de observações, não lograrão ser definitivas, porquanto não será impossivel que a serie considerada represente apenas, aqui e acolá, anomalias transitorias do regimen climatico da região. Chuvas anormaes, por exemplo, durante tres annos, não só falseiam qualquer deducção sobre o regimen pluviometrico, como a de outros elementos meteorologicos relacionados ás precipitações.

A posição de S. Gabriel, quasi sobre o equador, empresta-lhe excepcional interesse do ponto de vista meteorologico. Existem outras estações no globo em situação quasi identica quanto á latitude, mas, a não ser as do interior Africano, as demais representam climas maritimos ou insulanos. S. Gabriel ainda diverge dos postos do hinterland africano por outras considerações, muito embora traduza como aquelles o clima continental sob o equador. S. Gabriel encontra-se em formidavel corredor terrestre dos ventos alizeos e no coração da maior bacia fluvial do mundo. Mais adeante, quando discutirmos o regimen de ventos desta localidade, realizaremos as consequencias interessantes de sua posição na depressão amazonense.

O clima dessa depressão, classificado por Delgado de Carvalho e Morize como equatorial super humido, tem sido malsinado com exaggero e mesmo confusão. Le Cointe, que viveu algum tempo em Obidos e muito se interessou pelo aspecto meteorologico do Amazonas, diz textualmente — "Le climat amazonien est chaud, mais non torride, très humide, débilitant et énervant, mais non essentiellement malsain, l'insalubrité notoire de quelques régions tenant à de causes locales et amovibles". O eminente geographo refere-se naturalmente á parte baixa da bacia, não incluindo as regiões de transição para o norte, sul e oeste, onde a temperatura amenisa-se e a humidade decresce, salvo na escalada dos Alpes. Esta opinião é uma das mais justas, se bem que a apreciação tenha sido feita, aliás como é commum, sob o ponto de vista do habitante de climas mais temperados e seccos.

(*) — Notas e observações obsequiosamente prestadas pelo Dr. Sampaio Ferraz.

O povoamento da Terra, dependente de tantos outros factores que não o climatico, creou o padrão pelo qual o homem dá preferencia aos climas mais frios e de fortes variações. Autores modernos como Huntington tentam provar a sua superioridade na evolução civilisadora. As bruscas mudanças de temperatura, por exemplo, sobretudo os declinios, parecem tonificar o homem e augmentar-lhe a capacidade physica e intellectual. Assim é talvez porque a historia prendeu e adaptou o homem aos climas rudes. Entretanto, invade-nos a duvida se com o tempo e o correr das immigrações, não será ainda gabada a constancia do regimen thermico amazonense, livre das temperaturas torridas dos desertos.

Ninguem poderá negar o conflicto de opiniões entre aquelles que, atravez varias gerações, se habituaram ao clima equatorial ou tropical e os estranhos, adaptados aos invernos rigorosos. Temos observado innumeras vezes quanto horror causa ao nortista o clima do Rio de Janeiro com seus restos de pampeiros e noites frias de inverno. Não fazemos aqui a apologia do clima equatorial superhumido. Pessoalmente preferimos, com a maioria, as alternativas dos climas temperados. Desejamos apontar apenas a relatividade das apreciações e como ellas se baseiam, após seculos da distribuição dos povos.

Examinemos agora as observações colhidas em S. Gabriel do Rio Negro.

PRESSÃO ATMOSPHERICA. — A não ser em casos de cyclones passageiros, os quaes, felizmente, são desconhecidos no Brasil, a região equatorial, como é sabido, é zona de pressões baixas pouco variaveis. O valor normal barometrico annual de São Gabriel, deduzido dos tres annos de 1921, 1922 e 1923, é de 754.2 millimetros reduzido a 0° Centigrados. Esta pressão, considerada ao nivel do mar e reduzida á gravidade normal, eleva-se a 759.5 millimetros, valor que reputamos bem de accôrdo com a distribuição geral da pressão atmospherica sobre o continente sul-americano, e egual á pressão normal de Manáos. A altura da columna barometrica em S. Gabriel varia diariamente com a regularidade classica, por effeito das ondas diurna e semidiurna, oscillando egualmente com o movimento do sol. Ella é mais baixa nos mezes de Outubro, Novembro, Dezembro e Janeiro, elevando-se gradualmente até o valor maximo em Julho.

Notamos egualmente uma outra oscillação interessante, verdadeira pulsação da grande depressão atmospherica, movimento esse que dura apenas dias. Esta pulsação aliás ha muito conhecida, ainda não foi explicada satisfactoriamente, devendo depender intimamente dos alizeos e do que occorre mais ao sul na circulação geral, assim como tambem, possivelmente, da propria variação de curto periodo da actividade solar, a qual, se tem acção directa sobre a atmosphera, deverá fazer-se sentir justamente na região equatorial, isenta, como é, dos systemas isobaricos moveis.

TEMPERATURA DO AR. — Sob o equador, internada no continente e a pequena altitude, a região de S. Gabriel não poderia apresentar senão valores thermometricos elevados. Entretanto, mais do que em qualquer outra zona estudada do Amazonas, as suas noites são frescas. A media annual de suas minimas, 21.7, é constante, e amena para clima equatorial de interior sem o menor vestigio de aridez. A media da temperatura nas 24 horas durante os tres annos em revista foi de 25,2, valor superior sómente aos da estação de Senna Madureira, no Acre, sujeito ás "friagens". Segundo a série considerada, os mezes mais frescos são os de Maio, Junho e Julho, e os mais quentes — Setembro, Outubro e Novembro, com curioso recrudescimento em Fevereiro, o qual coincide com as chuvas menores deste mez, como veremos mais adeante. Comparando-se o normal annual 30.2 com a maior media das maximas do mez de Outubro, obtemos a differença de 1°5. Identica comparação com a normal annual das minimas encontramos apenas 0°5 tomando-

se o valor medio de Novembro 22°2. Isto demonstra que as noites são sempre frescas, mesmo por occasião dos periodos mais quentes. A maxima absoluta durante os tres annos foi de 34°6 em Setembro de 1921, e a menor minima — 17°8 em Julho de 1922. Nenhuma correlação percebemos entre a temperatura e a direcção dos ventos, ou mesmo as chuvas. Por outro lado é evidente que os mezes mais quentes, Setembro, Outubro e Novembro, são egualmente os menos nublados, sobretudo de dia. Um exame dos mappas diarios de observações revela logo a circumstancia de ser o declinio thermometrico mais accentuado pela madrugada do que á noitinha. A temperatura de 9 h. da noite é sempre mais elevada de um gráo e tanto do que a temperatura de 7 h. da manhã. Isto é commum, mas a differença varia em cada zona e é digna de reparo. Comtudo a temperatura media ás 21 h. é de 24° mais ou menos, o que diz muito do conforto da temperatura nocturna de S. Gabriel, collocada como está em pleno equador e a sómente 85 metros de altitude.

HUMIDADE DO AR. — S. Gabriel não póde furtar-se ao registro de grande humidade na observação da humidade absoluta e relativa. O seu ar, como todo o ar da bacia amazonica, não só contém grande quantidade de vapor dagua como se acha quasi sempre nas proximidades de saturação. A não ser durante o dia, maximé ás 14 h., a humidade relativa, na média, está sempre acima de 95 %. Nos tres annos considerados não notamos differenças mensaes typicas na tensão do vapor. Quanto á humidade relativa, os primeiros quatro mezes do anno e Setembro indicam taxas menores, descendo a 85.9 em Fevereiro. A humidade relativa elevada aggrava a temperatura sensivel, sobretudo se a ventilação é fraca. Ha quem diga que o calor de Manáos é mais supportavel que o do Pará. Na realidade a impressão não é descabida, pois sendo Manáos mais quente e menos ventilado do que Belém, entretanto a temperatura sensivel é a mesma (temperatura lida no thermometro humido).

Dada a posição de Manáos, é realmente notavel a relativa facilidade com que é tolerado o seu calor, e isto se deve á taxa baixa de sua humidade. Embora as noites de S. Gabriel sejam mais agradaveis que as de Manáos, já não se poderá dizer o mesmo dos dias, simplesmente em razão da humidade relativa elevada da região aqui estudada, e de sua ventilação menor. Como se vê, a humidade é um factor importante no problema da sensação thermica. Nos paizes frios, onde tem egualmente grande importancia, embora em sentido completamente diverso, hoje, a temperatura, a humidade, a ventilação monopolisam a attenção dos hygienistas que estudam o ambiente escolar e fabril assim como o dos recintos onde se reunem muitas pessoas em conjuncto.

NEBULOSIDADE. — A nebulosidade de S. Gabriel é elevada. O valor normal annual attinge 7.5. Verificamos ter sido maior, nos tres annos em revista, que o das localidades escolhidas para comparação. Só podemos attribuir o excesso á proximidade do grande massiço das Guyanas a NE, justamente pelo flanco do qual corre o vento predominante de S. Gabriel, como veremos mais adeante. Os mezes menos nublados são Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, com ligeiro declinio em Fevereiro, quasi coincidindo, como seria de esperar, com os mezes mais quentes. Não descobrimos nenhuma correlação nitida entre os ventos observados e a nebulosidade. A' superficie os ventos são desviados por influencias locaes. Accresce que para a formação das nuvens muito concorrem as correntes superiores, cujas direcções nem sempre podem ser observadas.

Notamos menor frequencia da componente leste mais ou menos nos mezes de menor nebulosidade. Segundo o nosso modo de interpretar o re-

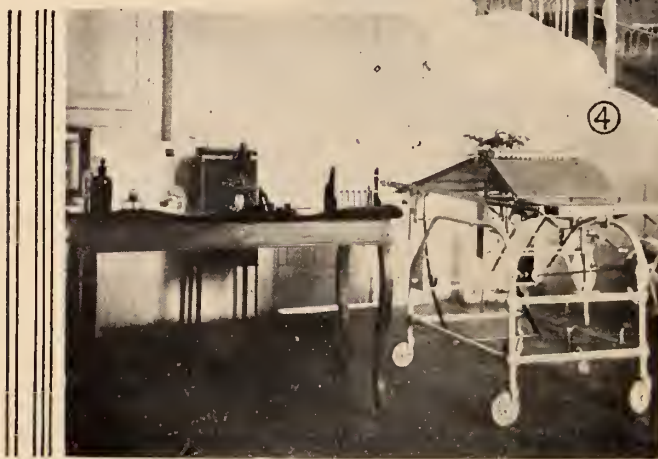
gimen de ventos da zona do alto Rio Negro, mais adeante exposto, algumas das caracteristicas climaticas desta região deverão estar submettidas á acção alternativa dos ramos norte e leste em que se subdividem os alizeos, que penetram na mesma pelas bacias do Orenoco e Amazonas, respectivamente.

CHUVA: — Como dissemos logo ao começo deste ligeiro esboço, as observações pluviometricas foram iniciadas em S. Gabriel no anno de 1911. A série 1911-1919 foi publicada pela Directoria de Meteorologia, no seu "Boletim de Normaes", e na interessante memoria do illustrado Dr. Henrique Morize, intitulada "Contribuição ao estudo do clima do Brasil". Este nosso trabalho representa a nova série de observações de chuvas, realizada nos annos de 1921, 22 e 23, pela estação climatologica creada em 1920 e entregue ao zelo incançavel dos religiosos. Ambas as séries embora apresentando resultados differentes quanto á quantidade e mesmo á distribuição, indicam a occurrencia de dois maximos de chuvas em Dezembro e Maio, aliás em epochas deslocadas das que reclama a theoria da influencia da marcha do sol em declinação com referencia ás zonas equatorial e intertropicaes. Esta theoria é frequentemente desmentida pela intervenção de factores mais importantes do que a simples verticalidade dos raios solares por occasião das passagens zenithaes. Como bem diz o Dr. Morize no trabalho citado, a coincidencia ás vezes observada entre os maximos pluviometricos e as referidas passagens poderá ser obra do simples acaso. A nova série de observações não póde dar uma idéa segura do regimen pluviometrico de S. Gabriel, sobretudo porque se trata de annos excessivamente chuvosos. Todos elles superam o valor normal annual constante da antiga série — 2216.1 mms. O anno de 1923, mais do que qualquer outro, notabilizou-se pelas chuvas anormalissimas sobre a maior parte da bacia amazonica. Verifica-se por ambas as collectaneas de observações que o periodo mais chuvoso em S. Gabriel fica entre Outubro e Maio, recahindo o maximo principal sobre este ultimo. O numero mensal de dias de chuva varia entre 11 e 16 durante o anno, mas, segundo a nova série, o mez de Maio logrou registrar o valor médio de 21 dias com precipitações. Comtudo, podemos dizer que em S. Gabriel, na média, é provavel chover, no periodo invernoso, um dia sim e outro não, e no verão, cada terceiro dia. A maior chuva registrada em 24 horas foi de 116.2 mms. São rarissimas as precipitações menores de 1 mm. em 24 horas. O periodo chuvoso mais prolongado occorreu em Janeiro de 1923, quando transcorreram 26 dias seguidos com precipitações.

Não encontramos nenhuma correlação notavel entre a distribuição das chuvas e quaesquer outros elementos da série 1921-1923. O mez de Maio, o mais chuvoso, é egualmente aquelle em que o vento attinge a velocidade média minima. Esta coincidencia é justificada mas na propria série se encontrarão discordancias inexplicaveis. Tambem não se poderá inferir que a direcção dos ventos affecte o regimen de chuvas. Existe a crença de que os ventos do quadrante oeste trazem chuvas em muitas regiões do Amazonas. Entretanto os quadros demonstram que os ventos frequentes de NW em S. Gabriel o são menos em Maio, quando mais chove. A predominancia desse vento se faz sentir desde Agosto, quando a estação invernosa começa francamente em Outubro. A não ser em casos de chuvas orographicas ou das que são produzidas por systemas isobaricos moveis, julgamos ser sempre um problema delicado buscar na propria região da chuva os factores responsaveis pela precipitação. O problema interessante a resolver é descobrirem se as causas das grandes anomalias pluviometricas observadas em extensas regiões, e estas causas residem não em factores locaes e sim na circulação geral da atmosphera. As differenças pequenas, locaes, são talvez mais difficeis de explicar, mas, felizmente, são tambem menos importantes.

Porque motivo houve tão grande excesso de chuvas nos annos de 1921, 1922 e 1923 ? Se as chuvas dependem da velocidade do alizeo ou da

As gravuras desta pagina representam. 1) Um bello typo de pupunheira; 2) Motor de luz electrica, mostrando o adiantamento de S. Gabriel; 3) O hospital, como se vê pela parte da enfermaria, faz inveja aos de muitas cidades; 4) Os pequenos indios tambem gostam de ler...

A Santa Casa de S. Gabriel assenta graciosamente entre pupunheiras (1). Veja-se como é pittoresco o local! Mas tambem não lhe fica atraz a Escola Agricola (2), a que se faz referencia neste livro. As duas ultimas gravuras (3 e 4) são ainda dependencias do excellente hospital de que se ufana S. Gabriel.

humidade, como se explica a constancia desses elementos na bacia amazonense e a variação das precipitações ? O alizeo sopra sempre o mesmo, mais ou menos. Os enormes rios e as infindaveis florestas ali estão na bacia infindavel para supprir constantemente o ar do precioso vapor d'agua. Ora, se a chuva é um phenomeno eminentemente ligado ao resfriamento adiabatico do ar carregado de humidade, a solução do problema nos parece só poderá ser obtida quando conhecermos exactamente em que circumstancias se opera o phenomeno nas camadas superiores. Quer actúe sómente o movimento convectivo local ou o alizeo, mais pesado, deslocando as camadas superiores para a expansão e consequente condensação, é necessario descobrirmos as modificações do gradiente thermico vertical, ou então o regimen das correntes mais elevadas, capazes de impedirem ou facilitarem o machinismo habitual, que produz as chuvas. Para nós, as grandes chuvas do ultimo triennio deveriam ter sido promovidas por duas causas principaes, separada ou conjunctamente: — gradiente thermico vertical mais accentuado e a diminuição da velocidade das correntes superiores. Esta suspeita só poderá ser confirmada por observações de toda a troposphera. Os dados usuaes da superficie são insufficientes.

VENTOS: — Os ventos predominantes em S. Gabriel são dos quadrantes N, NW, SE, E e NE. Os mais frequentes são de N. Os ventos dos quadrantes S e SE são mais communs á tarde. Do ponto de vista geral as correntes mais frequentes nas zonas do alto e medio Rio Negro deveriam ser as de N, E e NE, pois os alizeos de nordeste e sueste dominam o valle do Amazonas.

Em S. Gabriel o alizeo sueste já não o alcança com essa direcção e sim de leste. O alizeo nordeste tambem deve soffrer a mesma inflexão pela passagem, a que chamaremos inferior, isto é, ao sul do massiço das Guyanas. Achamos, todavia, que a maior parte deste alizeo bate em S. Gabriel pela passagem superior, isto é, pelo valle do Orenoco, atravez dos lhanos da Venezuela. Esta passagem é livre, tendo em vista que o referido massiço esvae-se na planicie antes de attingir o meridiano de S. Gabriel. Para o lado de noroeste as elevações são pequenas e mais distantes. Não acreditamos ser sufficiente a existencia de uma especie de garganta antes de alcançada a confluencia do Uaupés para explicar a sensivel frequencia do vento norte. Esta garganta, formada pela Serra do Caranguejo na margem direita do Rio Negro e as elevações fronteiras do lado opposto, deverá ser responsavel pelas correntes de noroeste, pois o seu eixo corre justamente nessa direcção. Este vento, portanto, e o de sueste da tarde, deverão ser os unicos, propriamente locaes, da região de S. Gabriel.

Mas estas supposições só lograriam ser confirmadas com outras estações meteorologicas. Manáos não se póde prestar á comparação, submettida como está, quasi que exclusivamente, á corrente leste da unica passagem que lhe serve. Maior rêde de estações tambem facilitaria a expressão barometrica da grande depressão existente sobre o equador, com a qual, descontadas as influencias orographicas, poderiamos explicar de modo mais satisfactorio o regimen dos ventos geraes e suas inflexões.

A velocidade media dos ventos em S. Gabriel é pequena, como seria de esperar. Internada no continente, os alizeos já a attingem, refreiados pelo attricto da superficie terrestre durante longo percurso. Manáos é pouco mais ventilado.

Como em Manáos (série mais longa de observações), o mez menos ventilado é o de Maio. Ora, considerando que o alizeo de nordeste concorre muito mais para a ventilação da bacia amazonica, e tendo em mente que o mesmo tende a se enfraquecer, para nós durante o verão septentrional, seria de esperar que as correntes amainassem ligeiramente em todo o valle do Amazonas. Taperinha tambem accusa o minimo do anno em Maio, o que confirma a nossa suggestão.

3). ESBOÇO ETNOGRAPHICO

Admitte-se hodiernamente, após uma profunda analyse scientifica, a origem asiatica do homem americano, cuja emigração fez-se do norte para o sul, atravez do isthmo — espalhando-se pelas immensas bacias fluviaes do Continente Meridional, onde só longo tempo depois se differenciou profusamente, em virtude das circumstancias mesologicas isoladas dos nucleos dispersos.

Desde os primeiros contactos, descriptos pelos Anchietas e conquistadores, que as tribus brasilicas despertaram a curiosidade da sciencia. Todavia, só no começo do XVII seculo é que encontramos as mais antigas noticias fidedignas sobre as populações do extremo norte do paiz, na descripção da viagem feita em 1637 pelo Padre Christobal de Acuna, da Companhia de Jesus, o qual encontrou a ilha Tupinambarana habitada por tribus tupis desertadas do Maranhão, por temerem o captiveiro luzitano.

Das relações com os tupis do littoral, foram os jesuitas aprendendo-lhes o idioma, o abanheenga, que tornou-se a lingua geral de communicação com os selvicolas. Por muitos annos foram designados pelos chronistas os indios do interior, não tupis, pelo vocabulo tapuia, que naquella lingua significa contrario ou inimigo.

Esta summaria e commoda divisão de todas as tribus brasileiras conservou-se até á primeira metade do seculo passado, quando ainda d'Orbigny grupava-os em torno de uma só raça, brasilio-guarany.

Comprehende-se o retardamento da tentativa de uma classificação ethnographica dos nossos aborigenes. Em realidade, nomes diversos nem sempre designam tribus differenciadas por caracteres especiaes, sejam somaticos, linguisticos ou ethnicos; em varios casos definem apenas grupos isolados que se desaggregaram do tronco commum, ora conservando a lingua de origem em sua pureza primitiva, ora deturpando-a ao contacto de linguas ou dialectos extranhos. A influencia dessas scisões por vezes accidentaes e instaveis explica a vultosa variedade de nomes; e não raro a designação porque é conhecida uma tribu entre seus membros diverge da que lhe advem de outros grupos ou nações indigenas, e peior ainda dos europeus, reunindo tribus de todo heterogeneas. E não ha esquecer que certos nomes, como Mirania (vagabundo) e Macú (podridão), são appellidos injuriosos, que tribus inimigas applicavam a esses indios. Outros nomes ha, finalmente, fabulosos, desde as celebres guerreiras Amazonas, aos acephalos, gigantes, pigmeus e caudatos. Era, pois, tarefa assaz difficil tentar uma coordenação scientifica, baseada nessa nomenclatura vasta e baralhada, mórmente tendo em vista que não pequena parte dos nomes transmittidos pelos chronistas da conquista e das missões ainda não puderam ser identificados aos modernos.

O ethnographo inglez Clement R. Markham tentou, primeiramente em 1864, filtrar a formidavel nomenclatura indigena do Valle do Amazonas, cujas

população lhe pareceram restos de desaggregação de uma, ou, quando muito, de duas nações antigas, excluidos os elementos extranhos provenientes de misturas com tribus caraibas, ao norte, andinas a oeste, e patagonias ao sul. Não sendo bem succedido, procurou contrastar as difficuldades que se lhe antepuzeram, confessando, entretanto, que o numero de nomes é tão consideravel, que a menção de alguns delles serve, apenas, para estabelecer confusão no espirito do ethnographo, emquanto que os nomes verdadeiros de muitas tribus lhe eram completamente desconhecidos. A lista que então organizára comprehendia os indios da bacia amazonica, disposta em ordem alphabetica, com designação das localidades em que foram encontrados, e os nomes dos autores e das obras que dellas se occuparam. A partir daquella data, novos subsidios foram prestados por escriptores e viajantes, que deram a conhecer novas regiões, de sorte que poude ser reeditada em 1895. Motivos identicos o induziram a revel-a ainda uma vez em 1910, data da ultima edição, na qual o numero de nomes foi reduzido para 1087, dentre os quaes 278 não registram, em seu conceito, senão synonimos ou nomes de ramos de maiores tribus; cerca de 30 elle os considerou extinctos, sem fallar naquelles a que se referiu Acuna, e dos quaes não encontrou referencias posteriormente; a essas deducções, addicionados 135 nomes de tribus citadas por Carlos Prince, sem indicação precisa, reduz o total da lista a 323. Ha ainda a ponderar que algumas tribus do Grande Chaco estão incluidas na citada lista, quando pertencem, mais propriamente, á bacia do Rio da Prata. E' nessa lista que se filiam as hordas e tribus do Rio Negro, aos seguintes nomes:

TRIBUS DO RIO NEGRO

- Arecuna
- Arapaso
- Aruac
- Baré
  - Baré
  - Jabaana
  - Mandauaca
  - Tariana
  - Uarequena
- Uaupé
  - Banhuna
  - Caua
  - Cohidia
  - Corecoro
  - Desana
  - Gi
  - Ipeca
  - Jacami
  - Macuna
  - Miriti
  - Mucura
  - Piriaiuru
  - Queiana
  - Tajassu
  - Tanimbuca
  - Tapura
  - Tatu
  - Tijuca
  - Tucano
  - Uacará
  - Uaiana
- Marabitana
- Papunaua
- Tarumá

Em 1885, o illustre Barão de Sant'Anna Nery publicou tambem uma lista de tribus do Estado do Amazonas, com 373 nomes, contendo entretanto os mesmos defeitos.

A aurora scientifica todavia surgiu para a ethnographia brasileira, com a orientação modernamente seguida pelo sabio allemão Carl Friedrick Felippe von Martius, na classificação das tribus indigenas, baseada no criterio linguistico, que lhe permittiu filiar todas as tribus sul-americanas a oito grupos geraes.

Esta classificação, apezar da sua gloria immorredoura, era natural que encerrasse as suas grandes imperfeições; principalmente porque Martius não poude conhecer de perto um grande numero de tribus, que ainda se encontram em estado primitivo, no centro do paiz, e por outro lado elle não escapou á influencia perturbadora que o abanheenga exercera, na epocha colonial, entre as tribus não tupis. E, mais ainda, a profunda mistura de elementos ethnicos, coincidindo com uma confusão babylonica de linguas, ao lado de unificações e nivelamentos de costumes, impediram ao ethnologo maiores avanços, que só mais tarde puderam ser feitos.

A primeira expedição de Karl von den Steinen ao rio Xingú, em 1884, contribuiu para alargar consideravelmente o circulo desses importantissimos estudos, graças ao valioso material colhido in loco entre as numerosas tribus encontradas no centro do Brasil, em estado ainda pre-cabralino. Esses novos elementos vieram, pois, supprir grandes lacunas da obra de Martius, fornecendo a base para uma nova classificação.

A segunda expedição, realizada em 1887 e 1888, na qual tomou parte Paul Ehrenreich, confirmou alguns dos resultados da anterior, concorrendo todavia para uma nova revisão, que soffreu alterações notaveis.

Outros ethnologos trouxeram ulteriormente o seu sabio concurso em pról do magno problema, salientando-se Lucien Adam, Brinton, Raoul de la Grasserie, Koch Grunberg, Ermano Stradelli, Beuchat, P. Rivet, Créquit-Contfort, R. Schuller e tantos outros.

A bacia do Rio Negro, que nos interessa no presente estudo, acha-se comprehendida na primeira grande região ethnogeographica de Ehrenreich.

As suas tribus pertencem ás seguintes familias linguisticas: Aruac, Caraiba, Tucano, e os Macú, de duvidosa affinidade.

Os Aruacs foram o primeiro povo encontrado por Colombo ao aportar nas ilhas Lucayas, em 1492. Occupavam nessa epocha as Grandes Antilhas, onde viviam em guerra defensiva com os Caraibas, que os expulsaram em éra pré-colombiana das Pequenas Antilhas, e os foram gradualmente impellindo para o Continente. Da Venezuela desceram pelo Orenoco, e transpuzeram pelo Casiquiari e outras communicações o Rio Negro, internando-se até ao Paraguay, e, galgando a cordilheira, attingiram as costas do Pacifico. Ethnographicamente caracterizaram-se como agricultores, habeis ceramistas e isentos da anthropophagia.

Eram os Caribas uma tribu de piratas canibaes, que infestaram as Antilhas, raptando as mulheres aruacs, as quaes conservaram a sua lingua vernacula, originando-se dahi o dualismo linguistico, que foi encontrado mais tarde. As ultimas descobertas de tribus genuinamente caraibas, no sertão matto-grossense, induziram á hypothese da sua dispersão ter se dado de sul para norte. Segundo Martius, todos os nomes de tribus prefixados de car, care ou cari, indicam provavel affinidade caraiba. Julga-se ter sido a denominação caraiba, ainda hoje empregada, proveniente de um equivoco dos descobridores, pois, significando extrangeiro, na lingua dos naturaes, teria sido a expressão com que os receberam; e é facto notorio que algumas tribus aruacs de Honduras, Antilhas e Alto Rio Negro denominam-se, ou denominaram-se Caribe.

O explorador Daniel G. Brinton, em 1892, grupou varias tribus, disseminadas entre o Solimões e as Guyanas, sob uma nova familia linguistica, que recebeu o nome Betoia, da mais septentrional dessas tribus. P. Rivet

conseguiu constatar todavia, em 1913, a differenciação da tribu Betoia, passando a incluil-a na familia Chibcha, e propoz então a nova denominação de Tucano de outra numerosa tribu do citado grupo. Varios argumentos, de ordem ethnolinguistica, induzem-nos a crêr que só em epocha relativamente recente deu-se a occupação dos Tucanos no Alto Rio Negro e affluentes, tendo descido por via dos rios Napo, Içá e Japurá.

O grupo dos Macús encerra grande quantidade de individuos mais ou menos nomades e de caracteres dissemelhantes alguns, que vagueiam das cabeceiras do Rio Branco ao Japurá, escravisados pelas tribus Aruacs e Tucanos; está a exigir ainda maiores investigações. O seu nome, segundo já dissemos, significa podridão, alcunha esta insultuosa, que lhes foi applicada pelos Aruacs.

Ensaiamos a organização synoptica do seguinte quadro, comprehendendo os grupos linguisticos, tribus, hordas e familias indigenas do Rio Negro, de accôrdo com as mais recentes classificações:

Tribus do Rio Negro

- ARUAC
  - Acari
  - Ariini
  - Aruac
  - Baniua
    - Carutana
      - Djaui-minanei
      - Mabatsi-dáqueni
      - Uatsoli-dáqueni
    - Derunei
    - Oaliperi-dáqueni
      - Adzanéni
      - Catapolitani
      - Jauareté
      - Mauliéne
      - Molinéne
    - Capiti-minanei
    - Cumata-minanei
    - Hama-dáqueni
  - Baré
    - Tariana
      - Iyeine
    - Jabaana
    - Mandauaca
    - Mepuri
    - Uarequena
  - Carariai
  - Caribe
  - Cauiari
  - Manáo
    - Caburicena
    - Marabitana
    - Orumanáo
    - Urariua
  - Paivarini
  - Tarumá
- TUCANO
  - Bará
  - Buhagana
  - Carapaná
  - Cubeua
  - Desána
  - Erulia
  - Huhuteni
    - Uanána
  - Juris
    - Korea (Arapaso)
    - Assai
    - Tajassu
  - Passé
  - Piratapuia
  - Tseloa
  - Tucano
  - Tuyuca
  - Uiuna
  - Yokorva (Kurana)
- CARAIBA
  - Arecuna
  - Burenari
  - Maquitari
- MACU'

Resta-nos fazer uma ligeira descripção das tribus, umas existentes, outras extinctas, algumas que se extinguiram sem deixar vestigio scientifico; repetiremos todos os synonimos e as variações orthographicas incorrectas, provenientes das nacionalidades dos differentes autores que as descreveram:

Acari, Acary — pequena tribu nas nascentes do rio Içana, pertencente ao grupo aruac.

Adaraio, Addaraia — Citados como antigos indios do Rio Negro.

Adzanéni, Tatu-tapuio, Tatutapiá — "Indios armadilha". Encontrados no rio Içana, da Aldeia S. Joaquim até ás nascentes; no paraná Canisi, affluente do Uaupés; no alto Cuiari e seus affluentes, e no rio Papuri. Foram aldeiados em 1852-1853, nas Aldeias S. João, S. Pedro de Cuema e Cuaripane. Falam, com pequenas modificações dialecticas, a lingua dos Catapolitani.

Aguaira, Aguayra — Uma tribu mencionada no Rio Negro, talvez os mesmos Aguara.

Aguára — Assignalados no rio Uaupés.

Andira, Andirá, Andirâ, Andira-tapuio, Andura, Andurá — "Indios morcego". Nomades e noctivagos; de dia dormem com as mãos e pés juntos, pendurados nas arvores, dahi o nome por que são conhecidos. Têm a pelle clara. Habitam nas nascentes do Tiquié, acima dos indios Tuyuca, e tambem outróra foram encontrados nos rios Araganatuba, Madeira e Tapajóz.

Aponaria, Aponariá, Apinaria. — Mencionados na bacia do Rio Negro; provavelmente extinctos.

Arapasso, Arapaso, Arapassu, Arapazzo, Arapacu, Irauassú, Iravassú, Irapassú, Uirapassú, Uirauassú, Oira-açú, Oiraaçú Tapuuja — "Indios passaro grande" ou "Picapáo". Uma sub-tribu que se encontra localisada entre o Japurá e o Uaupés; um ramo dos Juripixuna. Elles moram actualmente nos rios Jujutu-arapecuma, alto Japú, paraná Papunha, etc., affluentes do Uaupés. Foram aldeiados, em 1852-1853, pelo missionario Capuchinho Frei Gregorio José Maria de Bene, em S. Jeronymo, Nanarapecuma e S. Joaquim.

Arapaxi — Citados no rio Uaupés; talvez os mesmos Arapasso.

Arara — "Aras, semelhante ao dia, á luz", no rio Uaupés.

Arecuna, Aricuna, Aricuma, Arekaina, Arekuna, Arakuyana, Ararikuna, Arikuna, Yarikuna — Tribu de origem caraiba, no Rio Negro, alto Içana, Rio Branco e outros affluentes. Faziam guerra ás tribus vizinhas para obter prisioneiros para alimento. Em suas idéas religiosas primitivas assemelham-se aos indios do rio Uaupés.

Ariini, Aranhi, Ariinii, Ayrini, Aryhini, Arayini, Ayriny, Arahini — "Os avós" ou "os grandes generosos". Nos rios Canaburi e Miruá, e outros affluentes do Rio Negro, proximos á fronteira. Falavam a lingua Baré. Foram aldeiados pelos missionarios Carmelitas, no seculo XVIII, em N. S. de Curiana e em S. José de Marabitanas; estavam já extinctos no começo do seculo passado.

Aruac, Aroá, Aruak, Aruaki, Aruaqui, Aruaquy, Aruaquê, Aroaqui, Aranak, Arawaac, Arauvac. Arauak, Araiwaken, Aoaquiz, Arauaqui, Arubaqui, Arouage, Uaruaqui. — Já em 1669 o missionario Frei Thedosio encontrára a sua principal morada no rio Jauaperi, onde no seculo seguinte ainda foram assignalados. Achavam-se, no mappa de Fritz (1707), localisados na margem septentrional do Amazonas, logo abaixo da embocadura do Rio Negro, cuja região dominaram até o fim do XVIII seculo, extendendo-se pelo Uatumá, Jatapú, Matari, Urubú, Anavilhana, campos do Pirara e rio Tacutú, um affluen-

te do Rio Branco. Ainda hoje encontram-se restos desta tribu no rio Uatumá. Os Pariqui, Uassahy e Crichaná são familias dessa nação. Os portuguezes alcunhavam-n-os de Orelhudos.

Assai Tapuuja — "Indios palmeira". Um ramo dos Juri. Talvez os mesmos Assaiani.

Assaiani, Assauinaui, Assiaunau, Ussahyani. — Indios dos rios Içana e Ixié.

Baniua, Baniva, Baniba, Baniwa, Maniba, Maniva, Vaniva, Poignare — "Os plantadores de mandioca". Tribu espalhada desde as nascentes do Rio Negro (Guainia), até o Içana, Ixié e Uaupés. Os Baniua e Baré, que são aparentados, foram dos primeiros que se agruparam em torno da fortaleza de S. José da Barra do Rio Negro, em 1693, da qual originou-se, como já tivemos ensejo de dizer, a cidade de Manáus. Foram aldeiados mais tarde pelos Carmelitas em N. S. da Guia, S. João Baptista de Mabé, S. Marcellino, Sant'Anna, S. Felippe e outras povoações do Rio Negro; em 1852-1853 foram domiciliados pelo capuchinho Frei Gregorio José Maria de Bene, nas Aldeias Carurú-Cachoeira, Jauareté-Cachoeira e S. Joaquim, no rio Uaupés, e Sitio Firmiano, Sitio S. Matheus e Santo Antonio de Tunuhi, no rio Içana. São de typo feio, e muito delles sujeitos á terrivel molestia da pelle, o puru-puru. Fallam além da lingua geral varios dialectos aruac e tomam designações locaes differentes.

Bapiána — Tribu indicada na região do Rio Negro. Talvez os mesmos Banhuna.

Bará — Indios que moram no igarapé Macuco, affluente da margem esquerda do rio Tiquié; são avaliados em cerca de umas cem almas. Raramente têm sido visitados pelos civilizados. São vegetarianos, porque o meio em que vivem não lhes facilita a caça e a pesca; plantam em redor das suas malocas unicamente a mandioca, que constitue a base da sua alimentação; nutrem-se tambem, por vezes, de formigas saúvas e gafanhotos assados, que recolhem das ingazeiras. As suas armas são apenas a zaravatana e cuidarú. Pertencem ao grupo Tucano, com proximo parentesco aos Tselva e Tuyuca.

Baré, Barré, Baé — "Camarada". Importante tribu do Alto Rio Negro, Cassiquiari, Uaupés, Apaporis e Canamari. Foram domiciliados pelos missionarios Carmelitas, desde os primeiros annos, em quasi todas as povoações do Rio Negro, e alguns tambem desviaram-se para as Aldeias administradas pelos Capuchos da Piedade. Pelas suas maneiras insinuantes e grande actividade, conseguiram absorver todas as tribus do Orenoco e Cassiquiari, que hoje fallam a sua lingua, assaz melodiosa. São de origem aruac, como os Baniua.

Banhuna, Bauna, Bauhuna, Baeuna, Baceuna, Baiana, Bayana, Bayanai, Bayaná, Baianai, Bayanahy, Payana, Poyana, Poiana, Pajana, Paxiána, Pauchiana, Pauixana, Paguana, Pueiána, Puilána, Puelava — Tribu que se extende por uma vasta região, onde é conhecida e designada por muitos nomes, como se vê. Encontra-se disseminada no Rio Branco e seus affluentes, Caratirimari e Mocajahi, no Rio Negro, Uaupés, Içana, Apaporis, Japurá, e até no Juruá. Foram aldeiados pelos Carmelitas em Poiares, Fonte Boq e Silves, em 1852-1853; o missionario Capuchinho Frei Gregorio José Maria de Bene domiciliou-os na Aldeia Mutum-Cacheira, no Rio Uaupés. Usavam uma tatuagem negra nos labios, e tinham as orelhas talhadas e ornadas de pennas de tucano.

Beiju — Uma familia de indios Cubena, que foi missionada por Frei Gregorio José Maria de Bene, em 1852 - 1853, na Aldeia Mucurarapecuma, no rio Uaupés.

Berepayuinari, Beriba-quyinasti, Biriba-carava — "Homens que esperam os fructos do biriba" (uma Leucythis ?). Indios do Alto Rio Negro, e que tambem se encontram no Estado de Matto Grosso.

Buhagana — Indios do grupo Tucano, que se encontram ainda no rio Tiquié, affluente do Uaupés.

Burenari, Bonari, Boanári, Boianara, Boayatana — "Homens cobra", indios de origem carahiba, que moram no rio Uaupés.

Caburicena, Cauauricena — Aborigenes do rio Caburi, affluente da margem meridional do Rio Negro. Provavelmente constituem um fragmento dos Manáos, e foi a terceira horda que veiu aldeiar-se em Itarendaua (Moura), sob a direcção dos missionarios Carmelitas, no seculo XVIII.

Cainatari, Cainatary, Acanyatara-tapuia — Encontram-se actualmente no rio Castanha, affluente do rio Tiquié. Aldeiados em Pacu-Cachoeira, no rio Uaupés, em 1852-1853, pelo missionario Capuchinho Frei Gregorio José Maria de Bene.

Cipiti-minanei, Cahuayapiti, Cuati-tapuio, Coaty, Kuati-tapuio, Quai, Quaty — Indios aruac que habitam nas cabeceiras do rio Içana, perto das cachoeiras Araçú, Jurupari e Jandu. Chamam-se a si proprios, no seu dialecto, Capito-minanei, e são denominados Cuati-tapuio, na lingua geral. Foram missionados pelo Capuchinho Frei Gregorio José Bene, em 1852-1853, nas Aldeias Pacu Cachoeira, no rio Uaupés, e S. João de Cuipane, Nappu Cachoeira, S. Pedro de Cuema e Cuaripane, no rio Içana. Tão pouco se lembram dos ensinamentos de outr'ora, que praticam hoje em dia a polygamia; os homens usam vestir-se; porém, as mulheres só saia e algumas vezes camisas. São de bôa compleição physica.

Capuena, Caapiená — "Bebedores de Capi". Tribu que habita nas nascentes do rio Ixié.

Carapaná-tapuia, Carananan — "Indios palradores". Confundem-se e confinam com os Miranias. Encontram-se na Cachoeira Jurupari, no rio Uaupés e nos rios Tiquié e Papuri. Foram missionados em 1852-1853, pelo Capuchinho Frei Gregorio Maria de Bene, nas Aldeias Nanarapecuma e S. Joaquim, no rio Uaupés e Santa Luzia de Turigarapé, no rio Papuri. Os Capuchinhos, em 1888, converteram 892, no rio Içana.

Carariai, Carajahi, Carahyay, Caraiyai. Caraiay, Caraiá, Cariahi, Carayai, Carajá, Carahiahy, Caraya — Indios do Baixo Rio Negro, que viveram outr'ora em lucta com os Manáos. Habitaram a principio os rios Jaú e Anani, onde soffreram terrivel perseguição dos bandidos Mura, no começo do seculo XVIII. Tiveram suas moradas tambem nos rios Canaburi, Uaracá e Uererê.

Caribi, Cariba, Caryba, Caribana, Carabana, Cariana — Hordas guerreiras com este nome foram encontradas nas serras a oeste do rio Repunuri e no rio Canaburi, affluente á margem esquerda do Alto Rio Negro. Elles adquiriram com os hollandezes, já no seculo XVIII, armas de fogo, em troca dos seus prisioneiros.

Carutana, Karutana, Caruzana, Korekarú, Corecarú, Corecarú — A população actual do baixo Içana distribue-se por varios sitios e povoações, restos dos antigos nucleos formados pelos missionarios. E' constituida por um grupo de indios Baniuas, que pelos seus vizinhos do norte são appelidados por aquelles nomes, devido ao habito que elles têm de pronunciar constantemente os vocabulos caru (não, nada) e carupacaba (não está ahi). Esses indios com pequenas modificações dialecticas fallam o idioma aruac, porém profundamente differente do dos Baniua da Venezuela. Na sua intimidade elles têm os seus nomes de grupo e que muitas vezes só se referem a pequenas communidades. Os Carutana são de estatura regular e muito musculosos, formando um typo anthropologico bem caracteristico; o seu rosto, de traços firmes e o nariz adunco, differencia-os physicamente dos seus parentes venezuelanos. São habeis na fabricação das suas louças e trabalho de vime, que apresentam variados ornatos. Apezar do longo contacto que experimentaram com os brancos, na sua vida domestica e social, salvo pequenos habitos semi-civilizados, conservam na sua pureza primitiva os seus habitos indigenas. Costumam os homens usar calça e camisa, e as mulheres saia e nem sempre corpinhos de chita. O typo actual das suas habitações é identico ao dos sertanejos pobres de todo o interior do paiz, de páo a pique, e cobertas de sapé. Além da sua giria, fallam correntemente a lingua geral, porém só muito poucos o portuguez. O abandono em que deixaram ha muito os civilizados fizeram-n-os retroceder aos habitos antichristãos: festejam com muita desordem os dias santificados, vivendo comtudo em polygamia.

Catapolitani, Catapolitane, Catapulitana, Katopolitani, Cadanaburitana, Cadanapuritana, Cadauapuritana, Cadauaporitaua — Indios Baniua que moram pouco acima dos Carutan, no igarapé Umacá, affluente da margem esquerda do rio Içana, e no rio Ixié. Foram missionados em 1852-1853 por Frei Gregorio José Maria de Bene, na Aldeia de N. S. de Nazareth, no rio Içana. Actualmente a sua principal moradia fica perto da antiga Aldeia de Santo Antonio de Tunuhi, junto dos rapidos desse nome, e têm mais quatro residencias em Japurarapecuma, S. Joaquim, S. José e S. Marcellino.

Caua-tapuio, Kaua-tapuio, Coua, Mauliéne — "Indios vespa". Emigraram em outros tempos, do rio Querari, affluente da margem esquerda do rio Uaupés, onde foram dominados pelos indios Cobenas, cuja lingua e habitos por muito tempo adoptaram. Passando para o rio Aiari, onde constituem hoje em dia o principal continente indigena, entraram novamente em contacto com os seus parentes aruac. Habitam particularmente o curso superior do Aiari, o paraná Uirauassú, e o igarapé Uaraná, affluentes da margem esquerda do curso medio daquelle rio. A' margem do paraná Uirauassú encontra-se uma grande maloca desta tribu, e na cachoeira Jurupari, no rio Aiari, uma outra com cerca de 40 habitantes, de diversas tribus, na maioria Caua, alguns Siusi e dois Tariana. Ha ahi alguns individuos atacados do puru-puru, apresentando manchas negras, brancas e vermelhas pelo corpo e cuja causa é ignorada. Alguns attribuem-nas ao consumo do peixe pirarára, cuja banha dizem ter a propriedade de alterar a coloração do pigmento. Os indios costumam arrancar as pennas das araras, e com ellas untar as manchas do puru-puru com a gordura do referido peixe, e as pennas tomam uma côr alaranjada, fixa e inapagavel. Vivem em polygamia, em regra duas mulheres para cada homem, uma velha e outra moça. São semi-civilizados, pela vaga lembrança dos antigos evangelisadores; como os seus vizinhos, os homens andam vestidos e as mulheres usam saia e ás vezes camisa de chita. São de estatura regular, esbeltos e sympathicos. São alcunhados Maulieni pelos seus vizinhos Siusi.

Cauiari, Cauari, Cauiyari, Kauyari, Caverre, Cabre — "Homens das selvas". Tribu aurac aparentada mui de perto com os Siusi e Ipeca. Moravam nos rios Içana e Ixié, onde comprehendiam differentes hordas; perseguidos pelos Caraiba do norte e noroeste do Alto Rio Negro, foram em parte aniquilados, e os que puderam escapar abandonaram o seu antigo habitat pela região do Apaporis, affluente do rio Japurá, onde actualmente ainda se encontram em pequeno numero. Alguns delles foram estabelecidos, em meiados do seculo XVIII, na Aldeia de Mariuá (Barcellos). Esta tribu extendia-se tambem pelo Orenoco, onde era conhecida pelos hespanhóes com o nome de Caverre ou Cabre.

Chapera, Chaperu — Mencionados como indigenas na bacia do Rio Negro.

Cobeua, Cobeu, Cubéo, Cubeua, Cubeuana, Cubenana, Cubeu, Coeuna, Coeuana, Cojana, Coiana, Cueuana, Cauana, Coiná, Cabeuana — Indios do grupo Tucano, nos rios Uaupés e Içana. Foram aldeiados pelos Carmelitas no seculo XVIII, e nos meiados do seculo passado os capuchinhos domiciliaram-n-os nas Aldeias Mutum-Cachoeira, Mucurarapecuma, Aracupuri, Caruru-Cachoeira, S. Jeronymo e S. Joaquim de Coane, no rio Uaupés.

Cohidia — Indicados no rio Uaupés.

Comani, Comany, Conami, Cumani — Uma tribu mencionada no Rio Negro. Foram encontrados tambem em Silves e Maués.

Corocóro — "Indios ibis verde". Nos rios Cuerari e Codaiari, affluentes do Uaupés.

Cucuani, Cocuane — Domiciliados na aldeia São Joaquim, no rio Uaupés, em meados do seculo passado, pelos missionarios Capuchinhos.

Cuduiari, Cudujari, Cadajari — Tribu mencionada no rio Uaupés, no fim do seculo XVIII.

Cumata-minanei, Ipeca-tapuio, Ipeca, Ipeka-tapuio — "Indios pato". Tribu aruac do alto Rio Içana, onde occupa varias povoações, desde a cachoeira de Aracú até Santa Barbara, seu nucleo principal, extendendo-se ao paraná Jauareté. Foram missionados por Frei Gregorio José Maria Bene, em 1852-1853, nas Aldeias S. Pedro de Cuemane, Nappu Cachoeira e Cuaripane, no rio Içana. A Aldeia S. Pedro, que fica a 110 leguas da foz, abrigava, em 1856, 64 almas. São somatica e linguisticamente aparentados com os Siusi. São por si mesmos denominados Cumata-minunei, e na lingua geral Ipeca-tapuio. Guardam, como os seus vizinhos das antigas missões, pouco proveito, pois, voltaram igualmente á polygamia. O seu physico é semelhante ao das outras tribus do rio Içana, e têm os mesmos habitos.

Cunicuriaú — Tribu que, juntamente com os Mariá, foi aldeiada em Santo Antonio do Castanheiro Novo, pelos missionarios Carmelitas, no seculo XVIII.

Curanáo, Curanáu, Curani — "Os insultadores". Poderosos inimigos dos Manáos. Moravam nos rios Marauiá, Inabú e Abuára, affluentes da margem septentrional do Rio Negro. Uma familia delles foi domiciliada em Santo Antonio do Castanheiro Novo. Eram já extinctos no fim do XVIII seculo.

Curati — Aldeiados pelos Capuchinhos em meiados do seculo passado, no rio Uaupés.

Curêra — Indicados no rio Codaiari, onde os Capuchinhos converteram 786, no anno de 1888.

Curuaxi — Tribu mencionada no Rio Negro.
Curupataba — Idem.

Cutia-tapuio — Indios domiciliados por Frei Gregorio José Maria de Bene, em 1852-1853, na Aldeia Jabutirapecuma, no rio Uaupés.

Demacuri, Damacuri, Demacari, Demacury — Indigenas que habitavam nos rios Miuá e Canaburi, affluentes da margem norte do Rio Negro. Foram aldeiados nas povoações de Caldas e S. Pedro, no ultimo quartel do seculo XVIII pelos missionarios Carmelitas, cuja população mameluca actual das referidas povoações delles descende.

Derunei — Uma familia de Baniua que actualmente mora na pequena povoação Mumbaca, á margem esquerda do rio Içana, que ha tempos emigrou vinda do norte. São considerados esses indios, pelos Carutaná, como forasteiros, embora ha muito tenham adquirido o seu idioma.

Desana, Desanna, Dessana, Deçana, Deçanua, Deesana, Deçaça, Dessano — Tribu pertencente ao grupo Tucano, que tem actualmente as suas malocas entre os rios Papuri e Tiquié, affluentes do Uaupés, e das nascentes deste ultimo até o Guaviare. No rio Tiquié existem doze malocas, que abrigam cerca de 300 almas; no igarapé Teú, affluente do Tiquié, elles têm uma grande povoação; no lago Yauira existe uma maloca com 40 pessoas, e na foz do paraná Castanha, tambem affluente do Tiquié, vê-se outra importante maloca. Elles foram visitados em meiados do seculo passado por Frei Gregorio José Maria de Bene, nas Aldeias Aracapuri, Juquirapecuma, S. Jeronymo de Coane, S. Joaquim, Anarapecuma e Carurú-Cachoeira, no rio Uaupés.

Djaui-minanei, Dzaui-minanei, Onça — "Indio jaguar". Uma familia de Carutana, que mora actualmente na Aldeia Pirajauara, no rio Içana. Missionados por Frei Gregorio José Maria de Bene, em 1852-1853.

Duanae — Indicados no rio Içana.

Eramanáo, Oromanáo, Omanáo — Indios que habitaram ao longo do rio Padauari, em grandes agrupamentos. Possuiam os mesmos caracteristicos dos Manáo.

Erulia — Indios do grupo Tucano, que habitam no rio Pirapananá.

Gi-tapuia — "Indios machado". No rio Querari, affluente do Uaupés.

Giboia — Domiciliados na aldeia Aracapuri, no rio Uaupés, em 1852-1853, por Frei Gregorio José Maria de Bene.

Guarianacagua — Tribu indicada no Rio Negro.

Giurina — Mencionados no Rio Negro.

Hama-dakeni, Tapüra-Tapuia, Tapihira — "Indios Anta". Sobre o paraná Surubi, affluente do alto Içana. Chamam-se Hama-dákeni, em sua propria lingua, e Tapihira na lingua geral. Foram domiciliados em 1852-1853, por Frei Gregorio José Maria de Bene, nas Aldeias Mutu-Cachoeira e Pacu-Cachoeira, no rio Uaupés, e São Pedro de Cuema e Curiapane, no rio Içana.

Huhúteni, Iuiudeni, Vovodeni — Indios do grupo Tucano, que habitam no baixo Aiari, no logar denominado Puraqui-Lago, em duas malocas. Foram missionados em 1852 - 1853, por Frei Gregorio José Maria de Bene, na Aldeia S. José, no rio Içana. São indios de bello typo physico; os homens andam vestidos, as mulheres usam saia e ás vezes corpinho de chita. São polygamos.

Içana, Içanna, Isanna, Papunaua — "Gente de embarcação" ou "navegadores". Uma horda dos Baré, no rio do mesmo nome. Estes indios cortavam os cabellos; as mulheres andavam vestidas e adornavam-se com braceletes. Suas cabanas eram reunidas, formando pequenas villas. Enterravam os seus mortos dentro das choças, porém não faziam festas nestas occasiões.

Iyeine, Iaine, Jurupari-tapuio, Yurupari-tapuya — "Indios inimigos". Uma sub-tribu dos Tarina, que habita na parte superior do rio Jauareté, separada daquelles pelos Uina-tapuio, uma horda Tucano. Em sua propria lingua chamam-se Iyeine, e na lingua geral são denominados Jurupari-tapuio.

Jabaana, Jabahana, Jabaná, Jahahana, Jaboána, Japuána, Yabahaná, Yabahane, Hiabaana, Chapoanna — Derivado da ave Japú (Cassicus) "indio sacco", por causa dos ninhos em forma de sacco, que fazem esses indios. Constituem um ramo dos Baré, que habitaram entre os rios Inabú e Marauiá, misturados com os Curanáo.

Jacami-tapuia — "Indios trombeteiros". Indicados no rio Uaupés. Talvez os mesmos Buxpu-maxsa.

Jandu-tapuia — "Indios aranha". Domiciliados nas Aldeias S. José e S. Lourenço no rio Içana, pelo missionario Capuchinho Frei Gregorio José Maria de Bene, em meiados do seculo passado.

Jupiuá — Indicados no Rio Negro.

Jaruna, Juruná, Juruina — Idem.

Jauareté, Iauareté, Iauarethé, Hiauarethe-tapuio, Yauaretê-tapuio — "Indios lynce". Uma sub-divisão. Moram no curso inferior do rio Cuiari. Foram missionados em 1852 - 1853, em N. S. de Nazareth e Santo Antonio de Iunuhi, por Frei Gregorio José Maria de Bene.

Juina — Entre os rios Iquié, Uaupés, Apaporis, e que de vez em quando emigram para o Rio Negro.

Juná — Indicados na região fluvial do Rio Negro.

Juripixuna, Juri, Yuri, Jury, Iuri, Hyury, Jurupixuna, Yurupixuna, Pexuna, Pixuna — "Bocca negra" — Habitaram o rio Poreos e outros affluentes da margem occidental do rio Japurá, extendendo-se até os rios Içá, Teffé, e Negro. Distinguiam-se das tribus vizinhas por uma tatuagem de maior ou menor extensão, feita em torno da bocca, a qual constituia um signal de alliança, visto que, essas tribus, apesar da differença de dialectos e desigualdade de origem, viviam pacificamente entre si e até com os outros. Esta marca caracteristica constava de uma malha, que começava abaixo dos labios, occupava a maior parte do rosto, terminando abaixo dos olhos, numa linha horizontal, afim de fixar a tinta de maneira que a mascara não desapparecesse mais; picavam a cara com os espinhos da palmeira pupunha, pulverisando os arranhões com as cinzas das suas folhas. Os encarregados dessa dolorosa

operação eram os velhos da tribu, que levavam as crianças para o matto, longe dos paes, afim de que estes não lhes ouvissem o chôro provocado pela mortificação produzida pelo referido ornato. Não raras vezes, sobrevinham erisipelas, de que alguns chegavam a morrer. A' proporção que o indio ia crescendo em idade, era augmentada a mascara; os adultos traziam toda a cara mascarada, uns contentando-se com o xadrez nas faces, outros estendendo-o á testa e ao espaço entre as sobrancelhas. Usavam no joelho e no ante-braço ligas azues da largura de uma pollegada, feitas de fio de algodão, e que apertavam fortemente; traziam sobre o corpo suspensorios de fibra de turi; e na cabeça um penacho de pennas de tucano. O seu cabello, tão crespo e agarrado á cabeça, assemelhava-se ao dos africanos. As mulheres andavam completamente núas, trazendo o corpo pitando de urucú. As suas armas eram a zaravatana, o murucú, a braçanga e o cuidarú; as flexas eram envenenadas com o curare, preparado pelos pagés. Suas malocas eram de forma conica, construida de compridos páos com outros horizontalmente trançados, e cobertas de folhas de palmeira, dando o aspecto geral de um zimborio. Os Jurupixuna são aparentados com os Passé, que os sobrepujam entretanto em esbelteza, harmonia de forma e tez clara. São todavia robustos, intelligentes e humildes, Foram facilmente aldeiados no começo do seculo XVIII, pelos missionarios Carmelitas, nas povoações do Rio Negro e Japurá onde se envergonhavam tanto da sua ridicula figura, que faziam o possivel para livrarem-se das taes mascaras. Em 1820 eram calculados ainda em cerca de 2.000 almas; hoje restam apenas poucas familias nas margens afastadas do rio Teffé. A sua degenerescencia é, em parte, attribuida ao uso dos casamentos consanguineos.

Juri-Taboca, Taboca-tapuia — "Indios rolha". Uma sub tribu dos Juripixuna, que usavam um cylindro feito de palmeira, atravessado no labio inferior.

Kuraua-tapuio, Hiuruá, Inucuá — Essa tribu tem o seu centro principal na Aldeia Juquirapecuma, no rio Uaupés. Encontram-se tambem no igarapé Uainambi, affluente da margem direita do rio Tiquié. Provavelmente os mesmos anteriores.

Mabátsi-dákeni — Uma familia de Carutana, que mora na Aldeia Santa Anna, no rio Içana.

Mabiú — entre os rios Tiquié, Uaupés e Apaporis.

Macú, Makú Mahacu — "Podridão". Alcunha insultuosa applicada pelos Arauac e muitas tribus inferiores, que fallam dialectos differentes e vagueiam, entregues á pilhagem, pela vasta região do Japurá ao alto rio Branco. Encontram-se actualmente nas margens do Rio Negro, no Jurubaxi, Marié, Curicuriai, Canaburi, Padauari, Papuri, igarapé Cuniri, paraná, Tiquié, igarapé Macú, Uaupés e Auari, affluente da margem esquerda do Urariquera. Não ha ainda provas de que todos os indios denominados Macú, nesta vasta extensão territorial, pertençam ao mesmo grupo. Os Macú do rio Auari fallam um dialecto que não tem a minima affinidade com qualquer outra lingua americana. São indios nomades e muitos miseraveis, não têm casa, dormem ao relento, nas mattas, sobre folhas tenras de palmeiras. Andam nús e não trazem no corpo nenhum distinctivo de tribu. Muitas vezes atacam as malocas de outras tribus, matando todos os habitantes, por isso são perseguidos pelos seus vizinhos, mormente os Tucano e Desana do baixo e medio Tiquié, que os escravisam. Usam arcos e flechas diversas, untadas de terrivel veneno, zaravatanas e cacetes. Algumas tribus do interior ainda usam machados de silex, e não conhecem canôas, atravessando os rios a nado. Não têm plantações. Comem todas as especies de peixes e aves assadas. Têm os cabellos ondulados, quasi crespos. Fo-

ram muitos delles outr'ora aldeiados pelos missionarios Carmelitas, em Maupi, Santo Antonio do Castanheiro Novo, Curiana, etc. Em 1852-1853, foram domiciliados nas Aldeias Mutum-Cachoeira e S. Joaquim no rio Uaupés; em 1888. Capuchinhos converteram 669, dos quaes 162 foram agrupados em uma povoação.

Macucoena, Macucuena — Derivado do passaro macú; encontrados no rio Uaupés.

Macuná, Macune, Makuna — Macú de cor negra. Desacreditados como inimigos e caracterisados pela côr escura da pelle, zambos, ou indios que se pintam de preto, para se tornarem temidos dos outros; têm a mesma malha dos Juripixuna. São mencionados entre os affluentes do Rio Negro, no Araganatuba, Apaporis e Japurá.

Mandauacá, Madauaca, Madunaca — Um ramo dos Baré. No rio Canaburi, affluente da margem suptentrional do Rio Negro.

Maiapéna, Maiapina, Mapini — No rio Curicuriai, affluente da margem sul do Rio Negro.

Mamánga, Mamangá, Mamenga, Mamayama, Mamajamaz — Uma tribu do Rio Negro, Uaupés e Japurá.

Manacuri — Indicados na região do Rio Negro.

Manáo, Manáu, Manaó, Manahó, Manave, Manavi, Managne, Manoa, Manahua — Tribu de origem aruac das mais importantes do Rio Negro; constituia no seculo XVIII a sua população dominante. Elles habitavam em maior numero nos rios Xiuára e Mirauiá, e ao longo da margem esquerda do Padauari. Já na descripção do famoso El Dorado, elles apparecem como personagens daquellas maravilhosas narrativas. Eram inimigos terriveis dos Caraiai, aos quaes conseguiram exterminar. Avalia-se esta poderosa tribu, quando os portuguezes penetraram no Rio Negro, em alguns milhares. As suas malocas eram de forma conica, e, onde a população era muito densa, tinham habitações espaçosas com paredes de taipa. Navegavam o rio em enormes ubás, feitas de jacareuva ou angelim (collophyllum e andira). Eram habeis pescadores. Usavam uma pequena tanga pendente feita de fios de fibra de miriti. Em seu estado selvagem possuiam interessantes principios de religião; sustentavam a existencia de dois deuses: Mauari, autor de todo o bem, e Sauará, causador de todos os males que affligem a especie humana. A este ultimo representavam debaixo de horriveis apparencias, e davam-lhe particular culto, afim de aplacarem a sua colera. Eram anthropomorphistas, attribuindo a esses deuses fórmas humanas, porém, com uma natureza sobrenatural e sobre as quaes imaginaram as lendas mais incoherentes e absurdas. Não exerciam comtudo nenhuma forma de culto publico, não poussuiam templos em honra dessas divindades, nem sacerdotes consagrados ao seu serviço. Uma das principaes fabulas provindas dos Manáos é a do Motocú, ou demonio dos pés virados, cujas perennes jornadas faziam-se por interminaveis atalhos, incendiando floresta, e deixando após si rochas estereis. Embora fossem a principio guerreiros e caçadores de homens, foram elles rapidamente catechisados pelo devotado zelo dos missionarios Carmelitas, no seculo XVIII. E ao chefe Camandari que se deve a fundação da Aldeia Marauiá, depois Villa de Barcellos; e foi celebre tambem o heroe Ajuricaba, por tantos annos temido em todo o rio, o qual tombou, finalmente, ás mãos dos colonisadores, que o aprisionaram com 2.000 homens da tribu. Os Manáos constituiam em 1775 a nação de mais renome, pelo valor, pelo numero, pela lingua e pelos costumes. Foram aldeiados pelos Carmelitas em S. José da Barra do Rio Negro (Manáus), Jahú, (Ayrão), Camarú (Poiares), Mariuá (Barcellos), Dari (La-

Dois soberbos aspectos da Missão de Taracuá, que demonstram o arrojo, a dedicação e o zelo apostolico dos Missionarios Salesianos.

Em Tarauá, as meninas Tucanas (1) tambem sabem cantar o Hymno Nacional Veja-se como são elegantezinhas em seus uniformes! O Collegio (2) é elegante e bastante amplo (3). A photographia diz tudo das obras arrojadas dos Salesianos naquellas regiões.

malonga), Caboquena (Moreira), Bararoá (Thomar) e Caldas. A maioria da população actual do Rio Negro descende sem duvida desses indigenas.

Manaui — Mencionados no Rio Negro, como sendo differentes dos Manáos.

Manhana, Maniána — Citada como tribu do Rio Negro.

Manquitari, Maquiritari, Makiritaré Marikitaré — (Ladrões de redes) Indios de origem caraiba, alto Orenoco, vindos dahi para as fronteiras proximo a Marabitanas, no Rio Negro, e na região superior do rio Branco. Elles se distinguem pela sua cor clara.

Marabitana, Marapitana, Maravitana, Maribatana, Maripataná, Maripitana, Marabitena, Marabutena, Maripytana, Marizipana Marititana, Imaribitena, Equinabi — "Habitantes das costas altas" ou "montanhezes" (na lingua manáo). Habitaram antigamente no Alto Rio Negro e Cassiquiari, até os riachos aquem da fronteira. Eram aliados dos Arini. Foram domiciliados pelos Carmelitas, em meiados do seculo XVIII, em S. João Baptista de Mabé, S. Marcellino e S. José de Marabitanas.

Mariá — Aldeiados juntamente com os Cunicuriaú em Santo Antonio do Castanheiro Novo e em outros logares, pelos Carmelitas.

Maui — Indicados no Rio Negro.

Maupi — Idem.

Mendo, Mendó — Tribu do rio Ixié.

Mepuri, Mepori, Mapuri, Mepury, Mepuric — Uma horda de Baré, fallando o mesmo idioma. Foram encontrados nos rios Mariá e Curicuriai, affluentes da margem meridional do Rio Negro, e nas florestas do Japurá. Foram aldeiados pelos missionarios Carmelitas em Maripi, Santo Antonio do Castanheiro Novo e Nossa Senhora de Nazareth de Curiana.

Miariti-Tapuia, Mirititapuia — Derivado da palmeira miriti. Encontram-se desde o paraná Miriti até o paranamirim Uassay, affluentes do Uaupés, e no rio Tiquié, onde tinham uma importante povoação, S. Pedro de Tiquié (Turigarapé), a mais distante rio acima e a mais populosa, fundada em 1853 pelo infatigavel capuchinho Frei Gregorio José Maria de Bene.

Molineni, Mururení, Mururenу, Muriuene, Sucuriutapuio — Tribu de origem aruac no baixo rio Cuiari, falando um dialecto aparentado ao dos Suesi, dos quaes é uma subdivisão. São chamados Sucuriú-tapuio na lingua geral, e a si proprios denominam-se Molineni. Foram domiciliados em 1853-1853, em Santa Anna do Ouiari, 52 leguas acima da foz do rio Içana, cerca de 56 pessoas, em 13 palhoças.

Moriciuné — Indicados num affluente do Uaupés.

Mucura-Tapuia — "Indios gambá". No paraná Juquira, ou rio do Sal, na região do Uaupés. Nas montanhas vizinhas extrahem o "caarerú", planta que contem sal nas cinzas.

Mueinó — Citados no rio Uaupés.

Mutum-tapuia — Derivado do passaro mutum. Foram localisados em N. S. de Nazareth de Curiana e Santo Antonio de Tunuhi, em 1852-1853.

Oaliperi-dákeni, Uariperi-dákeni, Uariparevi, Varipareri, Varipareni, Siuci-tapuya, Siussy, Siusi, Sisusi, Scisusi, Siusiyondo, Suasu, Suassu, Acaica, Uaicaica, Uacaica — O typo mais puro das tribus aruac. Constituem um ramo dos Baniua. Habitam principalmente os rios Aiari e Cuiari, affluentes do Içana. São chamados Siuci-tapuio, na lingua geral, e recebem tambem outros nomes locaes. Foram aldeiados em meiado do seculo passado em Jandú-Cachoeira (S. Lourenço), Nappu Cachoeira e S. Pedro de Cuema, no rio Içana. Actualmente habitam os seguintes logares: o seu primeiro povoado é Arapasarapecuma, á margem direita do rio Aiari, cujo curso inferior é fracamente habitado, contendo algumas choças, nas suas margens e á beira dos igarapés; mais adiante encontra-se a Aldeia Cururú-cuára, onde moram 40 pessoas; á margem direita do curso médio do mesmo rio, perto da Cachoeira Arari-pirá, encontra-se a maloca Dupalipana, e na margem opposta a maloca Halapoliana, e um pouco retirada da margem a maloca Padalinuána. No lago Samauma, ha uma casa com cinco divisões, e perto do igarapé Miriti, affluentes á margem direita do Aiari, existe uma outra pequena maloca, onde se encontram 9 pessoas. No alto Aiari acha-se situada perto da margem a povoação Tucumarapecuma. Em toda a extensão do rio Cuari, encontram-se malocas de Siusi, com as suas subdivisões de Sucuriú e Jauareté, na margem esquerda e os Catapolitani, na margem direita, onde occupam as povoações Japurapecuma, S. Joaquim, São José e São Marcellino, que marca o seu limite. Os indios Siusi andam nús, collocando apenas uma pequena tanga na cintura; as mulheres usam saia de chita, deixando descoberta a parte superior do corpo; e as creanças sempre nuas completamente. Nas festas pintam o corpo de preto e as faces de encarnado. Estes indios são tambem conhecidos pelos brancos da Acaica (da arvore uacá, uma sapotacea, ou acaia, uma spondia).

Padzoalieni — Um pouco afastados das nascentes do rio Içana.

Paicoena, Paicuena — Indicados no rio Uaupés.

Paiorini, Payoarini — Tribu aruac, que mora em duas malocas no paraná Arana, affluente do rio Içana.

Pajuaricune — Indios que foram dimiciliados na Aldeia S. Bento, no rio Içana; em 1856 eram 29 pessoas, morando em 5 casas.

Palénova, Penenoa, Panenuá, Pananuá — Tribu que habita no rio Piraparaná, affluente do Uaupé. Delles provieram as folhas de ouro batido, vistas em Tariana.

Paraqui — Indicados no Rio Negro, actualmente extinctos.

Paraumá, Parauáma — Tribu do rio Uaranacoá, affluente do Rio Negro, e tambem mencionada no rio Japurá.

Paricauna, Daricanana — Indios que fazem uso do pó do paricá, no Alto Rio Negro.

Passé — Agricultores numerosissimos outr'ora no rio Japurá. Emigraram para o Iça e Rio Negro, depois que os senhores do Solimões, os Jurimaguas, fundiram-se com outras tribus e alliaram-se aos portuguezes. São dos mais bellos indios do Brasil; de côr branca, cutis delicada, esbeltos, musculosos, de expressivos traços physionomicos, olhos afastados e não obliquos, de um olhar franco, nariz aquilino e ligeiramente abaulado, a bocca estreita e os labios mais finos que grossos, as mãos e pés pequenos, thorax estreito, pescoço longo, pouco saliente o abdomen e a cintura fina: em tudo assemelham-se ao typo caucasico. Os homens são imberbes e cortam os cabellos, deixando ficar uma

pequena corôa e um tufo de cabellos no alto da cabeça, as mulheres apresentam lindas madeixas pretas, abundantes e lisas. Differindo deste modo, no physico excepcional, das demais tribus saus vizinhas, imitam-lhe comtudo o uso da tatuagem, semelhante á dos Juripixuna: uma mancha negra e rectangular occupando uma parte do vulto, do nariz ao mento, duas linhas vindas da cabeça, passando pelos olhos e convergindo no nariz, e outras linhas cruzadas, descendo da fonte e terminando na grande mancha negra. Furam as orelhas, e têm o labio inferior egualmente talhado. São os indios de idéas religiosas e cosmologicas mais adiantadas: no seu estado primitivo, criam em um só Deus, na immortalidade da alma, e que a terra se move em torno do sol, chamavam aos rios vasos arteriaes do globo terrestre, e as pequenas correntes vasos venosos. Tinham profundo respeito aos seus pagés e enterravam os mortos em "igaçabas" circulares. Todos esses dotes privilegiados, accrescidos á sua natural docilidade, diligencia e accessibilidade á civilização, tornaram-n-os os maiores auxiliares dos missionarios Carmelitas, no seculo XVIII, contribuindo efficazmente para o desenvolvimento dos aldeiamentos do Rio Negro e de Solimões. Eram nessa época avaliados em cerca de 1.500, hoje estão quasi desapparecidos; como attestado das suas qualidades physicas e moraes, ainda se observa a disputa das poucas mulheres Passé, como amas de leite, pelas familias da cidade de Manáus.

Piratapuia, Pira-Tapuyo, Piratapuya, Pyra-Tapuya, Itumiri — Tribu que habita nos affluentes do médio Uaupés, no Papuri e na região entre o Tiquié e o Ipanuré, exceptuando-se o Matapi e Tipiaca, que são habitados pelos Tucanos. Foram missionados em 1852-1853 por Frei Gregorio José Maria de Bene, nas Aldeias Caruru-Cacheira, Jaureté-Cachoeira, Juquirarapecuma, São Jeronymo, S. Joaquim e Papuri. Os capuchinhos converteram em 1888, no rio Papuri, 324 Piratapuias.

Pirayuará-Tapuia, Piriaiuru — "Indios bocca de peixe". No rio Uaupés.

Pium-Tapuia, Piom — Missionados em 1852-1853, na Aldeia de N. S. do Carmo, no rio Içana.

Pupnenicá — Indicados no Rio Negro.

Quatitú, Caetitú, Caititú — Missionados em 1852-1853, na Aldeia de S. Pedro de Cuemane, no rio Içana, pelo capuchinho Frei Gregorio José Maria de Bene.

Queraruri, Quereruri, Quererui — No rio Tiquié, affluente do Uaupés.

Quinaná, Quieana — Indicados no rio Uaracá, affluente do Rio Negro.

Tabaiana — Missionados em 1852-1853, na Aldeia S. Joaquim, no rio Uaupés.

Tacú — Tribu do rio Branco, e que foi aldeiada no principio do seculo XVIII em S. Elias de Jahú (Ayrão); desde então nunca mais se ouviu fallar nella.

Tajassú Taiassú-Tapuia — "Indios Javali". Talvez uma horda de Juri. No rio Tiquié, affluente do Uaupés.

Tanimbuca-Tapuia — "Indios cinza". Habitam perto do paraná Jukina, no Uaupés, e tambem no rio Apaporis.

Tapicaré, Tapicuré, Tapicari — Indios do Rio Negro e do Rio Branco. Elles devem ser de baixa estatura.

Tariano, Tariana, Itariana, Cumetenc — "O recebedor ladrão". A tribu mais numerosa do rio Uaupés; são os unicos descendentes dos Aruac, que actualmente se encontram nesse rio, tendo os seus domicilios entre as tribus Tucano. Estão divididos em dois nucleos principaes, que guardam entre as tribus antagonismo, em Ipanoré e Jauareté, cuja população eleva-se a cerca de 500 almas. Em 1852-1853 foram missionados em Mutum Cachoeira, Carurú-Cachoeira, Papuri, Jauareté-Cachoeira, S. Joaquim Nanarapecuma, S. Jeronymo e Juquirapecuma. Os capuchinhos de 1880 e 1888 reuniram em 11 Aldeias 2.272 Tarianos, que com a sua sahida transformaram-se em desoladas taperas. Actualmente vivem em malocas, como outr'ora. Fallam um dialecto aruac, com muita affinidade aos das tribus do rio Içana.

Tarumá — Tribu que desceu dos affluentes do alto Essequibo, donde alguns se espalharam pelo Baixo Rio Negro, em cuja embocadura os encontraram os primeiros colonisadores. Foram muito perseguidos pelos Aruac, seus aparentados, eram alliados dos Crichaná, do rio Jauaperi. Compunham-se de gente bonita e athletica. Foram catechizados no XVII seculo pelos jesuitas padres Manoel Pires, Francisco Velloso, Francisco Gonçalves, Pedro Pires, João Maria Garçoni e João Justo de Lucca. Foram tambem alguns domiciliados pelos Carmelitas nas povoações do Baixo Rio Negro.

Termaisari — Indicados no rio Içana.

Timanara, Timanarú — Citados no rio Uaupés.

Tapinira — No rio Içana.

Tucandira, Tocandira, Tucandera, Tucanguira, Tocanguira, Tocanteira — "Indios formigas" ou "formiga negra". Indios dos rios Apaporis e Uaupés. Foram missionados em 1852-1853, na Aldeia Mutum-Cacheoira, no rio Uaupés.

Tucano, Tucana, Tocano, Tucan, Tukano, Dace — Indios que deram o nome ao grupo linguistico a que pertencem. Habitam em Agutiroca e Taracuá, no rio Uaupés; no igarapé Capauari, onde têm algumas malocas; no rio Piraparaná, por elles denominado Maypa; no rio Papuri, perto do lago Urubú; no rio Tiquié em uma povoação, com cerca de 50 almas; na povoação Tucano (Santa Izabel), acima da confluencia do Tiquié com o Uaupés, depois de Taracuá a mais populosa; no igarapé Caburi, uma das suas fronteiras; e pouco acima da catarata Jabati, no rio Tiquié, encontra-se a sua ultima maloca, com poucos indios. São agricultores; plantam em torno das suas malocas, além da mandioca, excellentes bananas, ananaz e outras fructas. Em 1852-1853, foram missionados nas Aldeias Jauareté-Cachoeira, Juquirapecuma, S. Jeronymo, Pam-Cachoeira, S. Joaquim e Nomarapecuma, e em 1888 foram reunidos, pelos Capuchinhos, 948 em 4 Aldeias.

Turimari, Tarimari, Tumayri, Tuemeyari — Indicados no rio Içana.

Tuyuca, Tyiuca-tapuya, Tuyúka-mira, Tûiuca, Tiyuka, Tejuca, Tijuco, Tihiuca, Tiiuaca — "Homens de barro" ou "de lama". Tribu composta de cerca de 200 almas, sendo a sua povoação central a maloca Pinocoaliro, no alto rio Tiquié; a sua primeira maloca fica perto do igrapé Umari, têm outras na Cachoeira Periquita, e no igarapé Cabari. Em 1852 Frei Gregorio José Maria de Bene e o director de indios Jesuino Cordeiro fundaram a Aldeia de S. Pedro do Tiquié (Turigarapé), no mesmo rio, aggregando ahi grande quantidade desses indigenas. Elles usam perfurar as orelhas, como quasi todas as tribus da bacía do Uaupés, collocando nos lóbos um pedacinho de páu, ou um pequeno tubo; a perfuração do labio inferior hoje foi abandonada. São de typo feio. Cultivam em redor das malocas a mandioca e varias especies de arvores fructiferas.

Uacarú, Uacarau, Uacarauá — Mencionados no Rio Negro, e no Juruá.

Em Novembro de 1932, o missionario Padre Antonio Giacone andava pelas selvas á cata de indios para catechizar, e nellas se encontrou com um cacique (1). Quem sabe se um de seus filhos não estará neste bello pavilhão de aulas (2) do Collegio de Taracuá? Os indios vivem agora aldeados em villas pittorescas (3), em numero de 35, como esta ás margens do Uaupés. Novas installações (4) vão sendo levantadas em Taracuá.

O Collegio dos Tucanos, em Taracuá (1), distingue-se pelas suas proporções, e delle sahem muitas vezes alumnas em procissão (2), ás margens do Uaupés. Este rio apresenta paranás interessantes (3), á margem dos quaes tambem assentam villas de indios, como a que se vê na gravura (4).

Uaiana, Uanana, Uayana, Uananá, Uaayuana, Uana, Ana, Aná, Anna, Anana, Ananá, Uaniá, Anuna, Guaname, Yuruti-tapuio, Halikuliarú — Esta tribu foi encontrada em primeiro logar nas encostas da Serra de Maduacaxes, proxima ao Orenoco, donde desceram para o Padauari, e em direcção a Auacapuri, no rio Uaupés, e, tambem para o rio Branco. Alguns delles foram aldeiados em Thomar, no seculo XVIII, pelos missionarios Carmelitas. Em 1852-1853, reuniram-se ás Aldeias Aracapuri, Caruru-Cachoeira, S. Jeronymo e S. Joaquim, sob a direcção do capuchinho Frei Gregorio José Maria de Bene. São mui proximamente aparentados aos Huhúteni, e são denominados Halikuliarú pelos Siusi e Yuruti-tapuio, na lingua geral. O seu dialecto é ligeiramente differente do dos Tuyuca; pertencem pois, ao grupo Tucano. Actualmente moram nos seguintes logares: Aldeia Jutica, no rio Uaupés, outra maloca se encontra perto da cacheira Tapira-giráu, e perto da Cachoeira Carurú têm um aldeiamento com 8 casas, e cerca de 100 habitantes. Enterram os seus mortos de maneira curiosa: cavam primeiro a sepultura, e depois preparam a mumia; em seguida cobrem o rosto do defunto com uma mascara feita de casca de abobora, na qual abrem dois orificios para os olhos, e um para a bocca previamente pintada de vermelho escuro, com a tinta do Caraiurú, envolvem o corpo em tecidos de diversas especies e atado com fibras de tucum. Collocam esta mumia em um caixão em fórma de canôa, e tampam-no, amarrando-o com fortes embiras. Dentro do esquife encerram os objectos pertencentes ao fallecido, entre elles a machadinha. As aberturas do caixão são fechadas com barro vitrificado.

Uaracu, Uaraicú, Uaraiau, Uaraycú, Araicú, Varacu — Derivado do peixe do mesmo nome. Moram no paraná Jukira, affluente do Uaupés.

Uaranacuacena, Uaraná-Coacena, Uaromacoacene, Marana-Coacena, GuaranáCoacene-, Guaranacuazana — Derivado do arbusto Guaraná. Tribu do Alto Rio Negro e Orenoco, vindos para o rio Uaranacoá. Foram alguns delles aldeiados em Aracari (Carvoeiro) pelos missionarios Carmelitas. Estão extinctos na actualidade.

Uarequena, Uarekéna, Uariquena, Uerekena, Aerokena, Uerequina, Uerecuna, Ariquêna, Aeroquena, Uereuena — Tribu que habita nos rios Içana e Ixié, ahi encontrados desde as primeiras incursões dos scolonisadores. São de origem aruac. Foram aldeiados pelos missionarios Carmelitas, juntamente com Barés e Baniuas, na povoação de N. S. da Guia, ao norte da foz do rio Içana, e algumas familias foram descidas tambem para a Aldeia de Mariuá (Barcellos). Tinham de commum com os Manáo muitos habitos hebraicos. Dos gentios da bacía do Uaupés, foram os unicos quqe empregaram deformidades artificiaes, que consistiam em um largo furo, entre a cartilagem e a extremidade inferior de ambas as orelhas; no principio da operação, eram introduzidos pequenos cylindros de madeira ou de flechas, para impedirem a cicatrização do golpe inicial, e lentamente iam dilatando cada vez mais, com a introducção gradual de corpos volumosos, até conseguirem descer as orelhas até tocar nos hombros. Eram anthropophagos; por occasião das guerras, formavam curraes de prisioneiros, cuja carne abocanhavam moqueada. Festejavam em seguida a victoria, tocando gaitas, que eram fabricadas com as tibias dos vencidos, bebiam agua e vinhos em cuias feitas dos seus craneos, e ornavam-se de gargantilhas enfiadas com os dentes dos cadaveres. E não ficam ahi as suas barbaridades. Quando algum da sua propria tribu chegava a envelhecer ou era atacado por uma enfermidade, que a sua grosseira medicina não conseguia debellar, cuidavam friamente de abreviar-lhe a morte, não só para alliviar os padecimentos do doente, como para

livrar os parentes do fardo do tratamento — dizendo fecharem-lhe a porta ás miserias da vida, e julgando a seu modo praticar um rasgo de piedade. Viviam em quasi completa nudez, contentando-se com uma ligeira tanga da entrecasca de alguma arvore, não dispensando contudo os ornamentos e enfeites dos braços, pernas e cabellos, trazendo dependuradas nelles algumas folhetas de metaes, fragmentos de conchas e de cristaes, que tambem traziam pendentes no nariz, nos labios e nas orelhas. Outros desenhavam figuras diversas sobre a pelle, o que lhes custava muitas dôres, outros emfim andavam tintos de urucú, afim de dar-lhes um ar impostor, e com a sua presença e disformidade aterrar aos inimigos. Usavam as seguintes armas: o muméo, especie de dardo, dentro do qual collocavam pequenos seixos, os quaes, soando como cascavel, tinham por fim incutir medo; o cuidarú, feito de madeira dura e compacta, pintado com ocre, ou com a seiva do urucú ou carajurú, formando desenhos imbutidos, cujas ranhuras faziam com dentes de cutia e paca, que eram as goivas dos seus artifices; bracanga, especie de sabre de madeira pesada; lanças de madeira simples ou tostada ao fogo para obter maior dureza; piquis, armados na ponta com alguma pedra ou osso aguçado; arcos e flechas diversos; e zaravatanas, que foram das primeiras armas de tiro. Os Uarequena hoje tornaram-se caboclos civilizados, e, além da lingua geral, fallam soffrivelmente o portuguez.

Ujana, Uajana, Ugino, Ugina, Guariua, Guaharibo, Guariba-Tapuya, Uariua-tapuya, Uaariua, Urari-Ua, Uariuna, Uarina, Uirina, Uarira, Uuirina, Coatá-Tapuya, Coata-tapuuja — "Indios macacos". Com todos esses nomes, têm muitos auctores de bôa fé incorrido em um erro interessante, julgando terem encontrado uma tribu de indios caudatos. Já em meiados do seculo XVIII, o Carmelita Frei José de Santa Tereza Ribeiro asignou uma certidão, jurando ter visto no rio Juruá indios dessa tribu, com rabos de tres a quatro palmos de comprimento ou mais. O illustre naturalista bahiano Alexandre Rodrigues Ferreira, com a ponderação e o saber, que lhe eram peculiares, fez, baseado naquella informação, um minucioso estudo sobre a impossibilidade da existencia daquella supposta nação, concluindo assim: "precipitar-se logo a adoptar, sobre provas as mais ligeiras, tudo quanto apresenta um caracter de maravilhoso, vem a ser menos digno de um espirito philosophico". Com effeito, Barbosa Rodrigues verificou que esses indios nada mais são senão os mesmos Crchaná, que habitaram na primeira metade do seculo XVIII os affluentes do Rio Negro, Uererê, Uaracá, Marauiá e Padauari. O equivoco originou-se de dois costumes seus: o uso do ueicó, especie de tanga em fórma de rabicho, que atam á cintura, e da qual sahe á altura do coccyx uma longa ponta cahida, parecendo uma cauda; e o uso das barbas postiças feitas de pellos de macaco.

Uátsoli-dákeni — "Indios Urubú". Um grupo de Caturana, que actualmente mora na Aldeia N. S. do Carmo, á margem esquerda do rio Içana. Essa Aldeia, situada sobre um recanto alto e pedregoso, consta de 8 choupanas, estando 3 arruinadas, todas cobertas de palmas da palmeira pupunha (guilielma speciosa). Póde ser considerado o centro principal dos Carutanu.

Uaupé, Waupé, Uapé, Oapé, Oauipi, Guapé, Guaypé, Guayupé, Goaupé — Designação sobre a qual foram até ha pouco comprehendidas todas as tribus da região fluvial do rio do mesmo nome, e que, embora de diversas origens, têm hoje habitos mais ou menos homogeneos.

Ucará, Acará-Tapuia — "Indios garça". Vieram do rio Apaporis, affluente do Japurá, para o Uaupés.

Uiua Tapuiya, Uiuna — Tribu Tucano, que habita actualmente no médio Uaupés.

Unicuena — Missionados por Frei Gregorio José Maria de Bene, em 1852-1853, na Aldeia S. Pedro de Cuema, no rio Içana.

Urunana, Urinana — "Indios escudo". No rio Uaupés.

Xama, Jama — Certamente uma tribu dos Juri, espalhada no Baixo Rio Negro, outr'ora.

Yacucarae — Mencionados no Rio Negro.

Yahuana — Tribu que se encontra na parte inferior do rio Ira-paraná, affluente do rio Tiquié, proximo ao rio Japurá.

---

4). SINTHESE ANTHROPOLOGICA

Na actual população do Rio Negro, entram em formação os tres elementos ethnicos — brasilienses, europeus e afer — predominando entretanto o primeiro, que, em grande parte, permanece ainda na sua integridade morphologica primitiva.

O problema anthropologico ahi fica consideravelmente simplificado, quando se observa a insignificante parcella do homo afer, e pouco notavel, a do homo europeus, oriunda de uma só corrente immigratoria — a portugueza — somatologicamente comprehendida no grupo dos doichocephalos morenos.

Quanto ao elemento indigena estudado já detalhadamente no capitulo anterior, ao qual nos devemos reportar, temos apenas a considerar os seus caracteres anthropologicos.

D'Orbigny, como já tivemos ensejo de nos referir, grupou todas as gentilidades brasilicas em torno de uma só raça, cujo typo anthropologico descreveu com as seguintes caracteristicas: côr amarellada, estatura mediana, fronte pouco saliente, olhos obliquos, face circular, nariz curto e estreito, labios finos e malares pouco salientes — em tudo mongoloide.

Martius, com maiores recursos scientificos, poude subdividil-os em dois typos, apresentando os coefficientes seguintes: 1.°) fórmas grossas, estatura pequena, face larga, fronte deprimida, olhos obliquos, malares salientes, nariz deprimido, maxilar inferior fortemente desenvolvido — approximando-se do typo mongolico; 2.°) estatura elevada, fronte alta, olhos horizontaes, nariz saliente, face delicada — assemelhando-se ao typo caucasico.

Couto de Magalhães, o grande estudioso dos indios, destinguiu-lhes dois caracteristicos: um formando o tronco primitivo, e o outro correspondendo a cruzamentos precabralinos, mui remotos, com a raça ariana.

O indio da raça primitiva apresenta os seguintes traços anthropologicos: côr de cobre tirando para o escuro (côr de chocolate), estatura ordinariamente acima da mediana até verdadeira corpulencia, cabellos sempre duros, o molar e a orbita salientes, quasi recto o angulo do maxilar inferior; o diametro transversal entre os dois angulos posteriores do maxilar inferior é igual ao diametro transversal do craneo, grosso, o tarso largo, dando em resultado um pé solido, se bem que algumas vezes de uma pureza admiravel de desenho. Os outros apresentam uma côr amarella tirando para a da canella, estatura mediana, e ás vezes abaixo disso, cabellos muitas vezes finos e até annellados, menos pronunciadas as saliencias das orbitas e do molar, face menos quadrada, o dedo grande do pé muito separado do index, pés e mãos muito delicados.

Podemos synthetisar esses typos no seguinte quadro:

1.° Typo primitivo: abaúna — côr mais clara e estatura elevada;

2.° Typos cruzados: abajú — côr mais clara e estatura mediana; côr mais clara e estatura pequena.

O segundo sub-typo dos abajú corresponde aos indios da bacía amazonica.

Paul Ehrenreich observou tambem que os nossos indigenas apresentam, em geral, aspecto physico ora mongolico, ora caucasico; assim, pela face e pelo craneo, assemelham-se aos primeiros, emquanto que pelas proporções do corpo approximam-se dos segundos. Differenciam-se ainda dos mongóes pelos pés e mãos curtas, olhos pouco afastados, raiz nasal muito larga e bem saliente o nariz.

Parece fóra de duvida, portanto, ter havido em épocas immemoriaes cruzamentos brasilico arianos, a deparar-se com os innumeros vestigios apontados.

Os cabôclos (cabôcos) do Rio Negro, descendentes hoje, quer das tribus primeiramente encontradas pelos colonisadores, quer das que desceram de outros rios, como os Passés e os Juripixuna — são indubitavelmente dos mais bellos typos americanos.

Os caracteres anthropologicos mais frequentemente observados entre os aborigens do Rio Negro denotam aquelle asserto; têm geralmente côr clara, corpo esbelto, estatura regular, forte musculatura, traços physionomicos firmes e expressivos, olhos afastados e não obliquos, nariz saliente, bocca estreita, labios mais finos que grossos, mãos e pés curtos e thorax estreito.

Relativamente ao elemento europeu, como vimos da historia do Rio Negro, o primeiro cruzamento indo-ariano realisou-se em fins do seculo XVII; subindo o rio o Sargento Guilherme Valente, da fortaleza de São José da Barra, em 1693, conseguiu relacionar-se com diversas tribus indigenas, desposando a filha de um tuchaua da grande nação dos Manáos.

Durante o seculo XVIII, varias expedições portuguezas, chamadas tropas de resgate, percorreram os principaes affluentes, fazendo os descimentos de gentíos para os aldeiamentos. Em 1554 foi enviada de Portugal a grande Commissão demarcadora dos limites septentrionaes do Brasil; a maior parte dos soldados que a compunham, terminados os trabalhos, foram dando as suas baixas para se casarem com as indias, e ahi se estabeleceram definitivamente.

Entre esses soldados encontravam-se naturaes das provincias do Douro, Minho, Traz-os-Montes, Alentejo e Algarves, bem como alguns ilhéos.

Leis regias successivas, desde a creação da Capitania de S. José do Rio Negro, muito estimularam os matrimonios de brancos com indias. Em 1785, porém, uma nova disposição regulamentar, prohibindo o casamento dos soldados, paralysou um pouco a crescente arianisação da população local, porquanto eram os soldados os unicos brancos que então alli existiam.

Houve mais tarde varias entradas de brancos, vindos de outras Capitanias, principalmente do Maranhão, na maior parte mazombos, ou nascidos no paiz.

Durante o seculo passado poucos extrangeiros se dirigiram para o Rio Negro, havendo de notavel entretanto as levas de retirantes cearenses, que, fugindo aos rigores climericos da sua terra, foram, com a sua coragem incomparavel e resignação evangelica, desbravar os thesouros inexauriveis da Amazonia.

O continente negro proveio no Rio Negro, como alhures, do aviltante trafico dos africanos, que por tanto tempo escureceu paginas humilhantes da nossa historia colonial e monarchica. Esses pobres pretos eram originarios, na sua maioria, das ilhas do Cabo Verde e do reino de Angola. Alguns foram directamente importados por via do Pará, outros eram criolos, nascidos nessa Capitania.

Extincta a Companhia Geral do Commercio, que introduziu nas Capitanias dos extremo Norte 14.000 negros, no periodo de 1755 a 1778, ainda recebeu por alguns annos o Rio Negro criolos vindos da Bahia, e os degredados de varias outras Capitanias.

Os caldeamentos recentes dos tres elementos ethnicos, que acabamos de descrever, originaram varios typos — brasileiro, — os quaes receberam diversas denominações:

Os mamelucos (mamã-ruca), de sangue indio-ariano: nos quaes a pelle

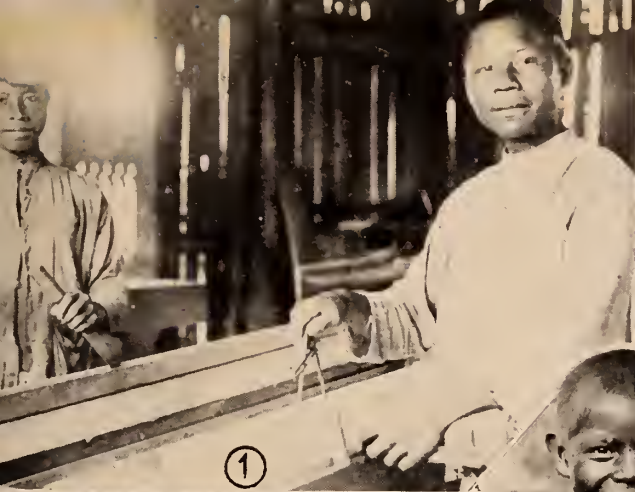
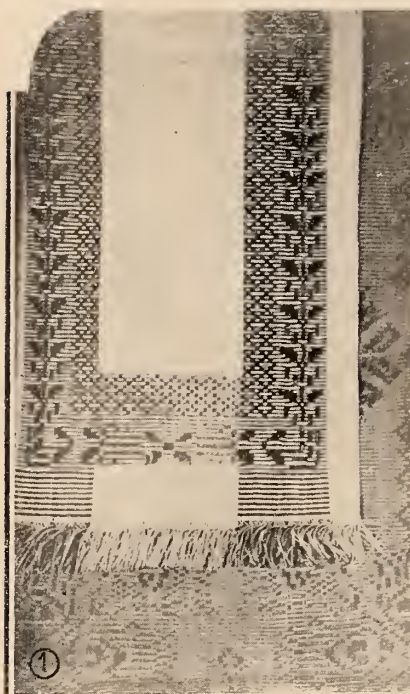
torna-se mais clara, a cabeça conserva a depressão da testa e conformação da do indio, cabello corrido e extremamente negro, barba rara, tronco robusto, forte musculatura e extremidades delgadas. A' proporção que o sangue ariano vae sobrepujando o indigena, o mameluco apresenta attributos anthropologicos cada vez mais proximos do homem branco.

Os cafuzes ou zambos, de sangue indo-negro, que têm a côr de cobre, ou bruno-café, corpo esbelto, forte musculatura, mórmente nos peitos e nas pernas, os pés e mãos pequenos, face oval, malares salientes, nariz largo, labios pouco sahidos, olhos negros, cabellos encarapinhados e arripiados.

Os caribócas ou curibócas, de sangue indo-cafuso.

Os xibaros, de sangue negro-cafuso.

Os mulatos, de sangue negro-ariano, os quaes mais rapidamente adquirem os caracteres do branco, pois o negro é menos resistente á arianisação que o indio; na quarta ou quinta geração, elles assimilam todos os caracteristicos do branco.

Os mestiços, de sangue negro-mulato.

O indio trabalha afoitamente na sua carpintaria de Taracuá (1), ao passo que os seus irmãos menores apanham mandioca pelos campos (2) ou carregam agua do rio (3). Os indios que se vêem na gravura 4 pertencem a varias tribus e são internos do Collegio de Taracuá, ao passo que os da gravura 5 são Tucanos legitimos.

Pensam que não se trabalha com elegancia c bom gosto ás margens do Rio Negro? Pois aqui temos redes, toalhas e tapetes muito bonitos (1), sendo de notar o tapete de tucum (2) fabricado pelas indias, que trabalham em teares (3) por ellas mesmas preparados.

5). ESBOÇO HISTORICO

Em 28 de Outubro de 1637 partiu de Cametá, com destino a Quito, uma commissão exploradora do rio Amazonas, chefiada pelo Capitão Pedro Teixeira, á frente de uma esquadra de 70 canôas, a qual fez o reconhecimento de varios affluentes do Amazonas, entre os quaes o Negro.

Só em 1660, porém, foi que Francisco da Motta Falcão construiu, por ordem do Governo do Estado do Maranhão e Grão Pará, a fortaleza de S. José do Rio Negro, na barra do mesmo, e Pedro da Costa Favella fundou no logar "Airum", pouco acima, a primeira povoação, com indios das tribus Tarumá e Aruaqui, a que denominou de Aldeia Tarumá, deixando-a sob a direcção espiritual do monge Mercenario Frei Theodosio.

O sargento da guarnição da fortaleza, Guilherme Valente, conseguiu attrahir a sympathia de um cacique da nação dos Manáos, desposando sua filha. Dessa approximação originou-se a Aldeia Uaranacoá, á margem direita do rio Caburi.

Em 1695 iniciaram os frades Carmelitas e os Padres da Companhia de Jesus a sua cathequese pelo labyrintho amazonico, dirigindo-se os primeiros para o Rio Negro, onde estabeleceram as oito Aldeias seguintes: Santo Elias de Jahú, Santa Rita de Cassia de Itarendaua, Santo Alberto de Aracari, Santo Angelo de Cumará, Nossa Senhora da Conceição de Mariná, Nossa Senhora do Monte do Carmo de Camará, Santa Rosa de Boraroá e Nossa Senhora do Monte do Carmo de Dari.

Em Carta Regia de 3 de Março de 1755 resolveu Sua Majestade crear um Governo nos confins occidentaes do Estado, formando-se, então, a nova Capitania de S. José do Rio Negro, desmembrada da do Pará, sendo o seu primeiro Governador Joaquim de Mello Povoas, nomeado em 14 de Julho de 1757.

Francisco Xavier de Mendonça Furtado mandou, então, elevar a Villa, por Provisão de 6 de Maio de 1758, a Aldeia de Mariuá, que ficou sendo Capital da Capitania, passando a denominar-se Villa de Barcellos.

De missões que eram as Aldeias foram todas erigidas em Lugares e Villas: a Aldeia de Itarendaua em Villa de Moura, a Aldeia de Bararoá em Villa de Thomar, a Aldeia de Jahú em Lugar de Ayrão, a Aldeia de Camará em Logar de Poiares e a Aldeia de Aracary em Logar de Carvoeiro.

O alvará em fórma de lei de 7 de Junho de 1755 derogou o Capitulo I do Regimento das Missões do Grão Pará, de 21 de Dezembro de 1686, cessando desde então a administração temporal dos missionarios, e a espiritual ficou subordinada ao Bispado.

Frei José de Magdalena foi o ultimo superior das missões carmelitas no Rio Negro, sendo, então, nomeado pelo Bispo D. Frei Miguel de Bulhões, Vigario Geral da Capitania, por Provisão de 18 de Fevereiro de 1757, e pouco depois Vigario encommendado da nova Igreja Parochial, em 28 do mesmo mez e anno, sendo, então, nomeado Vigario Geral Frei José Monteiro de Noronha.

Os indios das Villas passaram a ser governados no temporal pelos seus

juizes ordinarios, vereadores e mais officiaes de justiça, e os das Aldeias independentes pelos seus principaes, sob a chefia dos Directores. Aos missionarios succederam os vigarios.

O Capitão José da Silva Delgado em 23 de Maio de 1761 foi destacado para fundar novas povoações no Alto Rio Negro. Tomou, então, posse e fundou as seguintes: S. Pedro de Simapé, S. José de Marabitanas, Santa Maria, Santa Barbara, S. João Baptista de Mabé, Santa Isabel, Senhor da Pedra, Nossa Senhora de Nazareth de Curina, S. Gabriel da Cachoeira, S. Sebastião, Santo Antonio do Castanheiro Velho.

Foi o primeiro Vigario da freguezia de S. Gabriel Frei José de Santa Ursula, religioso Franciscano.

Nesse mesmo anno o principal Luiz Camanáo fundou pouco abaixo de S. Gabriel a povoação que tomou o nome de S. Bernardo de Camanáo.

Em 1772 José da Cunha fundou a Povoação de Nossa Senhora do Loreto de Maçarabi.

Em vista de serem continuamente atacadas pelas formigas saúvas as terras de Santo Antonio do Castanheiro Velho, os seus moradores mudaram-se para outro logar, acima da fóz do rio Abuná, fundando uma nova Povoação que passou a denominar-se Santo Antonio do Castanheiro Novo.

S. Gabriel e S. José de Marabitanas formavam nessa época uma só freguezia, tendo, então, por Vigario o Padre Martinho Pereira Lima, presbytero secular; em 1774 foram desmembradas, passando S. Gabriel a ter como Vigario Frei Domingos do Rosario, religioso carmelita, e S. José de Marabitanas, Frei Antonio de S. José, religioso capucho.

Em 1781 foi fundada a povoação de Nossa Senhora das Caldas, na margem oriental do rio Canaburi.

Subindo em 1784 o rio Negro, o Coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada fundou na embocadura do rio Ixié a pvoação de S. Marcellino, para guarnecel-o contra a descida dos hespanhóes do forte de Santo Agostinho. Foi o Coronel Gama Lobo d'Almada quem, nesse mesmo anno, entrou pela primeira vez no rio Uaupés, por ordem do General João Pereira Caldas, chefe da Commissão de Demarcação de Limites com as possessões hespanholas.

Nesse anno era Vigario de Barcellos Frei Francisco Marcellino Sotto Maior; de Thomar, Frei Joaquim José Barreto; de Moreira, Frei Antonio de Santa Catharina; de S. Gabriel, Frei Manoel do Monte Carmello, todos religiosos carmelitas; e o de S. José de Marabitanas o Padre Custodio Manoel Estacio Galvão, presbytero do habito de S. Pedro.

A povoação annexa á antiga fortaleza da Barra do Rio Negro foi em 1790 erigida em Villa da Barra do Rio Negro, pelo Governador Manoel da Gama Lobo d'Almada, que para ahi transferiu no anno seguinte a Capital da Capitania, denominando-a de Manáus. Nove annos depois foi todavia mudada novamente para Barcellos, pelo Governador Francisco de Souza Coutinho; porém, em 1804 o Conde dos Arcos fixou-a definitivamente em Manáus.

Em 1821 o Governador Manoel Joaquim do Paço foi deposto por oppôrse ao pronunciamento em favor da revolução de Portugal, e levado preso para o Pará, sendo nomeada, então, uma Junta Provisoria governativa, composta de sete membros.

Proclamada a independencia e o Imperio do Brasil, em 7 de Setembro de 1822, foi o Pará um dos que primeiro adheriram, elegendo os seus representantes á Constituinte, o que, entretanto, não poude fazer o Rio Negro, porque a Junta Provisoria do Pará interceptou-lhe o Decreto e instrucção do Governo Imperial, referentes a essa eleição, com o fim de conservar sob seu dominio a Comarca do Rio Negro.

Insurgiu-se contra este acto a população de Manáus auxiliada pelo destacamento militar, que proclamou a Provincia do Rio Negro, independente da do Pará, acclamando para Presidente o Ouvidor da Comarca Bernardino de Souza Figueiredo. O Governador do Pará enviou então um contingente sob o

commando do Tenente Coronel Domingos Simões da Cunha, que abafou o movimento.

Não obstante esse resultado, a campanha perseverante e tenaz dos filhos do Rio Negro continuou pela imprensa e pela tribuna parlamentar.

Em 27 de Maio de 1826 o deputado Romualdo Antonio de Seixas apresentou um projecto á Assembléa Geral Legislativa, considerando o Rio Negro d'ora avante separado do Pará, mas foi baldada, entretanto, desta vez a tentativa de separação.

As missões dos indios do Alto Rio Negro e seus affluentes haviam desapparecido por falta de missionarios, quando o sacerdote brasileiro Frei José dos Santos Innocentes, a partir de 1832, por vinte annos exerceu o seu sagrado ministerio naquelle rio, residindo em Carvoeiro.

Em 1835 emquanto varias tribus haviam firmado perenne alliança com os portuguezes, outras, que jámais concordaram com as "bandeiras" ou "descimentos", reuniram-se a pretos escravos revoltados e assediaram as mais importantes localidades da Provincia do Pará, onde se mantiveram por muito tempo. Essa rebelião recebeu o nome de "cabanada" e os rebeldes o de "cabanos". A Comarca do Rio Negro soffreu bastante; porém um degradado por nome Ambrosio Ayres, da Villa de Thomar, alcunhando-se o Bararoá, do nome da antiga freguezia, á frente de grande numero dos seus habitantes, desceu o Rio Negro, conseguindo jugular a revolta, que foi vencida pelo Governo do Pará em 1840.

Em 1848 era Director Geral dos Indios da Provincia o Brigadeiro Honorario João Henrique de Mattos e o encarregado dos indios do rio Uaupés o Capitão Francisco Gonçalves Pinheiro, com séde em S. Gabriel.

A lei provincial do Pará de 24 de Outubro de 1848 elevou Manáus á categoria de cidade. Dois annos depois, pela lei de 5 de Setembro de 1850, foi creada a Provincia do Amazonas, a qual foi installada em 1 de Janeiro de 1852, sendo o seu primeiro Presidente João Baptista Figueiredo Tenreiro Aranha.

Nesse anno Frei José dos Santos Innocentes, que tão patriotica e zelosamente vinha exercendo a santa missão evangelisadora nos rios Negro, Branco, Uaupés e Içana, foi accommettido de gravissima molestia, que o obrigou a afastar-se da velha missão, seguindo em Março de 1853 para Manáus.

A sua falta foi extraordinariamente sensivel: "ella havia privado os tuchauas da assistencia do missionario, que os encaminhava proveitosamente para a sua perfectibilidade e da humanidade na trilha da civilisação; e mais do que a estes proprios indios que evangelisava, ensinando com doçura toda angelica a pratica do amor do trabalho, do dever, da honra, do proximo, da familia, da sociedade da patria, e do Deus da caridade e do perdão. A ausencia do missionario concorreu poderosamente para o lamentavel abandono a que ficaram reduzidas, pelos indios, as povoações dessa missão; e consequentemente para o seu proprio desapparecimento."

João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, homem de grande valor, reconheceu, desde logo, a necessidade de restaurar aquellas missões, sendo um dos seus primeiros e mais brilhantes actos de Governo nomear em 11 de Fevereiro de 1852, de accôrdo com o Vigario Geral Padre Joaquim Gonçalves, a Frei Gregorio José Maria de Bene, religioso capuchinho, Vigario encommendado das freguezias e povoações do Alto Rio Negro, missionario dos rios Uaupés e Içana — dizendo-lhes antes de partir que "o ajudasse a levar a pesante cruz da nova Provincia".

Frei Gregorio tomou posse da missão e das freguezias e povoações desde Moreira até S. José de Marabitanas em 19 de Março do mesmo anno, estabelecendo-se em S. Gabriel.

Iniciou, então, o grande evangelisador os seus trabalhos, podendo durante o anno de 1852 administrar profusamente os Santos Sacramentos.

No Alto Uaupés foram restabelecidas as seguintes povoações, acima de Iutica: Cuerari, Macaquinha, Micurigarapana na margem do Uaupés, e Mutum, no rio Codiari.

No rio Tiquié estabeleceram-se as seguintes: Santa Isabel de Tucano, N. S. de Nazareth de Urirapassu, S. José de Maracajú e S. Pedro de Turigarapé.

No rio Papury fundou-se a povoação de Santa Luzia de Turigarapé.

No rio Içana installaram-se as seguintes: N. S. do Carmo, N. S. de Nazareth, S. Antonio de Tunuhi, Sant'Anna de Cuiari, S. Lourenço de Iandu Cachoeira, S. João de Cuiapani, Cuianaterama, S. Pedro de Cumane, S. Agostinho de Iapu Cachoeira, S. José, Sitio Firmiano e Sitio S. Matheus.

As igrejas de todas estas povoações, com excepção das de São Gabriel e S. José de Marabitanas, estavam ameaçando ruina, por falta absoluta de conservação: os moradores, com a falta de missionarios, cuidavam pouco dellas, pois morando a maior parte do anno nos igarapés, — onde os homens dedicavam-se ás roças e as mulheres em fabricar farinha e tecer maqueiras, — só pela época das festas, que celebravam durante o anno, é que voltavam ás povoações.

Sem desanimo, cuidou Frei Gregorio de restabelecer a Missão do Uaupés, o que não lhe foi relativamente difficil, porque encontrou nos tuchauas optimos auxiliares, os quaes volveram os seus indios ás "tauacueras" das antigas povoações.

Pelas informações que obteve, o ponto principal da missão deveria ser a Povoação de S. Jeronymo, no Ipanuré, onde havia grande affluencia de gentios, todavia era sua intenção ir mais para o interior, afim de examinar outro local mais conveniente, onde pretendia fundar uma grande Aldeia, sob a protecção de S. João Baptista, nome do fundador da nova Provincia.

Partiu, portanto, em 6 de Maio de 1852 para S. Jeronymo, onde primeiro se entendeu com os seguintes tuchauas: Faustino, da tribu Cubeo; José, da tribu Ananá; Gregorio, da tribu Piratapuia; e Miguel, da tribu Tucano, os quaes encaminharam-no ás suas aldeias: Mutum-Cachoeira, Aracapury, Caruru-Cachoeira, Jabutiropecuma, Paporis, Pacu-Cachoeira, Iauareté-Cachoeira, Iuquirarapecuma, S. Jeronymo, Nanarapecuma e S. Joaquim. Nessas Aldeias poude logo, no inicio dos seus trabalhos, relacionar-se, Frei Gregorio, com aborigenes das tribus: Ananá, Arapassu, Cubeo, Cucuani, Cutia, Dessana, Iarauassú, Itariana, Iuruá, Macú, Piratapuia e Tucano.

Graças aos seus incançaveis esforços, a nova Missão tomou rapido incremento, augmentando dia a dia as povoações e o numero de indios aldeados; as antigas taperas, com a nova e rustica Cepellinha encimada pelo symbolo da redempção, metamorphoseavam-se em nucleos de civilisação e trabalho, abrigando levas de individuos, que antes vagavam pelas mattas e agora vinham entrar na communhão do progresso da patria.

Além das povoações acima referidas, foram edificadas, em curto prazo, as seguintes: Trovão, Pitunarapecuma, Inuitera, Canuri, Corocoró, Iurarapecuma, Micurarapecuma, Ananarapecuma, Taracuá, Ambaina, Iviturarapecuma e Umari, nas quaes aggremiaram-se indios das nações: Bauna, Beiju, Cainatari, Carapaná, Giboia, Irauassú, Iurupari, Onça, Pecassú, Tapiera e Tucandira.

Para maior desenvolvimento da Missão, foi nomeado, por indicação de Frei Gregorio, Director das Aldeias do Uaupés e Içana, Jesuino Cordeiro, commerciante e antigo morador no Rio Negro, que servia então como Tenente da 6.ª Companhia do Corpo Policial dos destacamentos militares de São Gabriel, Marabitanas e Cucuhy, conhecedor do "nhenhengatú" e dos varios dialectos falados pelas tribus daquelles rios, com as quaes tinha commercio.

Em 25 de Agosto de 1853, chegou Frei Gregorio a S. Joaquim, na fóz do rio Uaupés, de volta de sua penosa jornada apostolica, trazendo mui prejudicada a saude. Ahi permaneceu algum tempo, soffrendo as maiores privações, seguindo em 1854 para Manáus; com a sua retirada mais uma vez desappareceu a Missão dos rios Uaupés e Içana.

Não ficaram todavia abandonadas as povoações, porque Jesuino Cordeiro

greja provisoria de Taracuá (1). Ao lo já se levanta o Santuario do Sa- ado Coração de Jesus. O Padre Bri- mostra-nos (2) um soberbo cacho bananas, das que os indiozinhos co- em á sobremesa no Collegio de Ta cuá (3). Não acham bella esta ave la dos Tucanos? (4).

Um indio (1), em exercicios soffrivelmente perigosos, não sabe que de coisas funestas vae na séta envenenada da sua flecha. Mas os Salesianos contractaram medicos proficientes que tambem extraem sangue de enfermos (2), para o devido exame e consequente tratamento!

continuou a zelal-as, e fundou outras, que tiveram, entretanto, pouca duração, em consequencia da pouca cultura e genio irascivel de Jesuino.

Fundou, entre outras, as seguintes: Aracaporis, situada na cachoeira do mesmo nome e habitada com indios Cubeos; Iurupari-Cachoeira, com indios Tatupiás; Iuhy-Cachoeira, muito proxima da anterior, com Umauas.

De 1855 a 1876, foi Vigario de S. Gabriel o Padre Manoel de Sant'Anna Salgado, e de Barcellos, o Padre Manoel Raymundo Alves. De 1857 a 1867, foi Vigario de Thomar Frei Fidellis Honorio Rodrigues Guedes, que occupou tambem o msemo cargo, interinamente, nas Parochias de Barcellos e São Gabriel, na ausencia dos respectivos Vigarios. Em 1865 era Vigario de Moura o Padre Samuel.

Durante este periodo houve mais uma missão nos rios Uaupés e Içana, sendo encarregados da mesma o Padre Romualdo Gonçalves de Azevedo e Frei Manoel de Sant'Anna Guedes, a qual se extinguiu em 1878.

Em 1882, passou a administrar a Missão Frei Venancio Zilochi, religioso capuchinho, o qual se installou na Aldeia de Taracuá. No anno seguinte, 1881, enviou o Governo provincial uma leva de franciscanos em auxilio de Frei Venancio, composta dos seguintes sacerdotes: Frei Matheu Camioni, Frei Geraldo Marchetti, Frei Samuel Mancini, Frei Illuminato José Coppi e Frei Stanislau Luiz.

Graças ao zelo destes missionarios, foram restabelecidas as seguintes povoações:

No Rio Uaupés — á margem direita: Trovão, N. S. da Conceição de Micurarapecuma, S. Francisco de Taracuá, Iviturarapecuma, S. Miguel de Inquirarapecuma, Santo Antonio de Iauarité, Umari, Iutica, Aracapori e Micurigarapaua.

No rio Içana: Tucano, Matirica, S. Pedro, Pirayauara, Camarão, Santo Antonio, Sant'Anna, Villa Nova, Santo Antonio Alto, Iatupirera, S. Sebastião de Corocoró, Tunui, Arutiparaná e Iandú.

No rio Tiquié: Santa Isabel de Tucano, N. S. de Nazareth de Uiraposo, S. José de Maracajú, S. Pedro de Turigarapé.

No rio Papury: Santa Luzia de Turigarapé.

No rio Kerary: Kerary.

No rio Codeiari: Mutum, sobre a margem direita.

Em 1883 Frei Venancio Zilocchi fixou-se em Tucano, no rio Tiquié, Frei Illuminato Copi em Ipanuré e Frei Matheus Camioni em Taracuá.

Durante a permanencia da missão franciscana forom as povoações do Alto Rio Negro visitadas apenas por Frei Conrado Mari.

Em 1888 retiraram-se os missionarios dos rios Uaupés e Içana, ficando desta vez extinctas aquellas Missões até nossos dias.

Proclamada a Republica, em 1889, passou a Provincia a denominar-se Estado do Amazonas, e com a separação da Egrejo do Estado descuidaram-se os Presidentes das missões, cuja consequencia foi o desapparecimento, uma a uma, daquellas povoações florescentes outr'ora, e que foram se reduzindo umas a "taperas" desertas e outras a simples sitios de um dos seus primitivos habitantes.

Dahi por diante continuaram apenas as visitas annuaes ás parochias do Rio Negro.

Em 1889 subiu o rio Frei Antonio Petrelli, e o Bispo Diocesano D. José Lourenço Costa Aguiar, em visita pastoral, chegou até á fóz do Uaupés.

De 1893 a 1898 fez a visita o Conego Luiz Gonzaga de Oliveira, sendo em 1895 Vigario de Barcellos o Padre Alexandrino Secundino Borba.

Em 1899 chegaram em visita, até S. Gabriel, o Padre Dr. Moysés José Vieira e Frei José Pohlman. Em 1901, visitou o Rio Negro Monsenhor Francisco B. da Fonseca; em 1902, Frei Illuminato José Coppi; em 1903, Padre Agesilau Aguiar e os Padres Friedrick Francisco M. Villa, que foram, respectivamente, até Barcellos e Ayrão; em 1905, o Padre Henrique Felix da Cruz

Dora e o Padre Amaro Brasil, como Vigario de S. Gabriel; em 1908, o Padre Ulysses Montesano.

Nesse mesmo anno, o Exmo. e Revmo. Bispo de Manáus, D. Frederico Costa, acompanhado pelo zeloso Missionario Capuchinho Frei Josué, percorreu todo o Rio Negro, de Manáus a Cucuhy, e grande parte do rio Uaupés. Foi, sem duvida, a mais importante e proveitosa visita realizada no Rio Negro, conseguindo obter como resultado immediato o seguinte: 378 casamentos, sendo 117 no rio Uaupés; 1.507 baptisados, sendo 671 no rio Uaupés; mil e tantos chrismas; muitissimas confissões e communhões.

Pouco depois partiu o zelosissimo Bispo para Roma, onde conseguiu, em 1910, a creação da Prefeitura Apostolica do Rio Negro, destacada da Diocese de Manáus, obtendo em Turim a acceitação dos Salesianos para dirigil-a.

Em 1909 visitaram o Rio Negro os Padres Bartolomeu Vittone e Manoel Marcellino de Brito; este adoeceu no rio Padauary e falleceu em S. Joaquim, onde foi sepultado.

Em 1914, o missionario Capuchinho Frei Ludovico de S. João percorreu o Rio Negro e parte do Uaupés, conseguindo ministrar mais de 700 baptismos e 50 casamentos. Esta devia ser a ultima visita apostolica de Padres de diversas condições, afim de ser iniciada uma Missão duradoura, que viesse implantar firmemente o reino de Jesus Christo naquella vasta região, reedificando um novo e sumptuoso monumento sobre as ruinas do passado. A Divina Providencia determinou que essa ultima visita fosse realizada por um religioso franciscano, que recolhesse uma parte dos fructos dos immensos sacrificios feitos pelos seus irmãos e destemidos antecessores.

Foi o grande Pio X que, pelo Decreto da Sagrada Congregação da Propaganda Fide, confiou em 18 de Junho de 1914 á Congregação Salesiana a administração da Prefeitura Apostolica do Rio Negro, elevada a 1.° de Maio de 1925 a Prelazia Apostolica pelas Bullas Pontificias "Christianæe religiinis", do SS. P. Pio XI, gloriosamente reinante.

6). A OBRA SALESIANA NO RIO NEGRO

Para a região, cujo ligeiro esboço já aqui foi apresentado, ao longo do percurso do encachoeirado rio das aguas negras e traiçoeiras, oureladas de mattas virgens, no meio da mais variada população de indigenas, cabôclos e civilizados, o Santo Padre Pio X enviou em 1915 os Salesianos para tomarem conta da Prefeitura Apostolica do Rio Negro.

A quantos estudam os problemas do mais elevado alcance nacional em seus aspectos fundamentaes, aos brasileiros que têm fé nos destinos de uma patria, cuja grandeza material ainda está longe de corresponder aos reclamos da civilização, não deve passar despercebida a excellencia dessa obra, á qual os Salesianos dedicam seus esforços na santa e patriotica tarefa da evangelização naquelles dilatados limites da Republica. Já não considerando o interesse exclusivamente espiritual, cumpre notar que a Missão Salesiana do Rio Negro obedece a necessidades de ordem complexa, em que como factores quantitativos figuram exigencias de ordem ethnica e social do mais elevado alcance nacional.

Basta recordar que o Rio Negro confina com as duas republicas da Venezuela e Colombia; sob o ponto de vista topographico, pois, apparecem bem evidentes as vantagens de semelhante obra e o seu opportunismo, dadas tambem as condições de abandono e completo desamparo daquellas, como de outras regiões que formam o "hinterland" brasileiro, e mesmo sem se levar em conta a efficiencia dos valores estrategicos, que mereceram outr'ora condigno reparo da parte do governo colonial, com a construcção das fortalezas de S. Joaquim, Thomar e S. Gabriel, agora completamente desmanteladas.

A manutenção nos limites patrios de muitas familias brasileiras e de muitissimos indigenas, que desamparados emigrariam para o estrangeiro, buscando nas vizinhas plagas os recursos que lhes não fornece o meio ambiente da patria, constitue por si só um dos aspectos mais sympathicos e beneficos desta obra evangelica, a que ninguem poderá negar uma funcção altamente patriotica.

A solução dos graves problemas que defrontam os missionarios nessa immensa e mysteriosa região do Rio Negro é de certo inçada de muitas e gravissimas difficuldades, devendo ser considerada, na complexidade de seus elementos, sob o triplice aspecto do saneamento rural, do ensino elementar e agricola, e da facilidade de vias de communicação.

Não deixaremos, porém, antes de pôr no seu justo relevo, a acção propriamente religiosa exercida nesses dois lustros passados, e que constitue a base insubstituivel de todo o verdadeiro progresso e civilização.

As numerosas e repetidas visitas dos missionarios ás tabas e malocas indigenas, o porfiado ensino catechistico, a larga distribuição de sacramentos administrados e que subiram a mais de 4.5000 baptismos, 1.150 casamentos, 68.000 communhões, as novas capellas construidas, os varios centros de catechese fundados nos pontos mais estrategicos da Missão, com annexas escolas, provam exuberantemente como, mercê de Deus, tenham sido copiosos os fru-

ctos espirituaes, colhidos nos primeiros dez annos de lenta penetração missionaria.

A Missão, porém, não podia limitar seus esforços a essa obra meramente cultural e religiosa: impunha-se atacar de frente e com denodada energia o triplice problema acima indicado, com os elementos indispensaveis a toda a civilização.

Trata-se em primeiro logar de arrancar os pobres cabôclos do Rio Negro da lamentabilissima vida errante pelas "estradas" impervias em demanda da borracha para fixal-os ao sólo, fonte de abastança e prosperidade quando devidamente trabalhado; e livrando assim aos poucos os indios da quasi escravidão de contratos onerosos de trabalho, sendo a este respeito dolorosamente exactas as paginas do livro "A' Margem da Historia", em que Euclydes da Cunha retrata na mais desoladora verdade a existencia infeliz dos habitantes dos rios do Inferno Verde. Mas não se substitue a secular rotina sem perseverantes esforços de uma nova educação baseada no amanho racional da terra: a distribuição de sementes e de instrumentos agricolas, a fundação de escolas de agricultura primaria ao lado do ensino elementar, que redime e que illumina, foram os primeiros passos dados pela Missão, afim de introduzir experimentalmente no povo a convicção da excellencia da lavoura, havendo já alguns symptomas promissores nesse sentido. Estimula-se assim o espirito de iniciativa de tantos pobres brasileiros, que vivem no desanimo oriundo do mais completo abandono, e espera-se que dentro em breve novos lavradores do Rio Negro poderão contribuir para o augmento da riqueza economica da Nação. E assim pretende aos poucos, com os minguados recursos de que dispõe, continuar a Missão a corrigir os falsos preconceitos daquelles habitantes, que ainda agora julgam humilhante o trabalho agricola e o amanho da terra promissora.

Ao lado do ensino agricola tem a Missão intensificado o combate ao analphabetismo, contando-se actualmente cinco escolas primarias elementares no Rio Negro, que, com a casa central de Manáus, offerecem a promissora matricula de quasi 800 alumnos de ambos os sexos, em geral estudiosos e intelligentes, capazes muitos dentre elles de aprenderem as letras do alphabeto num só dia, inclinados á musica e ao desenho linear e geometrico.

Mas não ha possibilidade do trabalho remunerador, e do ensino aproveitado, sem cogitar ao mesmo tempo dos cuidados hygienicos e therapeuticos, impondo-se sobremaneira a solução desse problema fundamental, numa região onde o quadro nosologico assombra pela vasta série de doenças, que ahi imperam.

A malaria constitue de facto a entidade morbida de indice endemico mais elevado, podendo-se dizer sem exaggero serem infectados pela malaria quasi todos os habitantes do Rio Negro.

As formas da molestia ahi encontradas são em primeiro logar a malaria tropical, muito mais abundante que as outras, e depois os plasmodios do impaludismo benigno, sendo a "Cellia argyrotarsis" e a "Cellia albimana" com a "Stethomya-nimba" as anophelinas que se encontram na região.

A ankilostomiase generalisada tambem da mais assustadora maneira e as feridas bravas, em menor quantidade porém, constituem o segundo factor em importancia na lethalidade assustadora do Rio.

Dahi a morbidez total de seus habitantes e essa indolencia e esse aspecto de profunda decadencia organica que dão a impressão exacta de um aniquillamento lento e progressivo da vida humana. Ao lado de tamanhos males physicos, não encontraram os missionarios em toda a vasta região rionegrina um unico medico, nem uma unica pharmacia, predominando as mais absurdas abusões no tratamento dos enfermos e a pratica de feitiçarias, com a repugnancia mais absoluta do uso de medicamentos. de cuja efficacia os doentes descriam completamente. Custou muito vencer esse ambiente de repugnancia e de abandono, vendo no começo baldados completamente seus esforços na distribuição de remedios, que eram recusados, ou acceitos ás vezes para serem logo atirados ao rio, num gesto de desconfiança e desprezo. Os primeiros dois kilos de qui-

nina duraram mais de um anno e em geral os outros remedios iam se estragando lamentavelmente no longo abandono das prateleiras! Mas tambem essa difficuldade foi cedendo á lenta e victoriosa acção penetradora: funccionam agora varios dispensarios e pharmacias, para as quaes o illustre e generoso americano Dr. Hamilton Rice offereceu completos laboratorios bacteriologicos; tem sido intensa e constante nestes ultimos annos a distribuição de remedios, feita até ás ultimas fronteiras da Venezuela e da Colombia, sendo digno de nota o numero de mais de 48.000 receitas aviadas de Agosto de 1922 a Dezembro de 1924; rapidas canôas e pequenas ubás singram numerosas as aguas do rio em demanda de Taracuá e S. Gabriel, onde a assistencia hospitalar é gratuitamente offerecida pelos medicos e enfermeiras da Missão, na realização lenta mas perseverante de uma tarefa, cuja benemerencia social e cujo alcance hygienico não se podem diminuir, principalmente depois que os trabalhos de Miguel Pereira e Belisario Penna expuzeram o sinistro quadro da miseria physiologica das populações sertanejas do Brasil.

Essas iniciativas de ensino e assistencia reforçaram-se tambem de um precioso contingente, que lhe adveiu do concurso das benemeritas e piedosas Irmãs Salesianas, que, desde 1922, em varios internatos, escolas e hospitaes consagram seus esforços ás mulheres e meninas indigenas, habilitando-as ao trabalho e ao ensino, e distribuem seus carinhos maternos aos numerosos doentes da região: esses esforços preparam certamente uma nova geração de moças, que formarão o progresso moral das novas familias christãs.

Nem se comprehenderia, sob o ponto de vista civilizador, a abstracção do elementos feminino na obra catechetica e missionaria. A educação da mulher aborigene e a cura dos doentes encerram um programma de admiravel execução, que glorifica o papel das missionarias, sob o aspecto instructivo, moral e prophylatico, ficando assim integralisada uma obra de evidente civilização.

Tamanha é a importancia que a sciencia economica attribue aos rios navegaveis em geral, que os distingue com a graphica denominação de "Caminhos que andam".

O Negro é de facto um grande rio navegavel, immensa arteria palpitante, que pôe em communicação seis nações, mas a sua navegabilidade é interrompida por um sem numero de cachoeiras, que difficultam immensamente o commercio e augmentam em cada anno o numero de suas victimas; tornam-se, pois, necessarias estradas de rodagem, não existindo por emquanto em toda a região rionegrina senão as poucas e fracas estradas de penetração, que a Missão tem aberto: o projecto, porém, da estrada de rodagem de Camanáos a S. Gabriel, cuja construcção foi entregue pelo benemerito governo da Republica á administração da Prelazia, vem resolver uma das maiores difficuldades, realizando um dos mais importantes melhoramentos economicos da região, ao qual a Missão Salesiana dedica desde já o seu mais esforçado interesse.

Julgamos tambem ser digno de nota o esforço com que a Missão Salesiana diligencia occupar-se, porquanto lho permitem seus minguados recursos, das pesquizas scientificas da região, onde se aninham quiçá riquezas e preciosidades innumeras no seio da matta.

De facto os geographos, os anthopologistas, os zoologos, botanicos e geologos têm nessas longinquas paragens, nessa zona opulentissima e quasi desconhecida, um campo seductor e vastissimo para nelle exercerem a sua actividade. O Observatorio Meteorologico de São Gabriel, os Postos Pluviometricos de Taracuá e Barcellos, os trabalhos biologicos iniciados pelo Dr. Miguel Desenhöfer, da Academia de Sciencias de Münich, e pelo Dr. Commendador Virgilio Alberti di Novello, medicos da Missão, as collecções de coleopteros e de lepidopteros das quaes damos em seguida a série, e a proxima viagem ao Rio Negro do naturalista Professor José Ziau para a continuação de pesquizas scientificas, constituem factos positivos, que denotam o largo descortino com que a Missão pretende prestar relevantes serviços ás sciencias naturaes do paiz.

Eis a collecção de lepidopteros: trinta especies as mais lindas entre os "Papilonidæ" e os "Morphidæ.

Entre os nocturnos mais bellos, Uranidæ e variedades:

17 especies de Morphidæ
89 " " Nymphalinœ
25 " " Lucaenidæ
26 " " Erycinidæ
43 " " Herpenidæ

e muitas outras especies de borboletas diurnas e nocturnas.

Collecção de coleopteros, contendo os mais raros e bellos especimens.

Cicindelidæ em 46 especies e variedades
Cacabidæ em 47 especies e variedades
Scarabaiedæ em 42 especies e variedades
Rutilini em 59 especies e variedades
Melacodernidæ em 46 especies e variedades
Cerambicydæ em 126 especies e variedades
Curculionidæ em 98 especies e variedades

e muitas outras especies, constituindo uma collecção de alto valor scientifico.

Ha algumas especies de Cicindelidæ que as maiores collecções da Europa não possuem ainda.

A iniciação de todos estes trabalhos distribuidos em tantos ramos de actividade e realizados numa região onde fallecem todos os recursos humanos e a natureza parece aniquilar, na brutalidade de seu meio ambiente, toda essa obra constructiva de combate e de lucta, demanda uma somma de energias e uma acção poderosa e constante, que não participam unicamente do esforço humano, mas que necessitam acima de tudo do auxilio providencial de Deus.

A' insalubridade do clima, á difficuldade e incerteza das communicações, ao cansaço organico da vida errante do missionario juntam-se o depauperamente physico, a falta por vezes dos elementos mais indispensaveis á vida, não raro tambem as ingratidões e a perseguição; quasi sempre as dividas e os encargos pecuniarios a onerarem com pesados compromissos os minguados creditos da Missão.

O pessoal missionario de dia em dia enfraquecido pelo clima inhospito e pelas privações aturadas; as numerosas victimas cahidas no campo do dever e da honra, dizimando as fileiras dos heroicos pioneiros do bem, dentre as quaes destaca-se o primeiro Prefeito Apostolico, Monsenhor Lourenço Giordano, fallecido no Javary, e enterrado á beira do Rio Negro, numa modestissima sepultura onde aguarda a hora da resurreição e do premio, falam bem alto das gravissimas difficuldades, que se antolham e de toda a santa audacia, que é necessaria na continuação da porfiada e patriotica tarefa. Ainda agora o Rio Negro mal sahiu da temerosa crise, que o insulou no deserto e no abandono, pelo espaço de quatro mezes, sem recursos, sem communicações, sem remedios e mesmo sem os alimentos mais indispensaveis á vida. A terrivel secca arruinou uma parte dos longos trabalhos de dez onnos de luctas; agora ainda um incendio pavoroso e dantesco consome dezenas de leguas de mattas seculares, num infernal arremesso de labaredas ao céu, toldado ha mezes pela fumaça, que sobe em negras espiraes daquelle oceano de fogo. E ao incendio talvez succederá amanhã a destruição pavorosa da peste...

Mas, das ruinas e das cinzas, renascem mais vigorosas as obras de Deus, como as sepulturas das victimas immoladas, surgem novas phalanges de missionarios e de Apostolos...

Estão assim summariamente expostos os trabalhos e as difficuldades, que testemunham o valor incontestavel de uma obra destinada a levar o progresso a toda aquella região, por tantos titulos digna da attenção e da sympathia publicas.

Se considerarmos de facto que a Prelazia do Rio Negro já conseguiu realizar, embora de uma forma muito imperfeita, a obra de civilização de uma parte daquella zona abandonada, tanto mais digna de amparo, quanto até agora menos protegida, se se levar em conta a sublimidade do apostolado christão, que penetra a barbaria e a illumina — e o facto de que a Missão sustenta escolas, promove agricultura e assistencia, abre hospitaes naquella immensa região, avulta incontestavelmente a necessidade de se proteger e auxiliar a patriotica iniciativa desse denodado grupo de obreiros, que envidam seus esforços na grande obra de religião, saneamento e ensino naquelles dilatados limites do Brasil.

São algumas dezenas de Religiosos de ambos os sexos que em duas Prelazias dedicam a vida á catechese dos Indios, algumas dezenas de homens que se sacrificam e imolam a vida em holocausto da civilização christã. Estas coisas precisam ser ditas e levadas em conta quando se tiver de fazer o balanço dos valores moraes que concorreram para a formação de um Brasil novo e poderoso.

Seja sob o ponto de vista estrategico, defendendo as nossas fronteiras, seja sob o ponto de vista da unidade nacional, formando um só bloco de brasileiros que falem uma só lingua, professem uma só religião, tenham os mesmos costumes, a obra posta em pratica pelos Salesianos torna-se certamente uma das de maior benemerencia neste seculo tragico, de vicissitudes de toda a ordem, quando parece estear o mundo marchando para o cáos e o abysmo.

Monsenhor Pedro Massa, que encarna perfeitamente bem o typo de missionario do seculo XX, operoso e diligente, activo e apostolico, culto e amante de todos os departamentos da sciencia, esse grande prelado brasileiro que tão rapidamente se impoz á estima e admiração dos brasileiros, ha de figurar na historia do Brasil como um dos raros typos de apostolo dedicado, os olhos presos na grandeza da Patria e na maior gloria de Deus, o catechista por excellencia, o incomparavel conductor de homens.

O desenvolvimento conseguido num progressivo desdobrar de energias e de obras na Missão Salesiana do Rio Negro aconselhou a mesma Missão a tratar da solução do magno problema, que se apresenta para a lenta e gradual incorporação do indigena á vida civilizada, isto é, a localização dos indios em determinadas aldeias, fixando-os assim ao sólo, inicio natural e logico de toda a civilização.

Nesse intuito foram fundadas successivamente desde 1929 varias aldeias, ou povoações, que attingem presentemente o numero de 35, com perto de 3.000 indios aldeados.

Reunir o maior numero de indigenas, que vegetam nos igarapés mais afastados e mysteriosos, onde são dizimados pelas febres e outras molestias equatoriaes e pela mais completa falta de hygiene, das mais comesinhas commodidades da vida humana: acostumal-os paulatinamente a viver em contacto com os brancos de cuja presença fugiam, para não serem obrigados a longos e exhaustivos trabalhos nos seringaes, mal remunerados e maltratados, feitos escravos de pseudo-civilizados: evitar o pernicioso fraccionamento das tribus pela sua reunião em collectividades ethnicamente distinctas, de conformidade com a origem das tribus e suas preferencias raciaes; proporcionar-lhes um ambiente propicio á civilização pela eliminação de factores negativos e mediante a adaptação progressiva de novos habitos e costumes, compativeis com o seu estado primitivo, constitue a finalidade que a Missão collima nesse trabalho lento, mas fecundo, destinado a tornar o aborigene um elemento de civilização e relativo progresso.

A actuação lenta mas constante e decisiva dessas medidas fundamentaes, integradas paulatinamente por outras iniciativas da mais elevado alcance social, poderão introduzir num proximo futuro elementos estaveis e efficazes para o reerguimento dessa immensa região.

Aos intuitos humanitarios, que presidem a essa obra, cumpre accrescentar as finalidades de ordem nacional e estrategica, considerando as condições

de completo abandono desse immenso hinterland brasileiro — outrora contestado — e a sua proximidade com as Republicas da Venezuela, Colombia e Bolivia, circumstancia esta que mereceu condigno reparo do proprio Governo Colonial, com as construcções das fortalezas de São Gabriel e Cucuhy, agora desmanteladas.

Nesse intuito a Missão tem creado escolas, asylos e officinas, divulgando a alphabetização no seio dos indios com pequenas escolas ruraes e proporcionando-lhes instrumentos de lavoura, officinas de carpintaria, modestas serrarias necessarias para a construcção de casas e moveis, e o culto da Bandeira Nacional, elementos todos fartamente distribuidos em quasi todas as aldeias fundadas.

A Missão Salesiana tambem não descura o problema sanitario e prophylatico, com a fundação de postos de prompto-soccorro e de quininização, como outrosim o problema rodoviario com abertura de estradas, quaes as de Ipanoré, Urbucuara e a recentemente iniciada de Santa Luzia do Papory, reduzindo extensos percursos fluviaes, contornando temiveis cachoeiras, facilitando assim o incipiente commercio que se vae canalizando para a Capital do Estado, com a remessa dos productos extractivos das republicas visinhas da Colombia e da Venezuela.

Tendo sempre em vista incrementar a localização dos indigenas, cogita presentemente a Missão de fundar o grande nucleo de Vira-Poço no alto Tiquié, onde serão installadas escolas e asylos para ambos os sexos, officinas varias e um pequeno hospital para as necessidades sanitarias locaes.

O Relatorio que segue fornece os dados estatisticos de movimento realizado no correr de 1932.

Funccionaram em 1932, continuando a prestar seus serviços em toda a região do Rio Negro, e a cargo desta Prefeitura, os seguintes estabelecimentos de assistencia, ensino elementar, agricola e profissional, dos quaes, em cumprimento de quanto prescreve o Decr. N.° 20.351, de 31 de Agosto de 1931, fornecemos os informes e dados estatisticos que seguem.

a). — Missão de São Gabriel

1 9 1 5

(data da fundação)

Asylo e Escola Agricola e profissional com 81 alumnos internos e 12 externos.

Asylo Indigena Feminino, de curso elementar, primario, profissional e domestico com 98 alumnas gratuitas.

Hospital com 18 leitos e Dispensario gratuito de remedios.

Em 25 de Dezembro do anno passado foi inaugurado o novo pavilhão do hospital, optima construcção em pedra e tijolo, estando em construcção mais uma ala do edificio para o mesmo fim.

No pavilhão do antigo hospital, depois de devidamente adaptado, funccionam presentemente as novas aulas do Asylo Feminino.

Da mesma fórma continua a construcção do novo predio da Escola, esperando inaugurar-se no meado do corrente anno as novas salas destinadas a dormitorio dos alumnos internos.

Foram tambem inaugurados os novos esgotos e o serviço completo de luz electrica.

b). — Missão Indigena de Taracuá

1 9 2 4

(data da fundação)

Asylo Indigena com 80 alumnos internos gratuitos, pertencentes á tribu dos indios Tucanos.

Asylo Indigena Feminino com 71 alumnas internas gratuitas, da mesma tribu.

Hospital e Dispensario gratuito de remedios e Posto de Prompto-Soccorro.

Funccionam nesta missão escolas profissionaes gratuitas de alfaiataria e córte para ambos os sexos, e as de marcenaria e carpintaria para os alumnos.

c). — Missão Indigena de Jauareté - Cachoeira

1 9 2 9

(data da fundação)

Asylo Indigena com 88 alumnos internos gratuitos.

Asylo Indigena Feminino com 68 alumnas internas gratuitas

Escola profissional gratuita de alfaiataria e córte para ambos os sexos e de carpintaria para os meninos.

Ambulatorio e Posto de Prompto-Soccorro.

Nesta missão, como na de Taracuá, estão presentemente em construcção dois novos edificios destinados para os dois internatos de ambos os sexos.

Aguarda-se da Italia a remessa do material necessario para uma installação electrica, para o serviço de luz e funccionamento de uma completa serraria mecanica.

d). — Missão de Barcellos

1 9 2 5

(data da fundação)

Asylo com 38 alumnos internos.

Posto de Prompto-Soccorro e Ambulatorio.

Nesta Missão foi levantado, no anno passado, um novo andar no edificio do Collegio e está em construcção um novo predio de tijolo e cimento para o Asylo Feminino e annexo hospital.

Foram tambem executados os trabalhos para a conducção de agua e installação electrica, para os quaes concorreu generosamente o Estado com uma larga remessa de material de construcção.

Espalhadas no alto Rio Negro, e especialmente no rio Uaupés e nos seus affluentes, existem 35 povoações indigenas, onde foram localizados pela Missão Salesiana 3.546 indios de varias tribus, aos quaes continua-se a prestar assistencia na medida das necessidades locaes e das possibilidades da Missão.

Junta-se ao presente Relatorio uma relação exacta dessas povoações e dos varios elementos ethnicos que a compõem, contando a Missão com o progresso lento, mas constante dessas pequenas villas indigenas, seja pelo augmento de seus habitantes, como tambem pelo seu adeantamento civil e definitiva incorporação ao patrimonio nacional.

e). — Manáos

1 9 2 2

(data da fundação)

Collegio de D. Bosco — 1.040 alumnos, dos cursos elementar, commercial e gymnasial, com aulas diurnas e nocturnas, dos quaes mais de 400 gratuitos.

Collegio Maria Auxiliadora — 1930 — com 285 alumnas, das quaes 150 gratuitas.

Posto de Prompto Soccorro e Dispensario gratuito de remedios com assistencia medica.

f). — Nucleos indigenas em projecto

Nucleo de Vira-Poço no Rio Tiquié.

Nucleo de Tunuy Grande, no Rio Içana.

Em todos os Collegios e Escolas das Missões, além do ensino primario, agricola e profissional, funccionam aulas de gymnastica sueca, escolar e militar, e na Missão de Taracuá um modesto cinema.

g). — Estradas de Rodagem

Além da estrada de rodagem de Ipanuré e Urubucuara, construida em 1927 e que continua a prestar optimos serviços, contornando as cachoeiras de Ipanuré, a Missão está presentemente concertando e remodelando a estrada de rodagem de Camanáos a S. Gabriel, numa extensão de 22 kilometros, afim de tornal-a viavel para o trafego de auto-caminhões, continuando-a em seguida até a bocca do rio Uaupés, facilitando assim as communicações daquelle rio com o baixo Rio Negro.

h). — Obras Scientificas

A cargo da Prefeitura continuam a funccionar as Estações Meteorologicas e hydrometricas de S. Gabriel (2.ª classe), Taracuá, Jauareté, Moura e Barcellos (3.ª classe), e a Estação Aerologica e Meteorologica de Manáos (2.ª classe especial).

A Prelazia está presentemente preparando um novo trabalho scientifico, em continuação ao que publicou em 1922, o qual prestará certamente — como o primeiro — valioso concurso para a solução de varios problemas que dizem respeito á ethnographia nacional.

Merece particular destaque o facto de que todas estas obras de assistencia, caridade e ensino foram montadas e são mantidas no meio da maiores difficuldades oriundas do clima inhospito e micidial, atravéz de communicações difficilimas, cortadas por temerosas cachoeiras, sendo digno tambem de registro que todas ellas são exercidas em territorio lindeiro com a Venezuela e Colombia, em cujas fronteiras, portanto, torna-se mais necessaria a assistencia ao elemento indigena e o desenvolvimento do sentimento nacional e patriotico, o que sempre tem sido uma das maiores preoccupações da Prelazia do Rio Negro.

i). — Igrejas e Capellas da Prelazia Apostolica do Rio Negro

Cresce dia a dia o numero de templos que os abnegados missionarios salesianos fazem erguer no meio das seculares mattas amazonicas. Dentro delles, o indigena vae erguendo melhor suas preces a Deus e afeiçoando a pro-

pria alma á nobreza das crenças christãs. Seja nas povoações mais adiantadas, seja no começo de missão, onde tudo ainda é tão rude e primitivo, os Missionarios do Rio Negro e de Porto Velho põem ao lado das escolas a igreja, e do instrumento de trabalho o Tabernaculo.

Citam-se a seguir os templos que já se levantam na Prelazia:

Igreja	de	Carvoeiro	dedicada	a Santo Alberto
Igreja	"	Caborys	"	a N. S. do Rosario
Capella	"	Barcellos	"	a N. S. Immaculada
"	"	Moreira	"	a N. S. do Carmo
"	"	Palmeiras	"	a N. S. da Conceição
"	"	Padauery	"	a N. S. Immaculada
"	"	Rio Preto	"	a S. Sebastião
"	"	Santa Izabel	"	a S. Gabriel
"	"	Paraiso	"	a São Pedro
"	"	São Pedro	"	a N. S. de Nazareth
"	"	Iucaby	"	a N. S. Maria Auxiliadora
Igreja	"	Camanáos	"	a S.S. Trindade
Igreja	"	São Gabriel	"	a S. Gabriel
Capella	"	São Joaquim Uaupés	"	a São Joaquim
Igreja	"	Caiary	"	a São Joaquim
Capella	"	Sant'Anna	"	a Sant'Anna
"	"	Umarituba	"	a São Pedro
"	"	São Filippe	"	a São Filippe
"	"	São Marcellino	"	a São Marcellino
"	"	Marabitana	"	a São José
"	"	Içana	"	a Sant'Anna
"	"	Urubucuara	"	a Nossa Senhora
"	"	Taracuá	"	ao Coração de Jesus
"	"	Cucuhy	"	a S. Sebastião (em construcção)

j). — Posto de Prompto Soccorro de Barcellos — Rio Negro

(1932)

Remedios distribuidos: Capsulas de quinino — 62.490 — Injecções varias — 1.358 — Purgantes salinos — 678 — Purgantes de oleo de ricino — 1.017 — Lombrigueiros — 1.436 — Ataduras — 271 — Pomadas — 553 — Receitas varias — 1.183 — Curativos de feridas — 6.406 — Curativos varios — 1.669 — Injecções no Posto — 2.201 — Injecções a domicilio — 1.664 — Barcellos, 31 de dezembro de 1932 — (a) Pe. José Demitrovitsch.

k). — Resumo das obras realizadas pelas Missões Salesianas do Amazonas no anno de 1932

Alumnos internos gratuitos — 499 — Alumnos externos gratuitos — 980 — Total dos alumnos das Escolas das Missões — 2.100 — Asylos e Internatos — 8 — Hospitaes — 5 — Postos de Prompto Soccorro — 17 — Povoações indigenas — 35 — Indios aldeados e soccorridos — 1.546 — Indios para serem aldeados — 2.799 — Medicos — 2 — Pharmaceuticos e enfermeiras — 22 — Mestres — 51 — Receitas, injecções e curativos em 1932 — 80 300 — Consultas medicas — 27.500 — Caps. de quinino distribuidas — 285.000 — Pavilhões em construcção para hospitaes, asylos e escolas — 7 — Missões a se fundarem em Tunuy Grande, Vira Poço e Tres Casas — 3.

A cargo das duas Prelazias está o serviço de assistencia sanitaria e hospitalar do Rio Negro e do Rio Madeira.

7). ESTATISTICA DOS INDIOS DO ALTO RIO NEGRO – 1931)

LOCALIDADES	Tucanos	Tarianos	Dessanos	Piratapuias	Uananas	Arapaços	Cubeuas	Miritys	Tujucas	Macús	Barás	Carapaços	Outros	Banivas	TOTAES
Da fóz do Uaupés a Taracuá:															
Trovão Pov.			60												60
Arredores			40												40
Itapinima			45												45
Coró-Coró			37												37
Jurarapecuma	51														51
Jacaré Ponta				35											35
Arredores				54											54
Ananaz Povo	159														159
Arredores	32			8											40
TARACUA':															
Pov. e arredores	192		24	32					14						262
Na Missão													150		150
ALTO UAUPÉS															
Ipanuré Pov.	15	86													101
Urubucuara	9	92		5											06
Mariuá	2		4	31											37
Cigarro		29													29
Busina	10	35		3											48
S. José						136									136
Loyro Pov.						128									128
Paraná Jucá						25									25
Juquira	156														156
Uaracú Ponta				129											129
Arredores		5		106											111
JAUARETE':															
Lado esquerdo		118													118
Missão		131													131
Arredores		132													132
Na Missão													125		125
Umary Pov.	84														84
Arredores	9	15		25											49
Bacaba		21													21
Arredores					65										65
Carurú Pov.					75										75
Matapy e Jacaré					64										64
Jutica Pov.					120										120
Arredores					43										43
Querary							88								88

LOCALIDADES	Tucanos	Tarianos	Dessanos	Piratapuias	Uananas	Arapaços	Cubeuas	Miritys	Tujucas	Macús	Barás	Carapaços	Outros	Banivas	TOTAES
TIQUIE';															
Baixo Tiquié	27		12					30		25					94
Tucano Cac.	35		19												54
S. Paulo	7							58		30					95
Vira Poço	99		50							50					199
Floresta			131							6					137
S. José	49									25					74
S. Maria	55														55
Maracajá	32		41												73
Bella Vista	73		63							50		14			200
Pary e arr.	113								10	24					147
Carurú	58														58
Pucú-Sarapó e arredores									279						279
Uaracú-Pirera e arredores										10					100
RIO PAPORY															
Japurá e arr.		53													53
Serrinha	21														21
S. Luzia Pov.	84														84
Tury-Igarapé			75							48	90				123
Japiim Pov.				42											42
S. Gabriel				68											68
S. Paulo				50											50
Alto Papury	250								75			90			415
Rio Içana													250	600	850
	1622	717	601	588	367	289	88	88	378	268	90	104	525	600	6.325

Indios aldeados 3.546
Indios não aldeados 2.779

8). O APOSTOLADO NO RIO NEGRO

Muito resta ainda a fazer no campo da propaganda da fé.

Desde que Nosso Senhor Jesus Christo fundou sua Egreja, enviando os seus doze primeiros missionarios — os Apostolos — dizendo-lhes: "Ide, ensinae a todas as nações", jámais o movimento de conversão foi tão fecundo e tão excellente como no nosso seculo.

Fiel á ordem do Divino Mestre, utilisando os novos meios de communicação, a Santa Sé envia bispos e sacerdotes até aos extremos da terra. Em toda a parte os missionarios trabalham, semeiam, colhem, oram e soffrem, emfim, dão a propria vida, obscuramente uns, tragicamente outros, todos porém em seu posto de honra. Por elles, de um a outro polo é offerecido o sacrificio incruento da Cruz.

Mas são por demais esquecidos esses heróes, são mui poucos e pouquissimo é o auxilio que se lhes presta.

Vamos deixar que falem as cifras.

Missões, dioceses, vicariatos apostolicos, prefeituras apostolicas, em todo o mundo — 382.

Missionarios, sacerdotes, irmãos leigos, irmãs e demais membros de congregações religiosas — 32.500.

Parece muita coisa, entretanto vejamos esses outros numeros:

De 1.700 milhões de habitantes, que approximadamente conta o nosso globo, ha 304 milhões de catholicos, 157 milhões de scismaticos, 212 milhões de protestantes, 15 milhões de judeus. Total: 688 milhões de homens conhecem mais ou menos integralmente e adoram o verdadeiro Deus; 227 milhões de mahometanos, 510 milhões de budhistas, 205 confusionistas, 70 milhões de fetichistas.

Total: 1.012 milhões de homens ignoram ainda a revelação.

Depois de 1925 anos da morte de Nosso Senhor Jesus Christo, perante essas cifras, toda a consciencia christã deveria propor-se esta terrivel pergunta:

—A quem cabem as responsabilidades ? E destas responsabilidades que parte me toca?

A' penuria de operarios catholicos deve-se accrescentar, desde o seculo passado, a concurrencia protestante. Esse duplice aspecto da religião christã apresentada aos pagãos os desorienta: o attrativo das riquezas prodigalizadas pelo protestantismo anglo-saxão os attrahe. O dinheiro distribuido, comparado com os fracos recursos offerecidos pelos catholicos, representa um por cem.

Com effeito, as sommas recolhidas annualmente sobem a centenas de milhões de francos. Só os methodistas numa recente subscripção recolheram, em alguns mezes, mil milhões.

Entretanto, a "Propagação da Fé" distribuiu ás missões catholicas 700 milhões em um seculo, visto como só poude arrecadar 30 milhões por anno, e a Associação da Santa Infancia recolhe nns quinze.

Comparemos esses dados e convençamo-nos cada vez mais da necessidade urgente de auxiliarmos as missões entre os infiéis.

NOS SONHOS DE D. BOSCO

As Missões são partes integrantes da multiplice obra de Dom Bosco, que as iniciou, não só seguindo os impulsos do zelo da salvação das almas, que o devorava, mas tambem porque constatou ser a vontade de Deus, manifestada através de sonhos e visões.

Recordemos de passagem as mais importantes dessas illustrações e façamos a proposito algumas considerações.

Foi em 1854, ainda nos inicios do Oratorio, que a primeira luz começou a brilhar. Um dos seus mais dedicados alumnos, que lhe tinha prestado valioso auxilio na assistencia dos cholericos, no mez de Agosto cahiu gravemente doente. O caso foi dado como desesperador, motivo pelo qual D. Bosco tratou de lhe ministrar os ultimos Sacramentos. Chegava já á porta do quarto, quando uma scena estupenda o fez parar.

Uma "bellissima pomba", enchendo de vivissima luz a alcova, esvoaçava por sobre o jovem moribundo, tocando-lhe de quando em quando o rosto com o ramo de oliveira, que por fim deixou cahir sobre sua cabeça, desapparecendo em seguida.

Dom Bosco avizinhou-se então do leito do enfermo, e viu outra maravilha: figuras extranhas de selvagens ali estavam em ancias pela sorte do joven doente. Ao vêr aquella pomba, Dom Bosco comprehendeu que Cagliero (era este o alumno) chegaria a ser padre e bispo e, á vista dos selvagens, que as missões seriam o seu campo de trabalho. Portanto, em vez de lhe administrar os Sacramentos, annunciou-lhe um proximo restabelecimento, e disse-lhe que um dia seria padre e que partiria... para longe, muito longe.

Dom Bosco procurou por muito tempo atinar com a etnologia daquelles selvagens, mas debalde, não conseguiu orientar-se nas suas pesquizas. Em 1869, teve uma visão — ou, como dizia elle, um sonho, que só mais tarde, em 1876, contou aos seus salesianos.

Pareceu-lhe estar numa região selvagem, desconhecida; era uma vasta planicie inculta com um fundo de escabrosas montanhas, que se alinhavam no horizonte.

Hordas de selvagens caminhavam em todas as direcções. Eram de alta estatura, de aspecto feroz, tinham os cabellos hispidos e longos, a tez de um bronzeado escuro, trajavam largos mantos de pelle de animaes; por armas empunhavam a lança e manejavam uma especie de funda.

Daquelles homens, alguns corriam caçando féras, outros traziam espetados nas lanças pedaços sanguinolentos de carne; dos restantes, uns se degladiavam raivosamente entre si, outros procuravam embargar o passo a batalhões de soldados vestidos á européa; o terreno estava juncado de cadaveres. Eis senão quando começaram a apparecer ao longe pessôas que, pelos trajes e modos, mostravam ser missionarios; avizinharam-se para prégar aos selvagens, mas foram por estes massacrados.

Dom Bosco horrorisava-se ante aquella barbaria.

Um segundo grupo de missionarios apresentou-se na planicie; vinham todos alegres e precedidos de uma turba de meninos. Dom Bosco os reconheceu: eram salesianos, e os primeiros os conheceu pessoalmente. Os missionarios acariciavam os meninos, vendo o que, a multidão com mostras de alegria recebeu-os cortezmente, e ouviu-os com attenção.

Depois ajoelharam-se todos deante duma estatua de Maria Auxiliadora

O amor maternal, entre os Indios, é igual ao dos civilizados, se não supera em dedicação e espirito de sacrificio.

Como se vê, as construcções no Rio Negro (Jauareté) aparecem majestosas, mas quasi encravadas na matta virgem (1). Dessa matta virgem sáem sempre animaes estranhos e perigosos. O missionario Padre Luiz, por exemplo, apanhou uma jararaca viva (2), que é o que se vê na gravura.

e começaram a cantar: **Lodate Maria, o lingue fedeli**, canto muito em uso então no Oratorio.

Quando Dom Bosco contou este sonho, confessou ter unicamente comprehendido "que se tratava de missões extrangeiras".

Procurou em vão individualisar aquellas turbas selvagens. Só no mez de Dezembro de 1874, quando o consul argentino de Savona convidou Dom Bosco a mandar os salesianos á Argentina, comprehendeu tratar-se dos selvagens da Patagonia.

No dia 11 de Novembro de 1875 partia de Turim a primeira expedição de missionarios, capitaneada pelo então P. Cagliero. Antes da partida, Dom Bosco dirigiu-lhes a palavra e, entre outras coisas, lhes disse: "Confiae em Jesus Christo Sacramentado e em Maria Auxiliadora, e vereis que coisas são os milagres".

E os milagres não se fizeram esperar! Hoje vemos o milagre por excellencia da Patagonia civilizada, cujos indios superstites são todos christãos. Aquelles pioneiros da civilização, escudados na protecção da Virgem, sahiram immunes de tantos perigos, viram a brandura dos selvagens, que abandonavam a antiga vida para abraçar a que lhe propunham em nome de Jesus Christo.

Dom Bosco, mais do que todos, conheceu a fundo os milagres operados por Maria Auxiliadora para que aquella missão florescesse. Foi Ella quem suscitou os cooperadores e cooperadoras a fornecerem as sommas ingentes necessarias... Talvez Dom Bosco não pensasse em outros centros de missão, já que o pessoal e os meios de que dispunha eram por demais escassos, mas eis que, quando menos esperava, o mundo se lhe abre ás escancaras.

No dia 30 de Agosto de 1883, manifestou Deus a sua vontade num sonho (visão) que teve no Collegio de S. Benigno Canavese.

Guiado por um amigo — o joven Luiz Colle, fallecido dois annos antes — percorreu toda a America do Sul, desde Carthagena (Colombia) até o Estreito de Magalhães e de lá voltou ao ponto de partida, atravessando as vastas regiões do Brasil; viu a horrivel miseria dos indios daquellas regiões que o joven lhe indicava, dizendo: "Eis a messe dos Salesianos !

Naquelle sonho viu os indios que deviam ser evangelizados e foi-lhe communicado tambem — debaixo do symbolo de uma allegoria — que "com suor e sangue os selvagens começariam a ser ramos virentes da planta divina..."

Actualmente, os missionarios salesianos estão nos lazaretos da Colombia, nas florestas do Equador, nas brenhas cerradas do Matto Grosso, ás margens dos affluentes do Rio Negro e do Paraguay, entre os indios Ciamacocos, nos Pampas, etc. Não ha nação na America do Sul onde elles não estejam.

Dom Bosco viu tudo num sonho e viu tambem o principio da realidade momentos antes de passar á eternidade; com effeito, no ultimo dia da sua vida mortal, chegou ao Oratorio um telegramma que annunciava a feliz chegada dos salesianos ao Equador. Mas com viva fé na potencia de Maria deu como certo o que os sonhos lhe presagiavam e não deixou de contar tudo a seus filhos espirituaes. E lhes disse que as missões custariam "suor e sangue": os suores estão na ordem do dia e tambem o sangue tingiu em bençãos do rocio vivificante aquelles uberrimos campos de missão; por exemplo: na Terra do Fogo, em Matto Grosso, etc.

O FUTURO DAS MISSÕES SALESIANAS

A ultima illustração deu-se em Barcelona (Hespanha), no anno de 1886.

Uma noite, viu-se elle em uma extensa collina, coberta de bosques; de repente, chama-lhe a attenção enorme algazarra de innumeravel turba de meninos, que lhe corre ao encontro clamando:

— Esperamos-te tanto, esperamos-te tanto; agora, que estás entre nós, não te deixaremos escapar.

D. Bosco ficou confuso — escreve o Pe. Viglietti, que ouviu do Veneravel a narração do sonho — e eis que vê immenso rebanho de cordeiros, guiados por uma Pastora que, tendo separado os jovens de uma parte e os cordeiros de outra, approximou-se de D. Bosco e disse-lhe:

— Vês o que está á tua frente ?

— Se o vejo!

— Pois bem; lembras-te do sonho que tiveste á edade de 10 annos?

— Tenho a mente cansada; presentemente não me lembro bem.

— Bem, bem, — retrucou a Pastora — pensa um pouco e recordar-te-ás.

E, tendo feito approximar os jovens de Dom Bosco, disse-lhe:

— Alça os olhos para aquella parte; e vós todos olhae bem para aquellas regiões, e lêde o que está escripto...

— Tu, que coisa vês?...

— Vejo — retrucou D. Bosco — vejo montanhas, depois o mar; após. collinas; por fim, montanhas e mares novamente.

— Leio — dizia um menino — Valparaiso.

— Eu, dizia outro, leio: Santiago !

— Leio os dois, concluia um terceiro.

— Pois bem — continuou a Pastora — parte desse ponto e terás uma norma do que os Salesianos deverão fazer para o futuro. Agora, volta dessa parte e olha.

— Vejo montanhas, collinas e mares ! — exclamou Dom Bosco.

E os jovens aguçaram os olhares e clamaram em côro: — Lemos: Pekim !

Viu então D. Bosco uma grande cidade, cortada por um largo rio, sobre o qual arcavam-se grandes pontes.

— Bem — disse aquella Senhora, que falava á guisa de mestra: — agora traça uma linha de uma extremidade á outra, de Pekim a Santiago; põe o centro no meio da Afica e terás uma idéa exacta do que devem fazer os Salesianos.

— Mas, como? — exclamou D. Bosco — como fazer tudo isso? As distancias são immensas, os logares difficeis, pouquissimos os Salesianos.

— Não te afflijas, farão isso os teus filhos; mas que haja observancia rigorosa das regras (commenta o Pe. Lemoyne) e espirito da Pia Sociedade.

— Mas, replicou D. Bosco, onde arranjar tanta gente ?

— Vem e olha. Vês lá quinhentos missionarios promptos ? Mais além, verás mais ainda! Corre os olhos de Santiago até ao centro da Africa: nada vês ?

— Sim, respondeu D. Bosco, dez centros de missões.

— Está bem; estes centros que vês formarão estudantados e noviciados afim de provêr a estas regiões.

Agora volta-te da outra parte.

Ahi vês outros dez centros do interior da Africa até Pekim

E estes centros darão missionarios a todas estas outras regiões. Eis Hong-Kong, eis Calcutá, mais além Madagascar. Estes e outros centros mais terão casas, estudantados e noviciados.

Dom Bosco ouvia, olhava e examinava; afinal disse:

— E onde hei de encontrar tanta gente, e como enviarei missionarios a esses logares? Ha ahi selvagens anthropophagos, pagãos, hereges; que fazer ?

— Olha, respondeu a Pastora, põe-te á obra com boa vontade: uma unica coisa has de fazer: recommenda que os teus filhos cultivem a virtude de Maria.

— Sim, sim, creio ter comprehendido; a todos relatarei as tuas palavras, disse D. Bosco...

— E toma cuidado, replicou a S. S. Virgem (que outra não era aquella Pastora), livra-te do erro que está agora em voga; de mesclar os que estudam as artes humanas com os que se dedicam á divina; porque a sciencia do Céo não se mette com a da terra...

Dom Bosco queria falar, mas a visão desfez-se.

As missões salesianas em todo o mundo são em numero de 27, com 1299 missionarios, 1081 obras missionarias ou em favor da juventude e, mais, ou menos, 114.119 catechumenos e alumnos dos institutos, que funccionam nos logares de missão.

MISSÕES SALESIANAS NA AFRICA

1. Argelia e Tunisia, 2. Egypto, 3 Katanga (Congo Belga), 4. Cabo da Bôa Esperança.

Missionarios e Missionarias na Africa 116
Obras Missionarias ou em favor da juventude 119
Catechumenos e alumnos das Missões e dos Institutos juvenis 10.797

MISSÕES SALESIANAS NA ASIA

1. Turquia, 2. Asia Menor, 3. Palestina, 4. Tandjore, 5. Assam, 6. Shiu-Chow, 7. Heung-Shan, 8. Macáu, 9.. Shangai.

Missionarios e Missionarias da Asia 356
Obras Missionarias ou em favor da juventude 301
Catechumenos e alumnos das Missões e dos Institutos juvenis 26.636

MISSÕES SALESIANAS NA AMERICA DO SUL

1. Grandes Lazaretos, 2. Jivaros (Equador), 3. Rio Negro (Amazonas), 4. Rio Madeira (Amazonas), 5. Boróros (Matto Grosso), 6. Chaco Paraguayo, 7. Pampas (Argentina), 8. Patagonia Septentrional (Argentina), 9. Patagonia Central (Argentina), 10. Patagonia Meridional (Argentina), 11. Terra do Fogo e Ilhas adjacentes (Argentina e Chile).

Missionarios e Missionarias na America 771
Obras Missionarias ou em favor da juventude 644
Catechumenos e alumnos 74.599

MISSÕES SALESIANAS NA AUSTRALIA

1. Kimberley, 2. Melburne.

Missionarios e Missionarias na Australia 26
Obras Missionarias ou em favor da juventude 16
Cathechumenos e alumnos das Missões e Institutos 2.087

CONTINENTES	Numero das missões	Missionarios e missionarias	Obras missionarias	Cathecumenos e alumnos
AMERICA	11	771	644	74.599
ASIA	10	356	301	26.636
AFRICA	4	116	119	10.797
AUSTRALIA	2	26	16	2.087
	27	1.269	1.080	114.119

Convém notar: 1.° — No numero dos missionarios não estão incluidos os catechistas e pessoas, não salesianas, que coadjuvam nos institutos e nas missões de D. Bosco.

2.° — Os dados acima expostos se referem unicamente aos logares de missão. Não estão, pois, comprehendidos os outros 247 Institutos com 299.612 alumnos, esparsos em 23 Nações das tres Americas, onde trabalham 1.354 Salesianos e 1.349 Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora.

3.° — Cada missão abrange ordinariamente diversas residencias, obras missionarias (capellas, hospitaes, pharmacias, etc.) e obras em favor da juventude indigena: oratorios festivos e quotidianos, associações, escolas de cultura, de artes e officios, etc., etc.

4.° — Os Filhos de D. Bosco e as Filhas de Maria Auxiliadora, com a caridade dos seus bemfeitores, mantêm 28 institutos destinados á formação de novos missionarios.

Não são deliciosos estes abacaxis? (1) Mais delicioso é o sorriso destes indiozinhos que os Salesianos catechizaram com amor. Os rapazes, de enxada ao hombro (2), vão todas as manhãs para o campo, onde aprendem praticamente agricultura mas não se pense que as meninas lhes fiquem atraz. Ellas tambem cuidam das hortas e pomares (3) com decisão e um sorriso ao canto dos labios. Não se conhecem "melindrosas"...

O Prelado, Monsenhor Pedro Massa (1), *pôsa diante de um grupo de indiozinhos uniformizados, cujos paes já moram em villas decentes* (2), *longe do estado selvagem de annos atraz* (3). *O Padre Antonio Giacone tral-os nesse estado para os preparar, polir, catechizar.*

9). EPISODIOS DA VIDA MISSIONARIA

Dentre os muitos episodios que a vida missionaria apresenta, destacaremos apenas alguns, cujos traços pittorescos dão uma idéa caracteristica do meio ambiente missionario.

São poucos e colhidos a esmo, mesmo entre outras missões, como a do Araguaya, do Chaco, dos Jivaros...

Fallarão á nossa phantasia, estimulando nosso zelo e nossa admiração, á vista das victorias que, atravez de sacrificios e de luctas, alcança a Cruz Redemptora, evangelizando o mundo.

NA PROFUNDEZA DAS SELVAS

O menino tucano, piratapuia ou outro de qualquer tribu, desde o mascimento até a edade de seis ou sete annos, vive sempre ao lado da mãe que, aonde vae, o leva, ora sobre as costas, ora ao collo.

Infallivelmente, todas as madrugadas vae, juntamente com a mãe, tomar o banho matutino (sport que exercita varias vezes durante o dia).

Não usa roupa alguma: suppre-a a pintura do corpo: esta varia segundo os gostos.

Quando o indiosinho está em condições de frechar bem os peixes ás margens dos rios, abandona a mãe e concentra toda a sua vida na pesca, na caça dos lagartos, dos passarinhos ou na procura de formigas.

Ninguem tem então o direito de lhe dar ordens: o menino selvagem vive ao seu bel prazer, livre, completamente livre.

O pae irá trabalhar na floresta, caçar ou pescar: o filho, se lhe apraz, acompanha-o; de contrario, irá vagabundear nas margens do rio: pesca, banha-se, depois rebola-se na areia como um leitãosinho.

A mãe precisa de agua ou de lenha ?

Não creiam que mandará o filho buscal-as !

Nem por sombra! Irá ella mesma, com um filhinho ao braço, o outro ao collo se for necessario; pois o maior agora já é um passaro fóra do ninho e goza da liberdade.

A paixão da pesca é tão forte que, em certos dias, o indiosinho passa horas e horas á margem do rio, com os olhos fixos na agua, imperturbavel aos raios do sol, ou á violencia do aguaceiro.

A sua felicidade é completa, quando póde voltar á maloca com uma duzia de peixes; acocorado ao pé do fogo, fará frital-os, afim de os comer depois avidamente.

A CHEGADA DAS MISSÕES

Entre os indios vigora o costume de, após a plantação da mandioca (trabalho que dura mesmo alguns mezes, segundo os logares e os instrumentos de trabalho de que dispõem), irem visitar os parentes e amigos que mo-

ram longe, com os quaes passam 15 a 20 dias numa parte, um mez noutra, afim de tomar parte collectivamente nas pescarias, nas caçadas e nos outros passatempos.

Reunem-se assim, e algumas vezes chegam á nossa missão em grupo de uma ou mais familias.

O chefe dirige-se á maloca para encontrar o tuchaua (cacique) ou um outro conhecido, afim de ser por este apresentado ao Padre e visitar a missão. Vendo-se bem acolhido, logo pede para ficar, e, se não possue ainda vestidos, pede trabalho, afim de compral-os.

Em geral no primeiro dia os meninos não apparecem. Sahem da maloca para observar a egreja de longe, mas não se approximam: e, apenas apparece o missionario, fogem ás carreiras.

De noite, porém, vão assistir ás orações junto com os paes, aos quaes se achegam tremendo e amedrontados.

Aconteceu-me varias vezes vêl-os agarrar febrilmente os proprios paes, com os olhos estatelados, a respiração suspensa, aterrorizados como que á presença de um monstro, quando me viam sahir da egreja: alguns gritavam, outros procuravam fugir.

Alguns indios, acabada a funcção, sahiam antes dos outros da capella e de longe prostravam-se em observação.

Já que o missionario não é tão terrivel como crêem, porque ri e brinca com os meninos, falla amigavelmente com todos, e sauda tambem os recem-chegados, o menino começa a depôr um pouco o medo; approxima-se devagarinho daquelles que fazem a roda com o Pae (padre) e enfia corajosamente a cabeça entre os homens para observar todos os movimentos do missionario.

Se os seus olhos se encontram com os do sacerdote, corresponde ao seu sorriso, e desde esse momento não tem mais medo: antes, ao medo, substitue a curiosidade.

Com effeito, no dia seguinte e nos outros, o indiosinho ainda selvagem vae observar os meninos da missão reunidos na escola, espiando através da janella ou da porta semi-aberta ou através do buraco da fechadura: contempla-os no refeitorio, na aula de canto, na lavoura; passa todo o dia na missão. Ainda não nosso de todo, já o é no coração e na vontade, porque a alegria e a expansão dos outros attrahem-no para esta vida.

Em taes dias, o filho da floresta, attrahido por tantas novidades, esquece-se da pescaria e das formigas.

Dá voltas á cachola, afim de descobrir um modo de entrar tambem elle, como os outros meninos mais felizes do que elle.

Se tem algum conhecido, diz-lhe:

— Tambem eu quero ficar aqui com o Padre; vá dizer-lho.

O embaixador, nadando em alegria, procura incontinenti o director para communicar-lhe a fausta noticia.

Este manda chamar o pae do menino; e argúe-lho:

— Ouvi dizer que teu filho quer viver na missão: tu permittes ?

— Se elle deseja, que venha; nada digo em contrario; até me alegro muito.

— Pois bem, chama teu filho, e hoje mesmo o poremos junto com os outros.

Este é o caminho ordinario.

Acontece, porém, que tambem os paes fazem propaganda, proclamando aos quatro ventos que na missão os seus filhos passam bem porque têm farinha em abundancia, peixe, vestidos, e aprendem a lêr e a escrever lettra redonda como os brancos.

Alguns, ouvindo isso, conduzem os seus pimpolhos ao missionario.

Os filhos, porém, entram na missão sómente se elles proprios desejarem, porque os paes nada recommendam aos filhos, nem fazem nenhuma pressão.

Um dos ultimos recem-chegados, interrogado porque queria ficar na missão, respondeu:

— Porque quero aprender a rezar.

QUE PRESENTE !

O indiosinho entra na Missão como quando entrou neste mundo: desprovido de tudo.

Os paes não pagam nada, porque cá por essas florestas não se conhece o dinheiro; e para a manutenção do filho gasta um pouco de farinha (o feijão dos indios) e algumas fructas.

Se por ventura o pae dalgum nosso alumno mata um porco do matto, um tapir, ou pesca bons peixes, entrega-os ao missionario, dizendo-lhe:

— Isto é para meu filho.

Mas não pensem que fica só nisto: o bom do homem não arreda um passo sem que lhe paguem até ao ultimo ceitil o presente; o indio comprehende sómente uma cousa: quem dá alguma coisa, deve receber outra em troca.

Uma mulher entregou, uma vez, duas duzias de bananas para o seu filho e depois queria que lh'as pagasse com um kilo de sal, tres caixas de phosphoros, um páo de sabão, e uma duzia de anzóes: cinco vezes o valor das bananas com que desejava presentear o filho.

São estas as pensões e os auxilios que pagam os indios pela manutenção e educação dos seus.

Talvez nenhum leitor possa imaginar que aqui no Rio Uaupés, debaixo da linha equatorial, se possa sentir frio.

No emtanto, assim é.

Os nossos indiosinhos, habituados a dormir constantemente ao pé do fogo nas suas grandes malocas, fechadas e enfumaçadas, aqui, embora durmam vestidos, certas noites, quando ruge o temporal, e sopra o vento que tem entrada franca através as gretadas paredes de palmas e folhas, encolhem-se tiritando nas redes.

Uma noite dois meninos desceram da rêde, accenderam o fogo com algumas folhas tiradas das paredes e após, acocorados ao pé da fogueira, esquentavam-se.

Mas ninguem se incommoda, porque todos passaram pelo mesmo caminho.

Quando recebe pela vez primeira o novo habito, o indio acha-se embaraçado e não raro o caso em que é mistér ensinar-lhe a enfiar as calças, uma perna após a outra e abotoar-se.

Vestido, vira e revira-se, não cessa de contemplar o novo uniforme, enfia as mãos nos bolsos sem cessar e põe-se a fazer piruetas.

Ao dar assim os primeiros passos, parece atrapalhado. Se então se lhe pergunta:

— Agrada-te ? Responde .

— Agmi bugtiage (muitissimo !)

Ninguem ri nem commenta a entrada, a tomada de posse, as peripecias do recem-chegado. Todos, porém, alegram-se com isso.

Crerá alguem que civilizar e educar creanças indigenas, que vivem abandonadas aos proprios caprichos, seja coisa demasiado difficil. A experiencia de um anno só não nos permitte pronunciar sobre um argumento tão importante, mas no entanto os resultados foram consoladores. O systema de D. Bosco produz effeitos maravilhosos entre estes selvagens, não cessam de repetir as pessoas que os observam.

Alguns commerciantes haviam dito a Mons. Massa, ao abrir-se a residencia em Taracuá: Se quizer dominar estes indios, não lhes use muita caridade, incuta-lhes temor e então obterá o que deseja. Assim falavam certos civilizados afeitos a tratar os indios com dureza e ameaças, de revolver em

punho, quando os pobres selvagens se esquivam de fazer ou dar o que elles querem: é por este motivo que muitos selvagens odeiam e temem os civilizados mais do que a qualquer féra das florestas. O Salesiano, porém, seguindo o exemplo do fundador, captivou perfeitamente a sympathia destes pobres filhos das selvas, não tanto com as palavras, pois nem sequer uma palavra de tucano sabia, mas com a linguagem universal accessivel a todos os corações e adaptavel a todos os povos, tempos e civilização — a caridade christã e a doçura de D. Bosco. Por isso é que hoje os indios confiam os filhos aos missionarios, certos de que serão tratados do melhor modo possivel.

ESPIRITO DE SACRIFICIO

No mesmo dia em que um menino começa a fazer parte da nossa communidade, recebe sua enxada e, á hora dos trabalhos agricolas, dirige-se para o campo. Se bem que seja a primeira vez que trabalhe, todavia, não precisa de muitas explicações. Examina attentamente os companheiros e os imita em tudo. Muitas vezes sou obrigado a deixal-os sós, para assistir algum doente ou ajustar com indios que vêm vender farinha de mandioca: os nossos pequenos selvagens continuam, porém, como se algum superior os assistisse. Os maiores (de 12 a 14 annos) dirigem os menores optimamente. Sempre se prestam de boa vontade para o trabalho e, se bem que prefiram o de ir para a matta cortar lenha, todavia não se recusam aos demais affazeres.

Nossa casa de missão é como um noviciado: não ha nenhum empregado, os meninos fazem tudo. Com quarenta meninos trabalhando tres horas ao dia, deveriamos ter alguma colheita, mas as difficuldades são muitas e por emquanto a terra só nos dá um pouco de mandioca, de banana e alguma outra fructa tropical.

ALFAIATES E CARPINTEIROS

Durante os trabalhos agricolas 18 meninos orphãos de pae e mãe vão aprender a coser com as Irmãs. Deste modo, originou-se uma incipiente officina de alfaiate. Um dos maiores, depois de 15 dias, já foi capaz de cortar e coser sozinho um par de calças.

Espera-se que dentro em breve a incipiente officina de alfaiataria dos nossos Tucanos e Piratapuias possa crescer e deste modo prover de calças e paletots, senão a todos, ao menos á grande parte dos indios. Será este um meio de aproximal-os mais e dar-nos occasião de lhes dizer alguma boa palavra, quando elles, depois de mez de trabalho, tendo conseguido um pedaço de panno, vierem pedir para lhes fazer o vestido tão desejado.

Varios outros orphãos trabalham de carpinteiro. Se bem que a officina não se possa chamar uma verdadeira officina, não só por falta de machinas, mas ainda por falta de ferramentas quasi necessarias, todavia os pequenos artifices aprendem alguma coisa: fazem já, por exemplo, janellas, bancos, mesas, etc. Ajudando-nos Deus e nos proporcionando os meios, queremos mais tarde montar uma officina de canoas e barcas, unicos meios de locomoção nestes logares.

ESTUDO

Com estes indios não habituados a outra coisa senão ver florestas, rios e canaes, torna-se coisa difficil por-lhes na cabeça outras idéas. São, porém, muito curiosos e desejosos de aprender. Tudo querem ver e examinar e qualquer pintura, paisagem, photographia, sellos, e até uma lata de conserva vasia é-lhes objecto de satisfacção e maravilha. Conservam tudo e nada estragam.

Os meninos aprendem a escrever com muita facilidade pelo instincto de imitação e a paciencia que lhes é peculiar e que difficilmente se encontra

nos meninos civilizados. A prova é que um indio que nunca viu tinta nem caderno, depois de tres mezes, é capaz de transcrever qualquer coisa que se escreva no quadro-negro. Na leitura encontram um pouco mais de difficuldade, mas muitos fazem verdadeiros progressos.

O osso duro para todos elles é a arithmetica. Talvez seja porque estes indios na primeira lingua só contam até vinte, justamente a somma dos dedos das mãos e dos pés. O certo é que muitos aprendem a contar até vinte, facilmente, mas dahi para a frente sentem muita difficuldade.

Uma manhã um piratapuia, depois de tentar, começou a bater na cabeça... Quando conseguem aprender a contar além de vinte, então se exercitam contando tudo que encontram: uns, as bananeiras, outros, os pés de mandioca.

Um bom numero dos primeiros que chegaram já sabe sommar e subtrahir, e não é raro ver algum atrazado, acocorado no banco, fazendo seus calculos com os dedos das mãos e dos pés. Difficilmente se encontra um menino que não queira estudar; pelo contrario, todos desejam ardentemente e, se se retarda a hora da aula elles ficam descontentes.

Os paes, quando vêm á missão, frequentemente querem ver os cadernos dos filhos e, ainda que nada comprehendam, mostram-se satisfeitissimos. Uma vez um ficou tão contente que se apresentou á porta da aula dizendo: — Padre, dê-me caderno, penna e livro, porque eu quero tambem aprender como meu filho.

MUSICA

A musica vocal constitue para elles um divertimento e a apreciam enthusiasticamente.

Têm um ouvido finissimo: ouvindo duas vezes um motivo, decoram-no; têm difficuldade para as palavras, talvez por causa da propria lingua ser muito aspirada. O canto agrada a todos os indios de qualquer tribu; basta que os nossos meninos comecem a cantar para que homens e mulheres saiam das cabanas para virem ouvir. Frequentemente se vêem indios que tentam aprender o canto dos pequenos, e indias com grupos de creanças extaticas a escutar a musica.

Todos os domingos, os meninos dão um concerto para divertir a população.

De um lado estavam os homens e do outro as mulheres, no meio, defronte do harmonium, estavam os nossos orphãos.

Alguns moços, curiosos como elles só, approximam-se para examinar o instrumento maravilhoso. Um delles prestava tanta attenção ao canto que, ao repetir o côro o ritornello do hymno de D. Bosco, abriu a bocca e cantava com firmeza invejavel como se tivesse ouvido a musica dezenas de vezes.

Portanto, não é para admirar se os nossos pequenos selvagens, no espaço de sete ou oito mezes, já aprenderam, além dos cantos communs dos nossos collegios, duas Missas, a de Angelis e uma missa coral do Maestro Magri. Aprenderam tambem e cantaram seis motetes em latim a duas vozes e um Laudate de Perosi, sem contar os cantos recreativos.

Os nossos Tucanos e Piratapuias tambem neste ramo promettem muito, e com suas vozes argentinas dão grande esplendor ás festas religiosas, attrahindo muitos selvagens. Depois das festas de Paschoa e de Maria SS. Auxiliadora, ás quaes assistiram mais de 300 indios, umas quinze familias pediram terreno, afim de se estabelecerem perto da missão. Os trabalhos de construcção foram já começados; deste modo, em logar de grandes malocas, centros de corrupção e orgias continuas, fabricaremos pequenas casas ao redor da nossa residencia, as quaes estarão continuamente sob a vigilancia do missionario.

Seria coisa de grande utilidade e vantagem, se na falta de uma banda tivessemos ao menos uma fanfarra; deste modo poderiamos habitual-os a

assistir ás nossas festas, fazendo-os esquecer o frequente e tradicional cahiri (jogo) acompanhado de dansas e da orgia mais desregrada.

EPISODIOS COMMOVENTES

Os indios dessas regiões são indifferentes e frios para as coisas religiosas; não têm praticas nem cerimonias especiaes; mas os meninos, principalmente os mais pequenos, aprendem logo a rezar e sentem fortemente o benefico influxo da religião.

Eis alguns episodios.

No mez de Dezembro p. p. recolhemos um orphãozinho, indio tariano, que beirava os 10 annos, atacado de tão forte doença na perna que nem um passo podia dar.

Permanecia sempre na rêde e os seus proprios companheiros levavam-lhe a alimentação.

Vae por ahi, uma noite, durante a recita do Santo Terço, sahi da egreja, e, não tendo entre mãos uma luz, esbarrei com um como fardo que por pouco me não deitou por terra.

— Que fazes aqui ? — disse-lhe eu.

— Vou ver Deus — respondeu-me com simplicidade.

O pobresinho tinha chegado á porta da egreja, arrastando-se com as mãos, porque as pernas não lhe permittiam nem mesmo suster-se em pé.

Tomei-o pelo braço e conduzi-o á egreja. Por causa da escuridão não pude observar seus modos de alegria e surpresa, externados pelo motivo de lhe ter eu satisfeito os desejos.

Entretanto pensei commigo: — Quem terá falado de Deus a este indiosinho? Quem lhe terá posto na cabeça que aqui está Nosso Senhor, se nas malocas nada se sabe disso, nem se falam cousas de religião ?

Feitas as pesquizas, descobri o enredo. Era um outro menino que lhe contara tudo o que se dizia ou se fazia na egreja todas as noites; e elle, embora doente e incapaz de caminhar, não pudera resistir ao seu desejo ardente.

Para contental-o, era mister que cada dia dois dos seus companheiros o tomassem nos braços; fizemos logo apromptar-lhe duas muletas que elle usou por dois mezes, até quando ficou completamente curado.

O orphãozinho foi baptizado no dia de Paschoa; fez a primeira communhão na festa de N. S. Auxiliadora, e agora já sabe ajudar a Santa Missa.

Para a novena de N. S. Auxiliadora, sem que ninguem o soubesse, preparei no dormitorio um altarzinho, como é costume nas nossas casas.

A' noite, antes que os meninos entrassem, mandei accender duas velas. Quando elles chegaram ficaram todos boquiabertos, não pela belleza artistica do altar, que era pobre, mas porque podiam estar ali a contemplar o doce semblante de Nossa Senhora, a seu bel prazer.

Um menino piratapuia, apenas viu o altarzinho, voltou-se, e, sorrindo, deu-me um forte abraço. Era a simples manifestação da sua alegria. E' inutil dizer que rezaram e cantavam com tanta devoção que pareciam noviços.

Um outro indiozinho tucano, todos os dias da novena, sem que ninguem lhe dissesse alguma cousa, colhia flores durante o dia, e á noite, após a oração e o canto, depositava-as no nicho. Era o seu singelo presente a Nossa Senhora, antes de dormir.

A Divina Providencia ouve a oração dos nossos pequenos indios: a prova disso são as graças especiaes e os prodigios de que nos tem cumulado.

Durante a extraordinaria secca do rio, motivo por que no periodo de quatro mezes nada chegou de Manáos, o espectro da fome surgiu á nossa frente na "nudez mais forte da verdade". A's ardentes orações dos indios attribuimos a especial protecção com que nos amparou a Divina Providencia, pelo que não houve graves consequenciae.

Quantas vezes havia alimento só para um dia!... Os meninos implora-

vam a ajuda de Nossa Senhora, revezavam-se na egreja em grupos de seis ou sete, e o alimento apparecia.

Certa manhã, a panela já estava no fogo, mas não havia nem peixe nem carne. E a sopa de peixe é um dos pratos favoritos dos indios.

Pois bem, ás nove horas chega um indio com enorme tapir, que nos forneceu carne abundante por oito dias. ¡Quem o enviara? A Divina Providencia.

Os mesmos extractores de borracha, assim colombianos como brasileiros, que desciam o Baixo Rio Negro á cata de alimento, passando pela nossa missão ficavam surpresos ao verem ahi 50 meninos; e perguntavam como podiam ir adeante, quando elles, que tinham dinheiro, mercadorias e milhares de kilos de borracha, passavam fome.

A resposta era sempre a mesma: — A Providencia ouve as orações destes pobres indiosinhos e até agora não deixou faltar, nem farinha, nem peixe, nem caça.

Um dia chegou um colombiano empregado de uma grande companhia de extractores de borracha. Após ter-me saudado, disse-me seccamente:

— Padre, faça o favor de vender-me ou emprestar-me tres cestos de farinha de mandioca, porque tanto eu como o pessoal da guarda morremos de fome. Já girei por tantas malócas e não encontrei nada; pensei estão descer até Taracuá, com o fim de conseguir soccorros do senhor.

— Meu caro senhor, estaria disposto a fazel-o da melhor boa vontade; mas por ora é-me impossivel; estamos nas mesmas condições: temos farinha para sómente dois dias, e depois... Se a Divina Providencia nos não vier em soccorro, não sei como iremos avante.

— Então, Padre, mande os meninos para os suas malócas.

— Mandal-os embora e fechar a Missão ? Isso nunca ! Deixaremos em ultimo caso as aulas e os trabalhos, e iremos parte á caça, parte á pesca, parte á procura de fructas e de formigas.

Temos fé segura de que a Divina Providencia não nos deixará morrer de fome...

Naquelle momento os meninos sahiam do refeitorio e iam lavar os pratos no rio...

— Rapazes — recommendei-lhes — rezae hoje com fervor a São José, para que nos mande depressa mais farinha.

— Sim, sim Padre — responderam em côro.

O colombiano torceu os beiços á minha recommendação, mas não ousou pilheriar.

Retrucou, porém: — Daqui não saio sem alimento; espararei; se chega a farinha para o senhor, chegará tambem para mim...

— Esteja a gosto; mas, como vê, não é por minha má vontade que não posso attendel-o, respondi resolutamente.

Durante o recreio os meninos foram á capella e lá fizeram em voz alta a sua oração a São José, e entoaram ainda um canto.

Noto de passagem que elles vão sempre sozinhos á capella, e um delles guia as orações.

Uma hora depois os meninos correm ao meu encontro, gritando: — Pae, Pae, São José mandou farinha; venha, venha ao porto.

Com effeito, tinham chegado duas canôas de indios dessanos, provenientes do **Alto Tiqué**, após uma viagem de sete dias, para trazer-nos 14 paneiros (cestos) de farinha e receber em troca roupas.

Aos gritos de alegria dos meninos tinha accorrido tambem o colombiano.

— Eis — disse-lhe — a Providencia ou, melhor, São José, mandou-nos farinha, como dizem os indiosinhos.

Agora, folgo muito em poder soccorrel-o, tome os tres cestos de que precisa e agradeça a Deus que nos mandou a alimentação necessaria.

— Mil obrigados, Padre, parto realmente commovido porque pude convencer-me de que Deus ouve as orações destes pobres indios, e agora comprehendo como o senhor possa ir sempre avante com a sua Missão em tão graves necessidades.

OS COROINHAS MODELOS

Sobre 75 alumnos, ha já 25 que sabem ajudar a Santa Missa; todos desejam ardentemente servir de ceroferarios na benção do S. S.

Quanta consolação experimentamos ao ver alguns indiosinhos, de oito a nove annos, chegar á missão, espantando-se ao primeiro encontro com o missionario e depois, após dois mezes apenas, vestidos de batina e sobrepeliz, servirem ao altar como tantos outros anjinhos!

O seu porte e devoção são dignos de encomios.

Nós mesmos ficamos perplexos vendo tanto progresso entre esses filhos da floresta e quizeramos que os nossos amados bemfeitores os vissem, para que fizessem idéa mais clara do trabalho da graça nestes ternos corações.

Num domingo, uma menina levou á egreja um macaquinho.

Durante a funcção o macaquinho escapou das mãos da patroa e começou a girar por todos os cantos da capella, da porta até ao altar, até que resolveu tomar ares fóra.

Pois, se alguns indios faziam heroicos esforços para conter o riso, outros não podiam sustel-o, comtudo os pequenos que serviam no altar permaneceram recolhidos e graves, conscios do acto solemne que cumpriam.

Bastaria só este facto para demonstrar a seriedade delles.

Uma india piratapuia veiu visitar o filho dois mezes depois que nol-o tinha trazido. Ficou contentissima, vendo-o bem vestido e gozando boa saude.

Mas, de noite, durante a benção, quando viu o seu pupillo em pessôa, vestido de coroinha, com a tocha na mão, acompanhar o celebrante ao altar, com modestia e devoção, a pobre da india parecia fóra de si com tanta alegria.

— Jee magke pai (o meu filho padre!) — exclamava, e não cessava de mandar beijos, ora ao filho, ora ás imagens do Sagrado Coração e de Nossa Senhora Auxiliadora. Tomava a filhinha nos braços, mostrava-lhe o irmãosinho, fazendo mil tregeitos de alegria e de estupor, que não parecia estar neste mundo.

Os paes, vendo os proprios filhos servir ao altar, ficam contentissimos e pavoneiam-se todos quando sabem que os filhos acompanham o Padre director nas suas excursões apostolicas.

Varios meninos disseram que não querem voltar mais á maloca e, convidados pelos parentes, responderam negativamente, dizendo que na missão estão muito melhor.

Um delles, interrogado até quando estaria com o missionario, respondeu: — Até ao cemiterio; até á morte!

Eis os fructos colhidos durante este anno e as bellissimas esperanças que nos fazem conceber os nossos alumnos na profundeza destas selvas abandonadas.

PIRATAS MODERNOS

No dia 15 de Agosto, festa de Nossa Senhora da Gloria, após uma manhã laboriosissima, tinhamos ficado sós na missão de Taracuá; tambem os indios tinham-se recolhido ás suas malócas, á espera da hora das funcções da tarde.

A um dado momento apparecem á nossa frente dois velhos Tucanos, bons amigos nossos, com os sobrecenhos carregados e rosto ameaçador, fallando mais com os gestos do que com palavras.

Em breve comprehendi o succedido: explicaram-me como puderam.

Mons. Pedro Massa, Prelado do Rio Negro, desembarca e é recebido festivamente pela população indigena (1). Pouco depois, toma conhecimento da marcha dos trabalhos e conferencia com o intrepido missionario Padre Giacone (2). Novos trabalhos.. Novas iniciativas... Aqui está uma casa par indios (3), feita por elles mesmos e uma outra para asylo ou collegio.

Nesta pagina é muito facil ver o desenvolvimento que tem tomado a navegação no Rio Negro

Antes, eram horriveis gaiolas e barcaças, em que os missionarios viajavam ao sol e á chuva. Eram barcos desprovidos de conforto (2, 3 e 4). Agora, já por lá andam lanchas a gazolina (1), com uma velocidade de 70 kilometros! Tudo trabalho dos Salesianos, para encurtarem distancias e com pouco pessoal attenderem a muito serviço.

Dois brancos entraram em suas casas á mão armada, e raptaram dois filhos, sustentaculos da sua velhice.

A mãe, quasi louca de dôr, chama com gritos lastimosos os dois desapparecidos: Iée mahke, iée mahko! (ó meu filho! ó minha filha!)

Entretanto a missão enche-se de indios furibundos, ameaçadores.

Ao fundo, na parte opposta do rio, avança uma barca: é a que conduz as duas pobres victimas.

O bater synchronico dos remos torna-se cada vez mais forte e rapido, até que a barca não tarda a passar á nossa frente como uma flecha.

O caso é grave, e é mister uma prompta resolução. Aquelles miseraveis estão bem armados de espingardas e podem, antes que os alcancemos, mandar-nos facilmente para o outro mundo.

Os indios tremem de raiva, mas não se movem; elles, que zombam da agilidade das onças e da traição das cobras e serpentes, são cobardes á vista de uma espingarda. Tomo uma resolução; após ter recorrido a Nossa Senhora Auxiliadora, embarco em companhia dos dois infelizes Tucanos em uma ubá (piroga) e parto em perseguição desesperada da barca que já ia muito distante.

Na missão, todos os indios, com os olhos cravados em nós, seguiam-nos ansiosos emquanto a nossa piroga impulsionada vigorosamente approximava-se da barca dos piratas.

A corrida prolongou-se por cerca de uma hora; mas afinal alcançamos os piratas: não podendo mais escapar das nossas garras, a barca ancorou emquanto nós a abordavamos.

Qual não foi, porém, o meu estupor e desdém quando reconheci no miseravel traficante um individuo a quem poucos dias atraz tinha dado hospedagem e fornecido remedios! Alli estava elle morbosamente embriagado em meio dos seus companheiros que não ostentavam melhores condições.

Queria exprobal-os asperamente, mas contive-me e tratei de agir com summa prudencia; dirigi-lhes algumas palavras indifferentes antes de atacar o argumento e pedir contas das duas pobres victimas.

Estas estavam acocoradas a um canto da barca e, ao ouvirem pronunciar o proprio nome, saltaram em pé para refugiar-se na nossa, quando eu com um gesto não permitti e induzi-as a sentar-se novamente. O nosso dialogo entretanto crescia em interesse cada vez maior; durou cerca de meia hora. Vim a saber que as duas victimas eram devedoras de um pouco de sal, alguns phosphoros e anzóes fornecidos tempos atraz aos seus: e tudo isso serviu de pretexto para attenuar e motivar aquelle delicto. Por mais que eu procurasse mostrar-me calmo, via que as minhas palavras punham em embaraços os culpados, que não as podiam tolerar; assim, pouco a pouco o dialogo degenerou em vivacissima e acalorada discussão que mais irritados poz os animos.

Notei que um daquelles piratas, de feições valentonas, agitava ameaçadoramente a carabina e parecia disposto de um momento para outro a descarregal-a sobre nós; se chegassemos a vias de facto, certamente eu, que por arma só tinha o crucifixo, seria derrotado, humanamente fallando.

Então, sem reflectir nas consequencias do que ia fazer, pondo-me de pé sobre a barca, não sei por que inspiração, impuz-lhes energicamente que me declinassem os proprios nomes e declarei-lhes que communicaria tudo ás autoridades, que, honra seja feita, digamos com justiça, são inexoraveis para com os oppressores dos indios.

Ficaram atarantados, empallideceram á ameaça; eu então aproveitei a occasião e fiz passar á nossa piroga as pobres vctimas, e, tendo os olhos fixos nos piratas afim de dominar-lhes todos os movimentos, ordenei aos meus que tomassem o caminho de casa.

Os miseraveis não ousaram molestar-nos; contemplavam-nos com os

olhos turvos, ameaçadores por algum tempo, sem sequer pronunciar uma palavra contra nós.

Chegando á Missão com a presa reconquistada, os indios nos receberam com gritos prolongados e delirantes, emquanto os dois libertos punham á mostra a propria gratidão, beijando e tornando a beijar-me as mãos...

POBRE MAURICIA!

Já tinha ido uma vez visitar a pobre Mauricia, mas não lhe tinha ainda dado o baptismo, porque a doença não me parecia alarmante, e tambem pela pouca disposição que se notava na pobre india.

Tendo sabido que recahira sériamente — pois os meus indios diziamme: pureddo goddo pudui (está quasi morrendo) — eu esperava anciosamente a chegada de um sacerdote que deveria me substituir por alguns dias, para poder visital-a.

Este, com effeito, chegou e no dia seguinte eu com um boróro puz-me a caminho.

Andámos todo o dia, sob um sol causticante, de vez em quando interrompido por pesadas cargas d'agua: pela tarde parámos á margem do rio que deveriamos vadear no dia seguinte.

Emquanto o indio dava o banho nos cavallos e preparava os cabrestos, accendi uma grande fogueira e comecei a passar por sobre as chammas a minha roupa, peça por peça, porque só assim podia ver-me livre dos insectos, que me tinham coberto completamente.

Fiz fricções de garapa sobre o corpo: sómente depois desta singular toilette senti-me um pouco melhor, se bem que alguns destes parasitas, desafiando o fogo e a garapa, continuassem impertinentemente a me atormentar.

Entretanto o sol descambava; as trevas desciam rapidas. Reconfortámonos um pouco com o alimento de que dispunhamos, e, após termos recitado as orações, improvisámos um travesseiro ao pé do fogo afim de repousarmos sob a protecção da Divina Providencia.

Ao nascer do dia chegámos á margem do rio muito cheio, por causa das ultimas chuvas; felizmente encontrámos alguns garimpeiros que nos transportaram á outra margem.

— Estará perto o acampamento? disse eu ao Boróro.

— Muito, não; mas chegaremos logo lá porque as nossas pernas são bôas.

Assim dizendo, punha-se a andar, cortando com o facão as ramagens que nos impediam; eu seguia com a espingarda na mão e o bornal a tiracollo. Entretanto pensava no que dizer quando chegasse; quaes as palavras mais opportunas para induzir aquelles infelizes a me acolherem mais benignamente do que a ultima vez que lá estivera.

Divagando assim, a estrada pareceu-me muito curta, pois mais depressa do que esperava topei um grupo de cabanas.

Ao latir raivoso dos cães, separam-se as folhas de palmeira que servem de porta e muitos sáem ao encontro do missionario.

— Vim fazer-vos uma visita, disse-lhes; não me esqueci de vocês.

— Ah! tambem nós ha tanto tempo te esperavamos. Trouxeste rapadura, farinha e fumo?

— Alguma coisa; já ha muito que vos conheço e sei do que vocês gostam.

No vão da porta semiaberta da doente appareceu um moço semi-nú que, silencioso, fixava-me com pouca sympathia, e parecia dizer-me: que vens fazer aqui? Quem te chamou?

Approximei-me delle e cumprimentei-o emquanto entrava.

Descrever a cabana é impossivel; resumirei tudo em duas palavras: miseria e immundicie; no meio disso está deitada ao pé do fogo uma velha, a pobre Mauricia.

Custa-me reconhecel-a, não tanto por estar minada pelo mal, mas por estar horrivelmente pintada com urucú e coberta de pennas. Cumprimento-a apertando-lhe a descarnada mão; cumprimento o marido que, acocorado perto della, comprime-lhe com a mão o peito arfante.

— Vim visital-os: não me esqueci de vocês.

— Uh! (sim).

— Vêem como é bom Nosso Senhor? elle pensa em vocês e...

— Que nos trouxeste? — interrompe seccamente o homem.

Abro sem mais preambulo o pequeno bornal e á doente dou remedio; fumo, farinha de mandioca e rapadura ao homem.

— E não me trouxeste um cobertor, camisas e um par de calças? Não vês que nada tenho?

— Pensei nisso; mas por ora não tenho cobertores; e, depois, de que modo poderia trazer tudo?

Nenhuma resposta. Eu estava em máos pannos, mas, recommendando-me a Nossa Senhora Auxiliadora, recomecei a conversa.

Quando alludi que com o baptismo abriria á pobre enferma o Céo, ella encarou-me aterrorizada e a custo balbuciou:

— Não quero morrer!

— Mas o baptismo não mata ninguem...

— Não, não quero, — insistia com um sopro de voz e com gesto: — não quero!

Não posso descrever o meu estado. Jámais um boróro no fim da vida falára-me assim.

Após longa pausa, recomecei as minhas exhortações, o mais suavemente possivel; já o meu coração se abria á esperança, quando o marido murmurou aos ouvidos da doente algumas palavras que não comprehendi.

Mauricia então recomeçou com o seu: não quero o baptismo; não quero morrer! — E foi inflexivel.

Levantei a voz contra aquelle miseravel, mas elle ouviu tudo o que me cansei de lhe dizer com o mais nauseante pouco caso. Vendo que era tudo inutil levantei-me; com as lagrimas nos olhos contemplei ainda quem obstinadamente continuava a repellir tão assignalada graça de Deus, e sahi.

Rodearam-me os amigos que esperavam o fumo; dei-lhes sem gastar palavras; logo, ás pressas, parti porque naquelle dia ainda devia estar em casa.

Por todo o caminho, com a alma invadida pelo desgosto, repassava na mente a triste scena; revia Mauricia, toda arquejante, suffocada pela tosse, encarar-me e repetir-me com um sopro de voz: — "Não quero o baptismo; não quero morrer!"

Infelizmente, poucos dias após morria sem o baptismo.

A LUCTA PELA EXISTENCIA

Tambem os animaes sabem, senão em theoria, ao menos na pratica, que a união faz a força.

Entre as cobras que infestam a missão, uma ha muito interessante: de um metro mais ou menos de comprimento, é de um verde carregado, com dois olhos de braza, e é perigosissima porque muito aggressiva. Não poucas vezes encontram-se á beira das estradas que sulcam a região oriental, em emboscadas ardilosas, promptas a enterrar os dentes venenosos nas carnes do despreoccupado viajante.

Esta cobra prefere as alturas do arvoredo; com muita facilidade sóbe pelos galhos e, quando em cima, astutamente se apodera de esquilos, passaros e macaquinhos.

....

Ainda alguns kilometros e chegaria ao nosso rancho; devorava ávida-

mente a estrada, porque as forças parecem resuscitar quando a viagem começa a terminar; rumor imprevisto de macacos a saltarem precipitadamente pela ramagem chamou-me a attenção.

Que seria?

Um facto novo e bem interessante.

Uma grossa cobra de côr verde conseguira furtivamente dependurar-se nos ultimos galhos duma arvore que sustentava um ninho de macacos; lá estava a afflicta mãe, ameaçando com as unhas e com os dentes arreganhados o atrevido aggressor que lhe queria devorar a idolatrada prole; sentindo-se impotente para enfrentar tão grande perigo, deu vozes de alarme, pois o amôr materno é engenhoso tambem nos animaes; e, emquanto não chegava o soccorro, arrojou-se desesperada contra a esfomeada serpe, procurando afastal-a com as unhas e com as patas deanteiras.

A defesa e conservação da especie é dever sacrosanto: um exercito de macacos acudiu em soccorro, occupando ageis e decididos o campo da lucta.

A astuta cobra, vendo que as coisas tomavam um rumo desfavoravel, começou a rolar de galho em galho, ameaçando, porém, morder o primeiro atrevido que se lhe avizinhasse. Era a retirada.

O campo da lucta começava a restringir-se: o ultimo galho foi alcançado; d'ahi para baixo o vacuo... e a morte. O terrivel ophidio viu-se nas extremidades do galho... não podia proseguir e muito menos recuar, porque perto já estavam os inimigos em ordem de batalha.

Prelibando a victoria, os macacos faziam todo aquelle rumor ensurdecedor; corriam e saltavam desesperadamente em todos os sentidos, suspendendo-se pela cauda, arreganhando a dentuça aguda, assobiando freneticamente.

Alguns mais corajosos chegavam até o ramo onde, como em ultima taboa de salvação, estava a serpe furiosa, com os olhos esbugalhados no paroxismo do desespero.

O assedio era completo, inexoravel.

A incauta cobra tenta fugir: procura em vão alcançar com a cabeça o ramo mais proximo; não o consegue; ora levanta-se, ora abaixa-se, sempre, porém, com a cabeça a mover-se no vacuo.

Um macaco corajoso se encarrega de pôr fim á lucta; avizinha-se bastante do quasi inerme inimigo e esforça-se por lhe fincar as aduncas unhas; a lucta é sensacional. A cobra cede ainda terreno, retirando-se para a ultima extremidade do ramo e, vencida pelo desespero, abandona o corpo no vacuo.

Na violencia da quéda, os ramos inferiores não a puderam suster e acabou por se espatifar de encontro a umas pedras, bem perto de mim.

A embriaguez da victoria manifestou-se nos gritos e assovios dos macacos em volta do ninho que heroicamente souberam defender.

CERIMONIA SINGULAR

A colonia do S. Coração estava toda em festa. Por toda parte echoavam os canticos e gritos jubilosos dos selvagens. Mas, inopinadamente, corta os ares um assobio estridente e prolongado; logo após, um segundo; e o terceiro não se fez tardar. Então Miguel, o terrivel cacique Mayor (1), dando um passo, avança para o lado da villa e responde com outro assobio; em seguida, approximando-se do director, P. Antonio Colbacchini, diz-lhe com muita gravidade:

— Venha commigo.

---

(1) Esse cacique morreu como bom christão, relatando como os Boróros tinham tramado a morte dos Salesianos, quando ahi chegaram. Maria Auxiliadora, porém, impediu-lhes a execução do plano.

A missão nova da Ilha das Flores vae ser das mais importantes. Aqui vemos (1) a queimada para a installação da Missão e a montagem do primeiro esteio da igreja (2). Confesse-se tratar-se de um cometimento cheio de sacrificios e abnegação, este dos benemeritos Salesianos.

Estamos na Ilha das Flores, a Missão que se inicia. Celebra-se a primeira missa (1), em dia de Christo Rei. O povo acóde em ubás (2), vindo de longe, para assistir ao Santo Sacrificio.

Sem saber de que se tratava, ficou o P. Colbacchini um tanto embasbacado. Afinal acompanhou-o. Caminhando a largos passos, ia na frente o cacique; em pouco tempo, chegaram á villa. Ahi estavam todos os homens reunidos na choupana central, bae managegen, como dizem elles.

Num canto semi-umbroso como occupadas numa cerimonia cabalistica, estavam umas velhas, de frontes rugosas e faces franzidas; afilado e magro o queixo saliente; a bocca chupada para dentro, deixando ver no movimento de mastigação as gengivas desdentadas. Os olhos, cujas alvas, naquelle lusco-fusco, tinham algo de sinistro, dansavam nas orbitas. E sob o mento descia repuxado o mirrado perigalho.

Acocoradas umas, sentadas outras sobre os calcanhares, estavam todas dispostas em circulo.

No centro, uma panella de barro descansava nuns tijolos; de baixo, chammejava o fogo, vivo, rubido, impaciente, cujas labaredas vinham soffregas lamber o fundo fuliginoso da vasilha.

Umas das mulheres, estirando o braço de pelle encorcorada, fino como um caniço, com uma colher de pó mexia o conteúdo do vapor quente, e fugindo com a cabeça da fumaça suffocante. No emtanto no fogo estalava um gravetinho verde.

E as outras velhas, que faziam? Essas (com repugnancia o digo) cuspiam na panella milho mascado.

Queriam fazer do milho um acepipe fermentado. E para isso mastigavam-no, revirando na bocca, ensalivando-o bem, para impregnal-o de ptyalina, diastase fermentacea da saliva.

Assim estavam as velhas.

No emtanto, não nos esqueçamos de que nessa cabana estava o missionario, conduzido pelo cacique Miguel.

Via-se no meio um bello couro de jaguar. Ao redor, estavam sentados os homens com os olhos fixos no missionario.

— Os Boróros — diz Miguel — querem que assista á festa delles. Acceita?

E o P. Colbacchini respondeu que sim.

Então o cacique pediu os seus maracás, que são umas cabaças contendo pedrinhas; chocalhando-as na cadencia de costume, entoou um canto e todos o seguiram.

Acaba-se o canto. Ouve-se um assobio e depois umas ordens. Os homens ajuntam-se mais em circulo; e as mulheres trazem a panella com o manjar de milho, mastigado e depois cuspido.

Tomando duma concha, o cacique enche-a daquella ôlha singular e offerece ao padre.

— Tome isso.

Como? Tomar aquella beberagem que levava o tempêro de tantas velhas? Isso significava não ter estomago.

Mas a questão era mais séria do que, á primeira vista, se antolhava.

Para os Boróros, beber daquelle caldo, em occasião como essa tão solemne, é fazer um acto de solidariedade, de franca amizade. Negar-se a tal, é negar a propria amizade. E os Boróros quizeram pôr o missionario á prova, para ver se era real o affecto que tantas vezes protestara com as palavras.

Com um relance da intelligencia, comprehendeu o nosso sacerdote a situação e o alcance da mesma.

Estreitar a amizade, captivar mais a confiança dos indios, era o que, acima de tudo, se impunha. E a razão sobrepujou ao estomago.

Com rapidos sorvos, deglutiu a fatidica substancia; esvasiada a concha, encheu-a de novo, e após a segunda, uma terceira, emquanto nos labios dos selvagens brincava um sorriso de complacencia.

Como tudo passa, tambem aquelle banquete passou.

P. R. M.

Mas o que não passou foi o mais curioso.

Após aquelle extranho beberete, o cacique levantou-se, e todos com elle. Sobraçam o arco e as flechas, e cingem o parico, cocar plumoso de pennas multicores. Com pesada gravidade, deu o cacique duas voltas pelo recinto.

Abeira-se do P. Colbacchini, tira o proprio cocar, e cinge-o com dignidade á cabeça do missionario, junto do qual faz trazer os seus ornamentos mais ricos. Finalmente, tomando o Padre pela mão, e olhando-o fixamente, pergunta em voz alta:

— Quer bem aos Boróros? Está disposto a ser para elles como pae, mãe, irmã e irmão?

— Sim, — retorquiu o Padre resolutamente, — que sou amigo vosso e vosso pae; amo-vos como a filhos, irmãs, irmãos.

— Pois bem, nós, os Boróros, queremos que seja um dos nossos. O seu nome será Góco-Kuri e todos o reconhecerão como Boe migera (que significa cacique).

E em côro exclamaram os outros: "Uh! Uh! Boe rugado!" (Sim, sim. é assim mesmo).

Depois de lhe entregar as ultimas insignias, tendo-o sempre pela mão, como para indicar que transmittia autoridade e poder, accrescentou:

— Assim fizeram os Boróros com os velhos caciques; assim fazem agora.

Um canto serviu de fecho a essa cerimonia. As relações entre missionarios e indios tornaram-se mais intensas e os fructos da missão mais copiosos.

UMA VICTIMA DAS COBRAS

O dia tinha sido de excepcional trabalho.

Era já alta noite quando extendi numa rêde os membros alquebrados pela fadiga.

Apenas me deito começam os cães a ladrar.

— Possivel — disse commigo — alguem a estas horas?!...

Terá acontecido alguma cousa na aldeia dos boróros?...

Matutava e ia-me vestindo. Abri a porta e ralhei com os cachorros, que se calaram, para logo recomeçarem a ladrar mais bravos que antes.

Da escuridão sahiu uma voz: — Oh! de casa!

— Oh! de fóra! — respondi, e fui para a porteirinha.

— Bôa noite, Sr. Padre!

— Bôa noite, senhores; e fui abrindo a cancella quando ouvi gemidos.

— Que ha? — perguntei, approximando-me dos recem-chegados.

Era um pobre homem que, amparando-se ao companheiro, mal se tinha em pé.

— Mas que ha? o senhor está doente? sente-se mal?...

— Sr. Padre, não posso mais... fui mordido por uma cobra... o senhor não tem alguma cousa?... um logar para passar a noite?...

Indiquei-lhes a cabana mais proxima e fui buscar uma luz. Quando voltei já tinham extendido a rêde e o pobre homem estava sentado com as pernas pendentes.

Examinei o pé ferido: estava inchado e um arranhão no dedo medio indicava o logar da mordedura.

— Faz tempo que o senhor foi mordido?

— Não, senhor, foi agora mesmo, aqui perto, senti uma dôr no dedo e quando levantei o pé senti um peso: era a cobra que ainda estava agarrada. Sacudi a perna e a cobra cahiu a um passo de distancia.

— E o senhor a matou?

— Com esta escuridão era impossivel e além disse senti logo uma dôr tão forte que tive que me encostar no companheiro para chegar até aqui e isto mesmo com muito custo.

Vendo que fallava com difficuldade, perguntei-lhe:

— Dóe sómente o pé?

— Não, senhor, sinto um calor em todo o corpo, o coração bate fortemente e sinto falta de ar.

E assim dizendo ia desabotoando a camisa como para respirar.

Os symptomas de envenenamento eram bem graves e não havia tempo a perder. Mas, que antidoto applicar-lhe? Usára não havia muito o ultimo tubo de contraveneno. O unico recurso era dar-lhe fumo para mastigar, ou umas cabeças de alho.

Assim pensava quando elle me chama:

— Sr. Padre, o senhor não tem alho por ahi?

— Tenho, sim, vou buscar.

Quando voltei estava elle deitado na rêde. Dei-lhe o alho, que começou a mastigar com avidez.

Estive com elle um pouco e, depois de o confortar com alguns pensamentos sobre Nossa Senhora, retirei-me promettendo voltar de manhã cedo.

De facto, apenas me levantei, fui vêl-o.

Causou-me mais dó do que na vespera: á luz do dia vi-o abatido, tremendo de febre, a perna inchada e o dedo mordido com uma côr roxo-escura.

O que mais me impressionou foi ver que cuspia muito sangue.

— Bom dia, senhor, como passou a noite?

— Como Deus foi servido. Sinto-me um pouco alliviado. O alho me fez muito bem; quando o cômo sinto o coração calmo e a respiração mais socegada. Quem sabe se o senhor ainda tem mais?

Trouxe mais alho. A' tarde teve uma golfada de sangue que muito o impressionou; não obstante sentir-se melhor sempre, me repetia:

— Ah! Padre, não passarei das 48 horas!

Mas o certo é que o bom homem as passou, e ao cabo de 10 dias estava quasi completamente restabelecido, tanto que pôde continuar sua viagem.

Qual a causa desta cura? O poder medicinal do alho, ou a forte constituição do individuo? Não será talvez porque o veneno inoculado foi em pequena dóse? Ignoro completamente. O que eu sei, porém, é que o pobre homem sempre me repetia:

— Comendo alho me sinto melhor e o coração se acalma um pouco. Pobre de mim, se não tivesse encontrado hontem esta abençoada casa!

Os leitores, maximé os que se sentem chamados á vida missionaria, não se assustem ao saber que muitos são os perigos a que estamos sujeitos nestas florestas, onde é quasi infinito o numero de serpentes.

O Brasil é na verdade a terra classica das serpentes, com o Crotalus terrificans (cascavel), com a Sucury e Giboia, de dimensões colossaes, e mil outras especies, mas até hoje nenhum missionario catholico morreu victimado pelo veneno. Já nos succedeu muitas vezes a nós, missionarios salesianos, pela manhã, ao despertar, encontrar cobras venenosissimas debaixo do couro de boi sobre a qual passáramos a noite, de as encontrar entre as cobertas, na rêde, entre os livros, em meio dos arreios da cavalgadura e de com taes companheiros viajar um dia inteiro, de ver uma cascavel entrar na igreja durante a celebração do Santo Sacrificio... e até hoje nenhum de nós foi mordido!

Singularissima protecção do céo. E' que um santo Jesuita — o Ven. P. Anchieta — pediu e obteve esta graça para os missionarios do Brasil!

VAMOS PARA O CÉO

Recebido carinhosamente pelas creanças da Colonia Immaculada, surprehendeu-me não encontrar mais entre ellas o pequeno Silvestre, um pirralho de cinco annos, que na visita anterior chamára tanto a minha attenção, pela sua vivacidade.

Perguntei por elle, e a bôa Irmã Directora me disse: "Está no céo com os anjos de Deus. Teve morte tão linda! Escute: — Depois de dois mezes de enfermidade, estava o pequeno reduzido aos extremos da vida, nada podendo contra a violencia do mal os nossos desvelos e as lagrimas da mãe, que idolatrava o seu unico filho. Eu já ia visital-o todos os dias, encontrando-o, as mais das vezes, em um como lethargo nos braços da mãe, que o apertava sempre estreitamente ao coração. Imaginava talvez a mãe que a morte nunca teria ousado arrebatar-lhe dos braços o seu thesouro!

Um dia, ao entrar na pobre choupana, vi irradiar-se no rosto do pequerrucho uma grande alegria; e, fixando em mim os olhares com doce sorriso, perguntou-me:

— Nossa Senhora é bella?

— Sim, linda, muito linda é Maria Santissima.

— Pois eu quero ir com Ella e com os anjos do céo, sabe?

E fechou os olhos, como para adormecer.

Pouco depois, abria-os e, voltando-se para mim, disse:

— Vamos então para o céo...

— Queridinho, eu não posso ainda. Deus quer que fique aqui para consolar teus paes, fazer bem aos Boróros. Quando tu chegares junto dos anjinhos de Deus, ah! recorda-te de rezar pelos teus paes, pela tua tribu, por mim, por todos...

— Uh! Uh! respondeu, com voz distincta, embora sumida, levantando ao alto os olhos e os bracinhos esqueleticos. Logo depois, abaixava-os e, dando um ultimo olhar em derredor, sorrindo para os seus paes e para os presentes, expirava, voando ao seio de Deus.

TAMIGHI CUCIREUDA

Prelibava as alegrias da proxima maternidade e rejubilava-se ao pensamento de apertar ao seio a creaturinha e deleitar-se no seu sorriso. Já tinha preparado ao nascituro a noglia, ou faixa, para carregal-o dependurado ao seio ou aos hombros, como usam as mães boróras: fôra á floresta colher os filamentos vegetaes indicados, e, á força de mastigal-os e empastal-os, estirou-os em rudimentos de panno. Pensára tambem no bercinho. A poder de golpes continuados, desfibrava a cortiça do gigantesco couratari estrellensis, mudára-a em estopa que immergiu na diluição de um certo barro para tingil-a de preto.

Um sonho, porém, veio turbar as fagueiras esperanças dessa mãe previdente.

— Sonhára na noite precedente ao parto que, andando pela floresta, topára com uma cobra, acordando logo que ella se poz a fugir.

Nenhum de nós teria dado importancia a tal sonho; não assim Tamighi. Possuida em excesso das crendices da tribu, perdeu a calma e a alegria. Mas a primeira impressão passou; accommodou a esteira perto do fogo, sentou-se e começou a ruminar algumas idéas: — possivel que a minha creaturinha deva ser sacrificada por causa de um sonho?! E no emtanto é esta a dura lei dos boróros... um sonho feio em tal circumstancia condemna o meu filho a ser suffocado, para evitar as desgraças que logo ao seu nascer... cahirão sobre a tribu.

Espertou o fogo e ao clarão das chammas lobrigou alli perto a faixa e o bercinho que o seu amor soubera preparar, e sobre todos os prejuizos triumphou o sentimento materno.

— Não contarei a ninguem, e a minha creaturinha viverá...

Ninguem, nem mesmo o marido soube da angustia de sua mulher e o pequeno Pioduddo Cucireuda, salvo da morte á qual o condemnava uma diabolica superstição, veio alegrar com a sua vida a mãe e a velha avó.

Alguns annos nos separam do nascimento de Pioduddo.

A noite desceu escura e medonha sobre a aldeia dos boróros: o silencio é sepulcral. Não se ouve a voz roufenha e cava do cacique a alardear bravatas de outróra, ou a fazer a chronica do dia: sómente alguns homens deitados no meio da pequena praça, atacados de tosse convulsa, investigam com o pensamento a causa da epidemia que alastra na aldeia. Cada um dá o proprio parecer: um delles sáe-se com esta: — póde muito bem ser que a causa desta desgraça seja a vida de alguma creança, nascida após um máo sonho! — Todos tomam interesse ao novo parecer e começam a passar em resenha os ultimos nascidos. Tambem o pequeno Pioduddo, o espertinho traquinas de Tamighi, é objecto de discussão.

O marido que se achava presente teve um fremito de horror e de indignação; saltou em pé, tomou a sua esteira e dirigiu os passos para a cabana. Mudo como uma porta, sentou-se perto do fogo. Tamighi solicita como sempre apresentou-lhe numa bandeja de folhas de palmeira alguns tuberculos que pouco antes tinha tirado do brazeiro, mas o marido regeitou-os indignado, e tomando de um tição accendeu o cigarro e começou a fumar nervosamente, meneando a cabeça e gesticulando.

— Que tens, meu caro?

Uma baforada de fumo sahiu da bocca que seccamente proferiu:

— Nada... não tenho nada!

— Mas não! Tu tens alguma coisa... Estás doente?

— Já te disse que não tenho nada. Mas... os meus pensamentos são negros, negros como a noite. Ouvi o que dizem os Boróros...

— Que dizem?

— Pensam mal de ti, de nós ambos. Dizem que nosso filho é a causa da epidemia... Sonhaste porventura alguma coisa de feio, de extravagante quando elle estava para nascer?

Tamighi teve um sobresalto tal que despertou o pequeno Pioduddo que placidamente lhe dormia ao collo: não teve coragem de responder.

— Por que não respondes? — insistiu o marido.

— Oh! sim, que me vou lembrar dos sonhos que tive quatro annos atraz!... Vou ninar a creança que chora e depois conversaremos... — Accommodou-se na esteira ao lado do filho e cobriu-o com um farrapo, resto de coberta d'algum civilizado, victima das escaramuças dos Boróros.

Que noite horrivel foi aquella para Tamighi! A lucta entre o amor materno e o temor supersticioso trouxe-a de agitação em agitação: só conseguiu conciliar o somno quando a aurora começava a se annunciar, e o seu somno foi uma successão de sonhos horrorosos que ainda mais a prostraram. Ao despertar, seus olhos quedaram-se a contemplar o filho querido que alli, ao seu lado, dormia no sorriso da innocencia. Eis que entra o marido que autoritariamente diz:

— Não quero ouvir mais dizer que somos a causa do andaço que por ahi serpeia. Dize-me sem rodeios: sonhaste alguma coisa quando Pioduddo estava para nascer?

A pobre mulher assim interpellada de subito, ainda nas canceiras duma noite mal dormida, não soube o que dizer: negou, affirmou, disse e desdisse... o marido entendeu. Pouco tempo depois toda a aldeia sabia e a geral indignação cahiu implacavel sobre a misera Tamighi...

Ao morrer daquelle dia o drama teve o epilogo fatal.

Nas vizinhanças da cabana de Tamighi cresce o numero de homens e mulheres com as caras pintadas de traços pretos que lhes emprestam um aspecto assassino e patibular: trazem o corpo mascarado de pinceladas escuras, pois a superstição lhes faz ver nisto um preservativo do mal.

A alegria é geral: conseguiram alfim dar com a causa da epidemia.

Tamighi está resignada. Dir-se-ia que se extinguiu naquelle coração o lume do amor materno, onde agora reina a escuridão duma cynica resignação:

chora, sim, mas o seu não é pranto de uma mãe: é uma cantilena rythmica, prolongada, artificiosa.

O innocente Pioduddo. inconsciente do seu destino, deixa-se manusear á vontade: é um cordeirinho destinado ao sacrificio. Deitado sobre a esteira, fixa os olhinhos espertos, ora na mãe que lhe espalma no corpo um liquido vermelho (o urucú), ora no pae que prepara as pennas com as côres distinctivas da familia, para ornar a sua fronte: e impassivel deixa ligarem-lhe na testa o Kiaguaro que é um ornamento de pennas vermelhas e azues, proprio das creanças.

Tudo prompto, homens e mulheres começam o canto dos agonizantes, em cujas lugubres modulações se afervoram ao som cadenciado e monotono do bapo.

Em meio daquella algazarra sobresáem os agudos lamentos de Tamighi. No entanto avizinha-se o Bari (feiticeiro)... Acocora-se junto de Pioduddo; com uma das mãos lhe tapa nariz e bocca, impedindo assim a respiração, e com a outra lhe comprime o peito; outros seguram as mãos e os pés da pobre criança. Poucas convulsões e o corpinho jáz inerte; da porta da cabana a mãe annuncia á aldeia, com um grito lancinante, que a victima foi immolada.

O sol já se poz: os cantos succedem-se durante toda noite ao redor do cadaver até o alvorecer do outro dia. Só então é que os Boróros, cansados a mais não poder, voltam para suas cabanas, com a satisfação de terem cumprido um dever, ou melhor, com a certeza de estarem livres da terrivel epidemia.

E a tenra alma de Pioduddo terá recebido o abraço, os sorrisos dos anjinhos ?

Como era terrivel e cruel o dominio com o qual Satanáz avassallava os Boróros antes que o missionario lhes levasse a luz da fé e da civilização!

Leitores, que talvez vos horrorisastes ao ler esta historica scena, dae graças ao Senhor que vos fez nascer no seio de uma familia christã, e não vos esqueçaes nas vossas orações e esmolas de tantos vossos irmãos que ainda não conhecem o doce e suave jugo de Jesus.

UM AUXILIO INESPERADO

Já ha algum tempo costumava deixar a minha pobre residencia e ir á aldeia visitar um doente. Ao chegar á cabana, assim que sentiam a minha voz, as esteiras que faziam de porta eram logo removidas; entrava e, sem mais, me acocorava junto ao pobresinho para lhe dar o conforto d'uma bôa palavra e tambem d'alguma cousa que o reanimasse physicamente, principalmente na sêde produzida por uma forte febre que já o tinha transformado n'um esqueleto.

Pobre Luiz, como soffria !

Não era novo na Missão; já ha alguns annos frequentava as aulas de catecismo, era docil aos meus conselhos e mostrava ter bôa vontade; mas, quando se falava em baptismo, entravam em scena os paes, dois velhos aferrados ás proprias idéas e superstições diabolicas. Não contentes com isto, procuravam ainda difficultar as minhas visitas ao doente. Para dizer a verdade, não conseguia entender o que resmungando diziam ao filho, mas facto é que Luiz, deixando de parte a bôa disposição, começava a me dizer um decidido Kiari (não quero), contra o qual não valiam palavras nem razões.

Um dia, porém, meu coração sorriu á esperança; a velha, em vez das costumadas palavras que sussurrava ao ouvido do filho, foi-me ao encontro, e disse:

— Não resta a menor duvida, respondi.

— Mas é mesmo verdade que no Paraiso se está bem ?

— Mas lá em cima, tão perto do sol, o calor deve ser tanto que é impossivel estar-se bem.

— Nem por sonho! Não ha necessidade de se estar perto do sol. E depois, se tens medo do calor, é só estares perto da lua...

— E lá não se soffre a fome, a sêde...

— Não, não, nada do que dizes, porque lá os bons gozam de todos os bens. Os máos, sim, esses é que soffrem todos os males em companhia do demonio.

— E então, que será de meu filho que até agora tem sido máo?

— Recebendo o baptismo, de máo passará a ser bom; sua alma tornar-se-á branca como as pennas da garça e poderá gozar de todos os bens. Não é verdade, Luiz, que desejas o baptismo?

— Já te disse tantas vezes que sim! — respondeu o doente.

— Ouviste o que diz. Precisa baptisal-o logo.

O pae, que até então estava occupado em preparar um cigarro, interveio na conversação, e respondeu:

— Não, não, ainda não; o estado de meu filho não é tão grave, e depois elle está tão sujo; laval-o-emos e, amanhã voltando, poderás administrar o baptismo; não te esqueças, porém, de trazer um lenço vermelho para minha mulher e um pouco de fumo para mim.

Um pensamento começou-me a perturbar; não iria naquelle procrastinar alguma treta?!

Fiz ver a necessidade de se administrar logo o baptismo mas tudo ficou combinado para quando o sol marcasse as tres horas da tarde. De facto, ás tres horas, caminhava em direcção da aldeia, levando debaixo do braço o lenço vermelho, fumo e um pucaro com agua para a administração do Santo Baptismo.

A' medida que me avizinhava da cabana chegavam-se mais distinctos aos ouvidos os sons lugubres dum canto entremeiado de soluços.

O espanto não foi pequeno; accelerei os passos, temendo não chegar mais a tempo.

O pobre Luiz jazia por terra, extendido sobre uma esteira, mais sujo talvez do que antes porque, da extremidade da cabeça á ponta dos pés, todo o corpo tinha sido espalmado duma substancia gordurosa e vermelha; as espaduas, os braços e o peito estavam cobertos de pennas brancas; o rosto tinha-o caprichosamente atravessado de farruscas, em completo contraste com as multicôres pennas que ornavam a cabeça. Presentes estavam os parentes que, á minha chegada, suspenderam os cantos, fixando em mim os olhos curiosos.

Acocorei-me bem perto do moribundo que respirava com afan. Ao ouvir a minha voz, entreabriu os olhos, fixou-me com attenção, fechou-os de novo pronunciando debil voz o seu Kiari que, á guisa de ponteaguda espada, me atravessou o coração.

Insisti, procurei palavras e argumentos persuasivos, tudo em vão; a resposta era sempre Kiari, Kiari, não quero, não quero.

Com as lagrimas nos olhos abandonei a cabana e machinalmente dirigi os passos para a capella da missão, emquanto aquelles pobres desgraçados reatavam o macabro canto, pouco antes interrompido.

A poucos passos da capella veio-me ao encontro o feiticeiro (pagé) que, segurando-me pelas mãos, susurrou-me aos ouvidos: "ha muito que te procuro!"

— Nada mais e nada menos que um pouco de fumo, mas do bom.

— Oh! com muito prazer, mas que seja a trôco dum favor.

— Ouçamos.

— Luiz está ás portas da morte e não posso baptizal-o, por causa dos parentes. Não que eu queira baptizal-os a todos, mas só a Luiz, que o deseja. O que quero de ti é o seguinte: Deves ir ter com elles e dizer-lhes que não devem proceder assim, que devem consentir... tu sabes... vae e volta logo, que então te darei fumo e verás que não serei sovina.

O feiticeiro obedeceu promptamente; emquanto elle campava de...

missionario, entrei na egreja para pôr nas mãos da Virgem Auxiliadora a salvação daquella alma prestes a partir para a eternidade.

Ao sahir da egreja, encontrei de volta o feiticeiro.

— Falei, — disse-me; — pódes ir logo, que te esperam; mas leva-lhes tambem um pouco de fumo.

Não fui, mas voei para junto do doente que, na verdade, tinha mudado de disposição. Ajudado pela mãe, lavei-lhe um pouco o rosto e a cabeça sobre a qual escorreram as regeneradoras aguas que purificaram aquella alma e que lhe abriram as portas do paraiso.

E o pagé feiticeiro, que foi um precioso instrumento nas mãos de Nossa Senhora, não merecerá por ventura uma "Ave-Maria" pela sua conversão?

EM PROCURA DO PASTOR

Os indios Tucanos e Piratapuias do Rio Tiquié, affluente do Uaupés, estão anciosos que o missionario fixe sua residencia entre elles. E uma prova patente nol-a deu o cacique ou tuchaua de Pary-Cachoeira.

Quando de visita o Pe. Balzola áquella malóca, não só prometteu que o missionario viria frequentemente visital-os, afim de instruil-os nas verdades da fé, senão tambem que se estabeleceria entre elles; e, mais para animal-os, indicou-lhes o logar da futura capella, exhortando-os a preparar o material para a construcção.

Os nossos bons Tucanos, fieis á palavra do missionario, lançaram mãos á obra e com enthusiasmo prepararam a maloca para o Pai (o Padre), e por dois annos esperaram inutilmente o missionario. Decidiram-se então a visital-o e recordar-lhe a palavra dada. Dito e feito: e a 10 de Dezembro appareceram elles em numero de 50 com 12 canoas toscas em nossa missão de Taracuá, depois de 5 dias de perigosa viagem. Diversamente dos tuchauas que se apresentam ao menos com algum velho par de calças, o cacique tucano veiu á adamitica, com o rosto tatuado, brincos de ouro, collar de pedras preciosas, entre as quaes pendia uma medalha de M. Auxiliadora, presente do Pe. Balzola na ultima visita.

Após o cacique vinham, a um de fundo, os homens, depois os jovens e, fechando a fila, as mulheres com os filhos ás costas. A primeira saudação foi original e commovente: apertaram-nos a mão, beijaram-n'a, tornavam a beijal-a, tocavam-nos as vestes em signal de respeito com gestos e mostras de alegria, que nos arrancavam lagrimas. Que satisfação achar-se junto do missionario! Depois se queixaram de os não termos mais visitado, e o tuchaua, tomando a palavra, disse: "Padre, esperamos-te muito tempo: passaram-se muitas luas (e com os dedos das mãos e dos pés indicava o grande numero), e não voltaste a Pary-Cachoeira, e vimos então ver-te. Se mais tarde não tornares a visitar-nos, viremos ficar comtigo um mez ou mais; achas bom?" — "Sim, venham; pois não sei quando poderei tornar a Pary-Cachoeira. Somos só dois sacerdotes, e devemos cuidar de 40 meninos. Desejaria visitar todas as malocas do Tiquié, mas, se não chegarem mais missionarios, não sei quando o poderei fazer". O tuchaua fez uma carêta como desapprovação.

IMPRESSÕES

Depois destes primeiros cumprimentos, quedaram-se pasmos: um contemplava absorto a egreja, outro o edificio, um terceiro as avenidas, as plantações bem em ordem, os nossos indiosinhos que se recreavam, e com muitos gestos de cabeça communicavam suas impressões em voz baixa. Talvez recordassem as orgias que fizeram naquelle mesmo logar, na antiga malóca. Que transformação!...

Interrompemol-os em suas meditações, convidando-os a visitar a egreja. Encaminhei-me seguido pelo tuchaua e pela comitiva em fila indiana.

Entraram um pouco temerosos, em silencio. Vendo pela primeira vez um altarzinho com as imagens do S. Coração e de Maria Auxiliadora, quedaram boquiabertos. Uns paravam; outros, fóra de si, caminhavam esbarrando nos companheiros; as mulheres chamavam a attenção dos seus filhos, ensinavam-n'os a mandar beijos com a mão; mas tudo em silencio. Só o tuchaua pedia explicações e depois communicava aos seus subditos.

AS BARBAS DE S. JOSE'

De repente um homem solta uma risada longa, incontida, depois um segundo, um terceiro, toda a companhia a rir a bandeiras despregadas, sacudindo a cabeça e cobrindo o rosto. Que aconteceu ? As barbas de S. José, aquelle velhinho sorridente, com um menino nos braços, uma bella barba longa, excitára a hilaridade daquelle indios lampinhos que passam annos sem vêr um homem barbado.

O HARMONIUM

Visto o altar e examinadas bem as estatuas, sentei-me ao harmonium e entoei a lôa "Queremos Deus". Novos e maiores actos de maravilha. O tuchaua approximava a cabeça, depois os ouvidos, os olhos ao teclado, observava bem, contorcia a cabeça, ria, fazia micagens, emquanto os outros escutavam estupefactos.

Apenas sahi da egreja, o tuchaua vem pedir-me que toque mais um pouquinho. Satisfaço-lhe o desejo, mas desta vez os homens esperam á porta da egreja ou debruçam-se ás janellas. Depois de algumas lôas o tuchaua me diz: "Em Pary-Cachoeira queremos uma egreja bella como esta e um harmonium".

— Sim, apenas chegue novo reforço de pessoal, será satisfeito vosso desejo.

E AS IRMÃS ?

Naquelle momento passaram as tres primeiras Irmãs salesianas vindas á Missão. A vista dellas impressionou-os muito, sobretudo ás mulheres, e os meninos fugiram como ante um phantasma.

Na escola, quizeram ver os meninos emquanto liam e escreviam, e ahi tambem acharam muito que rir. Por ultimo visitaram o dormitorio, uma bella maloca, se bem que pequena, coberta de palha, com um quadro do S. Coração e outro de D. Savio. Os nossos Tucanos admiraram-se de ahi não encontrar seu inseparavel companheiro, o fogo.

Muitissimo satisfeitos desceram ao rio, voltando pouco depois com um grande carregamento de farinha de mandioca, bananas, abacaxis, gaiolas de passarinhos, cestos e uma grande quantidade de tanajura assada, o prato predilecto destes indios. Offereceram-nos tudo, exigindo em paga sal, anzoes, alguma roupa para as mulheres, facas, etc...

DE VOLTA

Pelas tres da tarde, depois de tornarem a pedir que se lhes mandasse logo um missionario, desceram ao porto, e um quarto de hora depois ia no meio do rio aquella esquadra de canoas duas a duas. No largo da egreja eu e os meninos comtemplámos aquellas canoas que desciam velozmente ajudadas pela corrente, e em meu coração pedia a Maria Auxiliadora que abençoasse aquelles pobres filhos da floresta, ovelhas sem pastor, em busca de quem lhes reparta o pão da palavra divina.

Isso fazemos sempre, pois é certo que mesmo os nossos adversarios ficam bem impressionados com estas imponentes cerimonias da nossa Santa Religião.

Iniciada a festa com a bençam solemne, começaram as numerosissimas confissões.

De noite, houve na praça principal (!) da aldeia uma sessão cinematographica, para a qual affluiu toda a gente, 2.000 pessoas, avida de conhecer a novidade.

No dia seguinte, a egreja, capaz de conter 600 pessoas, era demasiado pequena.

Sob a direcção das Irmãs de N. S. Auxiliadora, as nossas orphanzinhas executaram optima musica liturgica; eu tive a consolação de distribuir mais de 300 Communhões, de administrar muitos baptismos e de dar a Confirmação de uma centena de christãos de todas as edades.

UM SANTO NATAL

Já faz tres annos que os Salesianos desenvolvem a propria actividade na missão de Taracuá, no Rio Uaupés. Muitas difficuldades financeiras, muita carencia de faceis communicações têm obstado que os nossos missionarios colham aquelles fructos que, dada a natural facilidade de evangelização por parte dos indios, facil fôra obter-se.

Em que pese, porém, aos revezes de que elles já têm sido victimas, optimos fructos têm se colhido, entretanto.

Hoje, por exemplo, damos aos nossos leitores a relação da festa de Natal do anno passado, realizada nessa nossa missão.

Foi um extranho espectaculo verem-se cerca de 8 tribus, com um total de 300 indios, chegarem á missão nas vesperas da festa.

Invadiram as casas amigavelmente, as barracas, as malócas...

Em toda a parte viam-se as familias, com as suas rêdes, fogueiras e cabanas, acantonar-se alegremente, num borborinho de vozes que enchia aquelle espaço tão habituado ao silencio da canicula tropical. Tomaram parte em todas as funcções com tal devoção que commovia! A' missa do gallo a capella estava atulhada; todos aquelles pobres filhos das selvas, extaticos, estavam embevecidos com o bello espectaculo que se lhes antolhava!

Houve primeiras Communhões de indiosinhos, com canto e motetes; e á missa cantada da manhã os pequenos cantores executavam esplendidamente a missa de Angelis, emquanto ao Altar um bello grupo da Companhia do pequeno Clero abrilhantava as funcções. Durante o dia diversos grupos de adultos e pequenos receberam o Santo Baptismo, á vista do que muitissimos outros não se despregavam do pobre missionario, não cessando de clamar:

— **O Wamé mani jee** — (eu não sou baptisado).

— **Wuahé mena jee** — (tambem eu quero ser de Nosso Senhor).

A custo o missionario conseguia persuadil-o de que esperassem ainda um pouco, afim de que se instruissem na Santa Religião.

Só Deus sabe que delicias provocaram os pobresinhos naquelles dias de festa.

Quasi passavam todo o tempo na egreja; lá estavam durante todo o dia de cocoras, extasiados, a ouvir os bellos cantos, observando as sacras funcções e contemplando as santas imagens.

E, finda a festa, a custo resolveram retirar-se daquelles logares onde tantas bellezas haviam contemplado.

De que commoção estavamos apossados ao presenciar scenas tão bellas! Que differença entre este terceiro Natal de Taracuá e o primeiro!...

VISÃO

Na devota rustica capella subia o incenso em espiraes perfumadas, emquanto um côro de vozes juvenis cantavam melodias ou louvores a Deus.

Tudo ali era pobre e modesto: mas uma nota suggestiva de poesia em-

prestava á cerimonia religiosa um encanto extraordinario feito de mysterio e de paz.

A devota ermida sertaneja, elevando a custo ao céo a pequenina flecha de sua cruz de ferro, naquella hora crepuscular, acariciada pelos ultimos raios do sol, que tombava na fimbria azulada, além da matta sombria, erguia-se a meus olhos, na vastidão triste da campina inculta, em proporções novas, e parecia-me immensa como uma cathedral.

A espuma irisada da cachoeira temerosa, que a breve distancia roncava no bojo mysterioso de suas aguas revoltas, parecia envolvel-a como num manto diaphano, nimbando-a num banho de luz.

E minh'alma, emquanto acompanhava as notas dos canticos sacros, scismava jubilosa e commovida.

Como era solemne aquella hora !

Pela primeira vez, no pequenino Santuario de Deus, perdido nos ermos flagellados, ajoelhavam-se ao pé do altar as recemvindas heroinas da caridade, as Filhas de Maria Auxiliadora, que após as canceiras de uma viagem exhaustiva ahi rendiam graças a Deus. Olhos fitos na imagem da virgem, postas as mãos no gesto da prece ardente, offereciam ao Espirito Divino a nova vida de sacrificio, que iam encetar nos abandonados rincões ourelados pela matta selvagem.

....

Echoavam ainda na vastidão triste da campina abandonada os ultimos canticos, cujas notas esbatidas se perdiam além pelo céo, já agora recamado de estrellas, e minh'alma embevecida contemplava como num sonho uma dulcissima visão: parecia-me que ao aceno das Filhas de Maria Auxiliadora surgiam dos recantos das mattas grupos de jovens indigenas, pobres mulheres bronzeadas, carregando nos braços os pequeninos filhos, cansados rebentos de povos outr'ora audazes, ensaiando na alegria infantil de suas almas virgens os canticos suaves da nova Fé.

E aos poucos, numa transformação mysteriosa, surgiam largas theorias virgens, em suas vestes candidas, coroadas de flores, a circumdar a Imagem de Maria, que abençoava sorrindo os fructos bemditos de suas filhas predilectas.

....

E ao longe temerosa roncava a cachoeira, jorrando a espuma rendada no bojo mysterioso de suas aguas revoltas.

ENTRE CACHOEIRAS

Como todos devem saber, na vastissima região do Amazonas, as viagens são todas por agua, em embarcações de diversos tamanhos e formas — a serie torna-se até pittoresca. Começa-se pela fragil ubá (canôa geralmente usada para uma só pessoa) e continúa-se, num crescendo interessante, até aos grandes batelões de 200 ton., lanchas de tres e meio a vinte e dois cavallos de força, movidas a kerosene; vapores, gaiolas e soberbos transatlanticos, que chegai até Manáos.

Os caminhos terrestres tornam-se impraticaveis, porque são seculares as florestas e diluvianas as enchentes dos rios ; daqui os perigos continuos que correm os viajantes, sempre em lucta com os naufragios e com a morte. Quero confirmar o que digo em exemplos muito recentes e colhidos aqui mesmo em São Gabriel.

Um nosso amigo voltara ultimamente da casa de um vizinho, a uma distancia de uns cinco minutos de canôa, onde passára algumas horas em palestra, juntamente com sua mulher e um filhinho ainda de braços. A noite

era escura. Chegados perto de casa, a canôa bateu numa pedra, adernou um pouco, encheu-se logo d'agua e foram todos arrastados pela correnteza do rio.

Poucos minutos depois a morte tinha tragado uma familia inteira! No dia seguinte encontrou-se o cadaver da infeliz mãe e esposa, cujas exequias foram feitas em nossa capella ; o marido foi achado dias depois, muito longe; a creancinha desapparecera.

Facto semelhante deu-se tambem ha pouco. O marido desappareceu, achado mais tarde já em estado de decomposição, salvando-se a esposa agarrada com o filhinho, que havia poucos dias o missionario tinha baptizado.

* * *

Voltava um caboclo da pesca, mais ou menos pela meia noite, na sua pequenina ubá.

Não conseguira vencer a violencia da correnteza; virou-se a canôa e o infeliz rapaz despপareceu na cachoeira. Embora valente nadador, não pôde vencer a distancia, e, sem forças, deixou-se arrastar pelas ondas.

Ao passar pela medonha garganta formada pelo rio, perto da villa, com fortes gritos de — soccorro! soccorro! — conseguiu ser ouvido. Nas horas caladas da noite, saltaram de suas redes muitos caboclos, para soccorrel-o; mas, como o pobre naufrago havia se calado, deram o infeliz como morto, nas terriveis cachoeiras do Bubury...

No dia seguinte o patrão mandou procurar o cadaver, mas qual não foi a sua surpreza quando viu apparecer em casa a victima, tomada ao principio pelo morto que voltava do outro mundo.

Ninguem soube explicar esse caso extraordinario, nem mesmo o proprio caboclo da aventura.

Narrou o rapaz que amanhecera numa ilha; para ahi chegar percorrera mais de dois kms., no meio da correnteza da cachoeira, viagem feita em estado de inconsciencia por parte do viajante.

Dahi passou á floresta e desta á casa do patrão. Este rapaz vive ainda, prompto a contar e ler o facto.

* * *

Pelos fins de Março, estavamos todos almoçando, quando ouvimos grandes gritos: — Olhem do outro lado do rio uma tripulação que se vae perder.

Corremos todos, quando já outros partiam para salvar os pobres naufragos.

O dono da embarcação — um venezuelano — saltára antes das cachoeiras, e corria como louco bradando: — Está tudo perdido: tambem dois filhos que trazia para o collegio. E corria desvairado pela praia.

Parecia mesmo tudo acabado, mas, graças a Deus, a tristeza mudou-se em alegria. As vidas foram todas salvas; sómente a canôa, com as bagagens, desapparecera; mas foi encontrada dias depois. Nossos alumnos maiores foram uns herões, pois chegaram a salvar homens que seriam tragados pelas aguas sem esse auxilio.

Esses naufragos vieram á nossa capella offerecer velas a Nossa Senhora Auxiliadora; e os dois meninos estão actualmente comnosco muito felizes e satisfeitos.

FLORESINHAS MIMOSAS

Um pequeno recem-baptizado acompanhava o papae ao mercado. E' a sua primeira viagem e elle abre desmesuradamente os olhinhos vivos ante as gulodices e mil outras cousas nunca vistas...

— Bem, vejamos — diz-lhe o pae, — que queres que te compre?

— Ah! — diz o filho, sem hesitar, batendo alegre as mãozinhas, — quero uma vela para accender deante do Menino Jesus!...

* * *

Outro meninosinho, de 6 annos, alumno dos missionarios, foi visitar o vôvô.

— Então, agora vais á Missa dos padres, não é?

— Sim, — diz o menino.

— E que fazes na egreja?

— Rezo, vôvô.

— Ah! Sabes rezar? Vejamos como fazes!

E o menino, serio, tira o barrete, junta as mãosinhas, abaixa os olhos piedosamente, e lentamente recita o Padre Nosso e a Ave Maria. Surprehendido pela gravidade com que o pequeno executára aquelle acto de religião, commovido pela belleza das formulas sagradas, o velho, com os olhos marejados, sem proferir palavra, aperta ao coração o seu netinho.

Dois dias depois, elle ia bater ás portas do missionario para ser incluido no numero dos catechumenos.

Aquelle gesto da creança ganhára-o para Jesus...

A pequena Maria Kiú, no leito de morte, manda sua mãe buscar agua no poço, para subtrail-a ao espectaculo da sua agonia... Não quer que se chore em roda della e diz ao pae inconsolavel:

— Estou muito contente... oh! sim! muito contente de ir ter com o bom Deus, e quizéra que todos se alegrassem commigo!

PENA DE TALIÃO

Descansava uma vez o Pe. Luiz de Britto; approximou-se delle um indio e disse-lhe na linguagem propria:

— Pae, Ureké porco — matamos porco — Ureké furtou porco — Ureké porco, matamos Ureké porco.

Ficou o Pe. Luiz muito admirado e só depois que o indio repetiu umas tres vezes foi que elle comprehendeu a historia. Levavam na barca, para viagem, um leitão assado que duraria no minimo uns dois dias; descobrindo-o, um indio comeu-lhe a metade e para não ser descoberto atirou o resto no rio. Alguns outros que isto viram queriam dizer ao Pe. Luiz: "Não podemos matar o homem, mas sim o porco; Ureké (que tal se chamava o ladrão) fez-se uma só coisa com elle, tornando-se assim homem e porco e, portanto, susceptivel de ser morto".

No dia seguinte o indio, que não foi morto a pedido do Padre, mas castigado, quando a barca parou, em vez de descansar, tomando uma espingarda, embrenhou-se na matta. Dahi a meia hora trazia comsigo uma bella paca, e, offerecendo-a ao Padre, disse: — Pae, tu não deixaste matar-me, e hoje eu trago esta paca para pagar o leitão que comi.

Bello exemplo de reconhecimento e reparação!

CANNIBAES?...

Com o mesmo Pe. Luiz de Britto deu-se um facto interessante.

Já estava elle em sua rêde, quando de hora em hora vinha um indio, espreitava-o, olhava-o de perto, e de uma das vezes disse-lhe: — Pae, porque Pae ainda não dormiu?! Dorme, Pae, para amanhã ficar gostosinho!

O Pe. Luiz assustou-se muito com isto e perguntou a um companheiro:

— Por ventura amanhã os indios vão me comer?

— Não, — socegou-o o outro, — gostozinho quer dizer descansado, disposto para amanhã.

COISAS...

Achava-me na aldeia de Bôa Vista. Pude tocar com as mãos a ignorancia em que cahiram estas povoações pela falta do missionario. Era o dia da festa de S. Boaventura. Depois de ter baptizado e chrismado varias pessôas, apresenta-se-me uma jovem de 15 annos dizendo que queria ser chrismada. Convido-a a confessar-se.

Logo em seguida, apresenta-se outra de 18 annos, que illicitamente tinha servido de madrinha, dizendo que tambem não tinha sido chrismada. Confesso-a, e... vejo que se apresenta uma outra da mesma edade, já casada religiosamente e todavia ainda não chrismada. Preparo-as, e por fim... dizem-me que não eram baptizadas...

Que fazer? E' preciso ter paciencia. Instrui-as sufficientemente e por fim dei-lhes a Confirmação...

Era de ver a alegria e o contentamento destas pobres creaturas!...

SOBRE UM NINHO DE SUCURYS

Não muito tempo faz, quando ainda me achava em Matto Grosso, viajava eu na vallada do Araguaya, o grande rio das aguas frescas, limpidas e crystallinas. Era noite escura quando cheguei em companhia dum salesiano e de dois indios ás margens do Rio das Mortes, logar infestado das terriveis sucurys, de oito e mais metros de comprimento, das quaes se vê um bello especimen na Exposição Missionaria do Vaticano. Suspendi a minha rêde entre dois troncos de arvore, sobre uma espessa moita, e deixei-me dormir á vontade.

Os rumores nocturnos e mysteriosos da floresta não impressionam o missionario cansado.

Pela manhã levantei-me bem cêdo, celebrei a Santa Missa, e, ao retirar a rêde, qual não foi o meu terror ao ver que tinha dormido sobre um ninho de sucurys! Poderia ter deixado a vida nas roscas do terrivel monstro! O horror foi tão grande que tive a impressão de que os cabellos se embranquecessem repentinamente.

Mas a Providencia vela pelo seu missionario e o defende mesmo dos perigos em que, por imprudencia, ás vezes se mette.

PELA PATRIA

... Celebravam na villa de S. Gabriel uma solemne festa religiosa e patriotica, e ao certamen musico-literario assistiam, por feliz coincidencia, os membros da Commissão de Limites suisso-venezuelana-colombiana, sob a direcção do illustre Dr. Edwin C. Berchtold, chegados na vespera, apreciando satisfeitos o desembaraço dos meninos e das pequenas alumnas.

Quando porém appareceu a passo cadenciado um grupo de meninas vestidas de branco, cintadas com as côres nacionaes, e de outra banda veiu avançando em ordem marcial um pelotão de alumnos, armados de fuzis Mauser, e a Bandeira Nacional foi saudada em continencia ao rufo dos tambores e ao toque dos clarins, um sentimento de profunda commoção perpassou como um sopro, abalando a numerosa assembléa. Muitos tinham os olhos marejados de lagrimas; os membros das tres commissões saudavam commovidos a bandeira amiga, e eu, no meio delles, embora affeito a esses espectaculos, ahi naquelle recanto abandonado do Brasil, continha á força a minha commoção.

Sim: eram bem esses os pequenos brasileiros, até hontem ignorados e ignorantes, que a Religião entregava á Patria, num gesto todo feito de dedicação e de sacrificios.

No Rio Negro abandonado e esquecido, naquella ambiencia, ourelada de mattas selvagens, os pequenos caboclos, saudando a bandeira nacional, formavam um espectaculo suggestivo de preciosas considerações, de comparações utilissimas...

Deixo-as na penna, porque ás vezes o silencio falla mais alto do que a palavra, e porque a reticencia é ainda uma figura de rhetorica de grande efficacia...

MENINA?...

Ha na missão o bello costume de dar no baptismo aos indios o nome dos Bemfeitores ou dos Superiores da Missão. A 17 de Junho, achavamo-nos pois na colonia do Sagrado Coração e lamentavamos o facto de nenhuma dentre as Bororinhas baptizadas ter o nome da Madre Marina. Uma dentre as freiras aventou a proposta: "Se amanhã, festa de Sta. Marina, nascer alguma menina, dar-lhe-emos o nome da Madre".

Sorrimos da proposta tão imprevista, e que foi acceita por unanimidade, não é mister dizel-o.

Lá pelas duas horas da madrugada ouvimos tres tiros no centro da aldeia. E' que entre os Boróros existe um costume original: o de disparar-se tres tiros ao nascimento de um menino e dois ao de uma menina. Tinham-se, pois, esvaido nossas esperanças.

Pela manhã, porém, vêm nos dizer que o Capitão Arthur, pae do recemnascido anjinho, no excesso da alegria, rompera involuntariamente a pragmatica e em vez de dois tiros disparára tres, mas nascera realmente uma menina.

Arthur, que é o Capitão dos Boróros, tem muito prazer em que seja madrinha da menina a Inspectora, a qual porém deve absolutamente partir com urgencia, e o pae protesta que a menina não morrerá e não se resolve a baptizal-a subito.

Emfim, a 29 de Julho, a Madre Inspectora acha-se novamente na Colonia Sagrado Coração e o Capitão convida-a para madrinha. A's 8 da manhã, antes da missa, reune-se toda a tribu na capella da Missão, e procede-se á cerimonia sagrada: a Egreja conta uma filha a mais, a pequena Marina. Ao sahir da egreja completa-se a cerimonia: a madrinha reveste e entouca a afilhada de novo, pende-lhe uma medalha de Maria Auxiliadora ao pescoço; em seguida mimoseia a mãe da creança, a comadre, com um sem numero de bagatellas de pouco valor mas que constituem os amores desta gente: pentes, lenços, espelhos, thesouras, canivetes, etc.

Estes artigos são indispensaveis ao missionario, pois se encarregam de ir apagando aquelles restos de preconceitos que perduram no indio mesmo depois de civilizado.

Se as nossas gentis senhoritas pensassem em privar-se de umas tantas missangas que lhes são inuteis e a enviassem ás missões, proporcionariam ás missionarias tantos meios de captivar os simples filhos das selvas e mais facilmente conquistar-lhes e dirigir-lhes o coração.

O FEITICEIRO DOS BORÓROS

O mais terrivel e tremendo entre os Boróros — é sempre o Bari.

Succedeu-me, cousa de poucos dias, o seguinte facto.

Chegára-me um album de illustrações catechistas, propositadamente abri a que representava o inferno e mostrei-a ao Bari sem lhe accrescentar uma palavra.

Ao vêl-a, electrisa-se o indio, como um possesso e, apontando com o dedo para o diabo, exclama com emphase:

— E' elle! E' elle! Elle mesmo! Assim mesmo o vejo quando me fala e dá suas ordens.

— Ah! tu o conheces?! E não vês que vive no fogo?

— Sim! vejo; mas não irei para o fogo porque não quero lá ir.

— Como não irás, se vives em companhia do Bope?

— E' verdade, mas... para o Bari é o céo.

D'outra feita o mesmo Bari vem mostrar-me uma lista de vergões dolorosos em todo o corpo. — Que foi isto?

— Fui interrogar ao Bope o nome dos mortos em São Paulo (dentre os 21 indios que foram á Exposição do Rio de Janeiro, 3 vieram a fallecer em Lorena, Estado de S. Paulo); elle fez-se surdo e eu puz-me a gritar. Por fim o Bope perdeu a calma, e enraivecido desancou-me com um bastão. Felizmente o segundo Bari supplicou-lhe que me deixasse, e assim me livrou daquelle flagello. Vê como Bope é forte!

— E continúas ainda a servil-o, desgraçado?

— Sim, porque é forte!

MORTE EDIFICANTE

Não ha muito assisti á morte edificante de um indio boróro. Homem exemplar entre todos os habitantes da Colonia, contrahira matrimonio com uma joven india que, atacada duma enfermidade dolorosa, viu-se em poucos mezes á borda do sepulcro e, com effeito, confortada com os SS. Sacramentos, abandonou este mundo, deixando consternado o esposo com dois orphãozinhos: um menino e uma menina. Em seu leito de morte a bôa mulher nos chamou e nos disse: "Irmãs, deixo-lhes minha filhinha, meu thesouro; eu lhes peço encarecidamente que não a abandonem, mas que pensem em sua educação, que lhe ensinem todas as coisas uteis e bellas que não são conhecidas de todos, e ella crescerá e será bôa e feliz".

Chamou tambem os salesianos para lhes recommendar o filhinho, o primeiro menino que nasceu na Colonia "S. José".

As duas creanças estão hoje entregues aos nossos cuidados.

Alguns mezes depois da morte da primeira mulher, o bom indio contractou segundas nupcias com uma nossa joven alumna. Tudo já estava prompto, mas outros eram os designios de Deus. Cahiu gravemente doente, e o caso foi dado por fatal. A principio não sabia resignar-se ao pensamento de morrer tão joven e de deixar seus tenros filhos, mas, pouco a pouco, foi-se conformando e consolando ao ouvir as fervorosas e affectuosas palavras do Missionario. Era coisa edificante vel-o arrastar-se até á egreja, emquanto as forças o permittiam; todos os domingos se confessava e recebia a Sagrada Communhão com mostras de grande fervor; voltando da egreja, passava sempre em nossa casa para ver sua querida filhinha; com as lagrimas nos olhos a abraçava affectuosamente, como o mais terno dos paes. Quando as forças o abandonaram, não podendo mais ir á egreja, todos os sabbados mandava chamar o missionario para se confessar e para poder receber a Communhão no domingo.

Pobre Faustino! Os seus dias estavam contados. No sabbado o missionario lhe disséra:

— Caro filho, amanhã não posso trazer a Communhão!

— Como! — exclamou elle — então amanhã não é domingo? E, se não recebo Jesus, quem me dará a força necessaria para soffrer tanto! Ah! Padre, dóe-me muito a cabeça, os braços, as pernas, todo o corpo me faz soffrer... Como poderei supportar tantas dôres?...

Passaram-se os dias e, bem depressa, chegou o outro sabbado; o missionario foi vel-o de novo:

— Padre, quero confessar-me, — disse elle.

— Sim, meu filho, e receberás Jesus e, quando Elle estiver em teu coração, te abrirá as portas do Paraiso.

A's tres horas o seu estado era desesperador; com grande esforço o pobresinho procurava repetir as jaculatorias que lhe eram suggeridas.

— Queres receber a Sagrada Communhão?

— Oh! sim, quero receber Jesus!

A's 17 horas Jesus entrava naquella misera cabana. Apenas Faustino

A villa de Jauareté (1) é graciosa e vae prosperando. As Irmãs de N. S. Auxiliadora, (2) professoras e enfermeiras, cuidam do vasto collegio e hospital, mas tambem ensinam o catecismo e mandam as alumnas ás grandes missas campaes (3) que ali se celebram.

Que bello panorama, este (1), da Missão da Ilha das Flores! Varias senhoras e senhorinhas indias assistiram com devoção á Missa Campal que ali se celebrou (2), o que demonstra estar começando a Missão sob muitos bons auspicios.

viu o Ministro de Deus e nas suas mãos o Santissimo Sacramento, intentou levantar-se, mas as forças não lhe permittiram: pôde sómente levantar os braços, como para dizer: — Finalmente viéste, ó meu Jesus! Já de ha muito que te esperava!... Seu rosto, que já era o de um cadaver, mudou por um instante; recebeu a Sagrada Communhão, cruzou as mãos sobre o peito, seus labios balbuciaram uma prece, e uma hora depois voava ao seio de Deus.

Esta morte causou uma bella impressão entre os indios, que não cessavam de dizer: Fadustino-bo-pemegare: Faustino teve uma santa morte!

O CACIQUE MANOEL

Em frente de Assumpção, capital do Paraguay, extende-se silenciosa a immensa região do Chaco. O cacique dos indios Tobas, que então povoavam aquella parte do Chaco, que está entre os rios Paraguay, Pilcomayo, Confuso e Patinho, era o valente Manuel Diaz, chamado pelos seus subditos "Cacique Manoel". Era o cacique principal daquellas redondezas, um como pequeno imperador, sob cujas ordens estavam os outros caciques.

Fallava muito bem o hespanhol, o guarany e o toba, lingua da sua tribu. Raras vezes os seus subditos atacavam os civilizados, porque o cacique Manuel tinha prohibido que lhes fizessem mal.

Frequentemente o nosso Manuel era visto em Assumpção vendendo pennas de garças, pelles de onça e de outros animaes da floresta. Numa dessas visitas contrahiu relações com os Salesianos, devido á amizade do Coronel Justo, grande amigo do Cacique e grande protector dos Filhos de D. Bosco.

Era, então, director dos Salesianos o Revmo. Pe. Turricia, que actualmente reside no Chile. Este Padre mostrou ao nosso indio o desejo que tinha de visitar as tribus que elle capitaneava. O cacique foi favoravel a que visitasse uma parte sómente, uma vez que o restante do seu territorio estava a muitas leguas do Rio Paraguay.

Preparado o necessario, um bello dia atravessámos o rio, valendo-nos de algumas canôas do Coronel Candiá; fizeram-nos companhia tres filhos deste coronel e o tenente Queiroz.

Chegando á margem opposta encontrámos, num logar indicado, o Cacique com o seu cavallo e com outros seis para nós; recommendou logo que, se levassemos armas, não as deixassemos vêr, pois nos exporiamos a uma morte certa.

Já tinhamos devorado tres leguas e meia de estrada, quando o nosso Cacique, dando uma volta em redor de nós, diz, todo pallido e alarmado: — Parae e deixae as armas (dois dos nossos conservaram as proprias escopetas).

Seguiu só adeante, penetrou na floresta e... um quarto de hora depois, voltou cheio de espanto e, em guarany, reprehende severamente os dois que traziam as armas.

Tivessemos dado mais dez passos e teriamos sido alvo das flechas de 120 indios emboscados. Bastante commovido e quasi balbuciando pela emoção, o bom cacique nos conta depois, em hespanhol, que seus subditos são muito desconfiados e que, ao vel-o em meio de gente armada e sem avisal-os antes, suspeitaram ou que ia prender algum delles ou matal-os a todos, pelo que tinham decidido dar cabo de toda a comitiva.

Deus, porém, vigiava pelos seus e, como conhecia o fim santo desta excursão, aguçou o olhar matreiro do cacique e nos salvou de uma morte certa e terrivel.

Por sua ordem nos apeamos todos. Logo depois assobiou e eis que sahem da floresta 120 homens robustos, poucas mulheres e algumas creanças; collocaram-se na nossa frente formando meia lua e, depois de ouvirem a peroração do cacique, responderam todos com um gesto de affirmação.

Avançou então o pagé curandeiro, chamado cacique Leão; tendo a mão direita debaixo do nariz, começou a gritar jha! jha! jha! gesticulando como

um possesso; os indios deram-se as mãos e formaram um circulo cujo centro era o pagé; começaram a girar e giraram até que o terrivel curandeiro entendeu que devia terminar com a gritaria.

Disse-nos o cacique que assim dansam quando estão contentes e que a alegria chega ás raias do delirio, quando comem bem e a lua é cheia.

Em agradecimento a essa homenagem demos-lhes de presente algumas bugigangas e uma medalha com o respectivo cordel para que a dependurassem ao pescoço. Soubemos mais tarde que alguns a conservavam por muito tempo e que outros, ao contrario, a perderam logo. Estes factos se déram ha 28 annos.

Por um complexo de circumstancia, chegou-nos ao ouvidos a noticia de que cacique Manuel se achava gravemente enfermo e abandonado dos seus. Em companhia de um creado que me facilitou o Senador Francisco Campos, proprietario daquellas terras, fui visitar o infeliz cacique. Que differença entre a cabana de outróra e a actual! Aquella parecia um palacio, esta era uma miseravel tapera.

Encontrei-o prostrado sobre um catre. A lepra lhe tinha consumido os dedos dos pés e das mãos, os labios e o nariz. Parecia uma mumia. Quando viu que um sacerdote apeava á sua porta, quiz sentar-se sobre o catre, mas não lhe foi possivel. O meu guia não se abeirou da macabra cabana com medo do contagio. A mulher do cacique vivia com outro; de ha muito que o tinha abandonado; só um filho de seus 12 annos visitava-o todas as manhãs, para lhe levar uma lata dagua e alguma coisa para comer; enchia de agua uma velha cafeteira, accendia o fogo e... até outro dia....

Acerquei-me do seu catre e lhe disse:

— Bom dia, Manuel.

— Quem sois, Padre?

— Sou um daquelles sacerdotes que, ha 28 annos, visitaram a sua tribu: soube que você estava doente e, como você é christão e está debaixo da minha jurisdicção parochial, era bem justo que eu viesse visital-o. E, depois, você nos livrou de uma morte certa, não se recorda?

Reflectiu um pouco e depois disse:

— E' verdade. Por não quererem ouvir os meus conselhos, aquelles dois jovens quasi nos matam a todos.

— Pois bem. Recordando aquella sua bella acção e, ainda mais, como sou o parocho de você, quiz vir visital-o e offerecer-lhe os auxilios consoladores da nossa santa Religião.

Concentrou-se por alguns instantes, os olhos marejaram-se de lagrimas e disse:

— Estou disposto ao que o Senhor quizer, mas sou muito ignorante; é preciso que me diga que coisa devo dizer.

Dei-lhe alguns conselhos, instrui-o como pude, confessei-o e finalmente administrei-lhe a Extrema-Uuncção, que recebeu com mostras de sentido fervor.

Como se fazia tarde, era necessario que eu partisse; era o momento difficil da separação. Elle desejava abraçar-me e beijar-me a mão; a gravidade do mal, porém, lhe tolhia todos os movimentos, e nem era prudente que tal fizesse, uma vez que seria de muito perigo para mim. A lepra o tinha corroido de um modo horrivel.

Deixei-lhe uma pequena esmola, dei-lhe a bençam de Maria Auxiliadora, colloquei-lhe uma medalha ao pescoço, e:

—Adeus, meu querido Manuel. Coragem, que Deus te prepara um leito melhor no Paraiso. Retirei-me commovido, deixando o pobresinho a chorar como uma creança.

Qinze dias depois, morreu como um bom christão.

UM BAPTISMO

Era o dia da Assumpção de Maria Santissima: o presbyterio da pequena egreja estava repleto de jivaros que deviam receber o baptismo; além da balaustrada muitos outros se acotovelavam, para presencear a suggestiva cerimonia que teve logar antes da missa solemne.

Devéras interessante foi o baptismo de Cinguni, e por pouco não degenerou numa tragedia, communicando a emoção aos patricios presentes.

Eis como se deu o caso: Avizinhou-se delle o sacerdote celebrante. Seu aspecto selvagem e um tanto inquieto dava a indicar a suspeita que lhe ia acontecer alguma coisa.

A' pergunta ritual: — Como te chamas? respondeu quasi offendido:

— Possivel que não me conheças? sou Cinguni, filho de Sándu...

— Tento, Cinguni, disse-lhe gentilmente o padrinho, d'ora avante tambem te chamarás José, Maria...

— Ah!...

— Que desejas? continuou o ministro.

— Mas já não te disse que quero ser christão?

Quando o sacerdote procedeu ás inhalações sobre o seu rosto, Cinguni agitou-se todo como se estivesse deante de uma feitiçaria, e medroso exclamou: — Que fazes?

— Enxoto o Iguanchi (demonio) com todos os seus azares, respondeu-lhe o padre. Não estás contente?

— Sim!

— Arrenegas, Igranchi?

Cinguni reflectiu um pouco e depois, levantando o braço e batendo com o pé em terra, disse com voz forte:

— Certamente que arrenego Iguanchi, porque é muito máo.

— Promettes não beber mais o natéma e não ir mais ao iyamtei?

— Não beberei e não sonharei!

As coisas iam adeante muito bem, quando o sacerdote, seguindo o ritual, teve de perguntar duas vezes ainda:

— Como te chamas?

Cinguni encrespou-se como um ouriço e exclamou:

— Mas, quantas vezes tenho que te dizer que me chamo Cinguni José... Maria... filho de Sandú. Vê lá de não esqueceres outra vez! Oh! parece que hoje perdeste a memoria!

Curvou finalmente a cabeça altiva e selvagem, sobre a qual escorreram regeneradoras as aguas do baptismo. Logo depois perguntou ao sacerdote:

— E agora, Padre, sou mesmo christão?

— Sim, meu caro, agora és irmão de Jesus...

— E posso estar certo de que a minha alma é bella?

— Sim, agora tudo em ti é bello; tua alma é branca como esta veste... e vesti-o com uma tunica branca.

— Muito bem! finalmente estou contente...

E me dás de presente esta veste?

— Sim, mas procura conservar sempre tua alma branca como teu taraci.

ENTRE OS JIVAROS

Tendo decidido fazer um reconhecimento completo dos confins septentrionaes do nosso Vicariato, recrutada uma dezena de indios caçadores praticos dos obscuros labyrinthos das florestas e das perigosas insidias e surpresas ahi escondidas, tendo comnosco o altar portatil, o gramophone, as machinas photographicas e os viveres sufficientes, passámos o Upano e nos

internámos nos valles do Morona e Pastazo. Deixo de narrar os episodios ora tristes, ora alegres de uma semana de missão por zonas inhospitas: chegámos á bellissima planicie do Pastazo e as margens do Palora, seu formidavel affluente, cujo leito enquadrado entre dois pittorescos muralhões extende-se por algumas centenas de metros. Grande foi a nossa fadiga para descer a primeira muralha, e esforços herculeos nos custou passar a vau os primeiros canaes; mas tudo isso era nada em comparação das enormes difficuldades que nos offerecia o ultimo canal, de todos o mais profundo e mais rumorosamente veloz.

O vulcão Changai, cuja altura excede os 5.000 metros, ergue-se altivo e majestoso na colossal cordilheira andina, coberto com seu manto de neve e vomitando uma tetra e medonha columna de fumo; grossas nuvens envolveram-no quasi completamente, prenunciando imminente tempestade; urgia pois afastarmo-nos daquellas paragens. Os meus homens amedrontados pediam em altas vozes soccorro aos indios que já se achavam na margem opposta, disparando os fuzis, mas em vão, pois o vento inutilisava todos os nossos esforços. Os viveres tinha sido já todos consumidos e muito perigoso seria refazer a estrada já percorrida. A situação era desesperadora, mas a Virgem Auxiliadora dos missionarios maternamente velava; invoquei-a com fé viva e subitamente um dos indios se approxima e me diz: "Padre, como poderei eu permittir que sejaes arrastado pelas ondas? Rezae ao vosso Deus e eu nadando alcançarei a outra margem, reunirei gente e com a canôa vos salvaremos". A mulher que lhe estava ao lado, apertando ao seio uma formosa creancinha, fixava o marido como para dizer-lhe: não vês tu que vaes ao encontro da morte, não vês como a agua é ameaçadora? O selvagem, porém, lhe respondeu: Não morrerei, o padre rezará por mim. E immediatamente desappareceu entre os escolhos da margem explorando o enfurecer das ondas.

Poucos minutos se tinham passado, e eil-o a lançar-se á agua, com a força herculea de seus musculos luctar, como um leão, contra a corrente; já tinha superado os dois terços quando improvisamente um vagalhão levanta-o como se fosse uma pluma, vence-o e arrasta-o comsigo. A mulher solta um grito desesperado e chorando entôa uma lugubre nenia de morte; os outros indios erguendo as lanças com altisonantes palavras de desespero, abafadas pelo rumorejar das ondas, indicam o tragico fim do heróe. A hora é solemne e definitiva; com fé viva invoco a Virgem e peço-lhe a salvação do abnegado indio, e eis que improvisamente o selvagem ergue-se entre as encapelladas ondas; um providencial banco de areia, qual ilha escondida de salvação, permittira-lhe descançar por breves instantes e assim recobrar as forças perdidas. Depois de cinco longos minutos de penosa espera, retoma o nado, parece novamente vencido, mas uma benefica corrente o lança para um braço morto do rio permittindo-lhe assim alcançar a terra. O milagre tinha-se realizado.

A boa esposa, quasi enlouquecida pela alegria, beija as rosadas faces do seu pimpolho e os selvagens irrompem num alto brado de admiração. O heróe victorioso desapparece por entre a espessa vegetação da alta muralha; depois de poucos minutos uma turba de indios transporta para o rio uma canôa, atravessa o canal e corre ao meu encontro com a mais viva alegria e satisfação.

Dei-lhes immediatamente um bello presente, isto é, uma medalha da Virgem Auxiliadora benta pelo Papa. "Padri curanda vinita canusa cajeu iti".

"Padre, disse-me o chefe, vem logo, o rio está enraivecido". Lancei-me logo á canôa e depois de poucos minutos a obra de salvação estava terminada, justamente quando appareciam as primeiras ondas amarellas, nuncias de uma medonha enchente. Subimos a muralha, e apenas chegado á primeira cabana fiz construir com as mais bellas flores um lindo altar; e entre luzes de cêra vegetal, entre tochas fantasticas de resinas e essencias odoriferas das florestas, expuz uma imagem da Virgem S.S. Auxiliadora. Fallei-lhes então do estrondoso milagre feito pela Virgem, salvando das ondas um valoroso

Aqui está uma demonstração do trabalho dos Salesianos no Rio Negro. Em cima (1), dois indiozinhos, ainda com os seus trajes selvagens, mai adivinham o que vão ser dahi a mezes (2): escoteiros da terra abençoada do Brasil. Que transformação! Como isto faz bem á nossa alma de brasileiros!

Aqui está um pequeno Tucano que vae causar satisfação aos generosos amigos e bemfeitores das Missões Salesianas. Era selvagem, vagueava pelas mattas, sem paes; vivia a vida dos macacos. Agora, agazalhado pelas Missões, é um guryzinho solicito e serviçal, trabalha bem e vae ser um grande brasileiro!

indio, e disse-lhes que eu tinha vindo de um paiz longinquo, onde centenas de homens, numerosos como as formigas, se agrupavam ao redor do altar da Virgem; que lá existia um venerando ancião que muito amava os Jivaros e que me tinha enviado para dar-lhes bellos presentes e ensinar-lhes o caminho do Céo. Os selvagens pareciam profundamente commovidos; desejára iniciar a primeira lição catechetica do signal da santa cruz, mas tendo a intuição dos estimulos da fome deixei-os livres. Tendo absorvido uma taça de agua quente com assucar e comido algumas bananas, extendi por terra algumas folhas e sobre ellas, como sobre fôfo colchão, estirei-me para descançar um pouco, tendo como travesseiro um grosso tronco de arvore, emquanto os indios commentavam a épica salvação e um delles vinha de mansinho alisar-me a ruiva barba.

Assim terminou aquelle tragico dia, mas a figura de um selvagem tão bello, tão perfeito, tão poderoso na sua musculatura, que, não me conhecendo ainda, atirava-se generosamente ás ondas para salvar-me de uma situação perigosissima, faz-nos reflectir profundamente e ao mesmo tempo faz-nos pensar se já não chegou a hora de fazer uma revisão completa dos preconceitos contra um povo primitivo que até o presente foi descripto como um eterno assassino, fabricante de tzantze e repugnante devorador de chicha mastigada pelas mulheres...

UMA PAGINA RUBRA

Escrevo sob a impressão dolorissima dos tragicos acontecimentos que acabam de passar na nossa missão de Mendez. A Jivaria dos Navicia, que nos dava tantas mostras de affecto e cordialidade, aquellas espaçosas casas nas quaes resoava continuamente a alegre vozeria de uma multidão de rapazes, estão agora em silencio sepulcral no verdadeiro sentido da palavra: sessenta jivaros, vindos de Zarambiza e mesmo de Gualaquiza, invadiram-nas na noite de 22 de dezembro, matando os chefes Raymundo, Victor e Solano, e levando comsigo em refens as mulheres e os meninos. Escaparam do exterminio unicamente os rapazes Chumbia e Chupi, que se refugiaram em nossa casa, donde dizem não querer sahir jámais. Deus queira que assim seja.

Os tres assassinados ficaram num estado que de os ver se nos arripiavam as carnes e os cabellos: seus corpos, crivados de bala e abertos á lançada viva, estavam numa poça de sangue. Os velhacos assassinos voltaram depois para suas casas satisfeitos da façanha, e contentes por terem tingido as armas. O motivo? O odio faccioso de sempre com propensão, que no jivaro é quasi natural, á mais completa vingança. Mas quem preparou a chacina foi aquelle trangola de Chumgiu, coadjuvado pelos seus sete filhos e por toda a sua parentela. Com que segredo e dissimulação urdiram elles tudo! Quando no dia do anno bom se espalhou a noticia do assassinato de Jémboe, o velho sagaz veiu á missão e, choramingando, ia contando a todos como no breve espaço de alguns mezes o seu bando diminuira de seis homens. "E' necessario, dizia elle, acabar com tantas mortes". Semanas depois, vestido com os melhores ornamentos, com a cara tatuada á maneira de mensageiro de bôas novas, e a cadeia de dentes de javali ao pescoço, qual signal do seu antigo poder, ia acompanhado por todos os seus filhos e sobrinhos em visita aos chefes do bando contrario, prégando a paz e esconjurando para que de uma vez para sempre se puzesse fim a tantas mortandades. E o matreiro conseguiu adormecer os inimigos que acreditaram nas suas lérias. A' volta manifestava-nos o seu regosijo pelos resultados obtidos. Nós estavamos com isto ainda mais alegres do que elle, pois viamos principalmente nos dias festivos reunidas pela maior concordia na nossa capellinha as familias dos pobres Navicia, do Chugiu e de outros... Ellas visitavam-se com frequencia e se ajudavam umas ás outras nas fainas campestres. Tudo respirava paz e tranquillidade. Quem teria, pois, suspeitado que esta calma era só prenun-

cio de horrorosa tempestade? Os selvagens, nossos vizinhos, mostravam-se-nos muito affeiçoados, principalmente o Puengera, primogenito do Chungiu, que mandava não raro á nossa casa os seus filhos, e elle mesmo passava dias inteiros em nossa companhia.

Em Junho veiu a fallecer de pneumonia um certo Manguita de Jurupás; o feroz Maschianda, attribuindo isto a sortilegios do Puengera, após violenta alteração ergueu sobre elle o punho proferindo a sentença de morte: "Necabrusti!" (tu me pagarás!) O Puengera rogou-nos apaziguar o terrivel jivaro de Upano, o que nos não foi difficil alcançar. Qualquer diria que estas familias selvagens nos estavam por completo sujeitas e marchavam a passos agigantados pela via da civilização. Passados poucos mezes succedeu a mais extranha desillusão. Tudo aquillo foi, pois, não ha duvida, um jogo cruel levado com summa habilidade durante um anno. ¡Que de sonhos dourados não faziamos! Se continuam a vir á doutrina, diziamos, e a mostrar vontade de aprender, dentro em pouco teremos um bello rancho de jivaros bastante instruidos e bons, e que servirão de estimulo a outros para virem a se estabelecer ao pé de nós... Como nos enganamos! Jaguá nuke murrá, Shuor pujáhuei, disse-nos um dia o joven Aini: o jivaro é como o tigre, que só dá bem no mais espesso da floresta.

De modo que agora estamos outra vez sós.

Na noite de 22 de dezembro os selvagens, que moravam nos arredores, foram todos embora e, realizados os seus planos sanguinarios, não tornaram mais. A jivaria de em frente, theatro da terrivel carnificina, está deserta. Uma grande cruz erguida por nós, sobre a valla que encerra os restos dos tres irmãos assassinados, convida o viajante a rezar pelas almas daquelles infelizes e a desejar que prompto raie o dia em que o bom Jesus reine desde aquelle santo madeiro nessas florestas negras, e attraia os ferozes habitantes, obrigando-os com a força do seu amor a despedaçar as lanças e a dobrar a indomita cerviz.

NAS GARRAS DE UMA FE'RA

Nada mais horrivel, nada mais emocionante do que o facto que passamos a narrar.

Foi no Districto de Uganda. Protagonista o missionario Pe. William Wheatley. Era o dia 29 de Setembro de 1925, pelas 8 horas da manhã. A pequena povoação de Nazigo, encantadora e fertil, é ao mesmo tempo refugio de leões, leopardos e elephantes. Ahi encontram-se innumeras armadilhas nas quaes se apanham essas féras que damnificam o gado e as plantações.

Aconteceu que um leopardo cahiu em uma dessas armadilhas, e eu, — narra-nos o Pe. Wheatley — que por ahi passava mui descuidado com alguns homens, vejo-me inopinadamente atacado pelo feroz animal, que conseguira evadir-se da prisão.

Um susto mortal percorreu então todo o meu ser. O leopardo, lançando-se á minha garganta, fez-me cahir de costas. A pontapés consegui repellil-o; fiz um supremo esforço para levantar-me; foi impossivel, pois que o animal mordia-me um dos pés.

Meus companheiros, vendo-me em máos lençóes, corajosamente... fugiram, deixando-me tão sózinho, a luctar com aquella féra, que continuava a morder-me o pé, emquanto eu inerme bradava por soccorro... Eu vi minha botina completamente rota pelos afilados dentes do animal... Com o outro pé, dei-lhe então quatro horriveis golpes no focinho, obrigando-o a deixar a sua presa. O leopardo afastou-se um pouco para de novo arremessar-se ao meu psecoço; eu percebi a manobra e, agarrando-lhe a maxilla, com minha mão esquerda consegui detel-o. Elle forcejava desesperadamente para morder-me no pescoço, mas eu tinha-o afastado do meu rosto, um espaço de um palmo ou pouco mais. Gritei por auxilio... Ninguem, porém, respondia...

Foram os momentos mais terriveis da minha vida. Aquella solidão... o silencio sepulcral entrecortado pelo crepitar das folhas seccas pisadas violentamente pelo animal furioso, a minha voz vibrante que retumbava... e cujo éco ao longe se perdia sem que ninguem viesse em meu soccurro... diziam-me serem aquelles os derradeiros momentos da minha vida...

Recommendei-me então á Providencia, á Santissima Virgem, á Santa Theresinha do Menino Jesus, esperando safar-me com vida de tão funesto encontro.

Entretanto o leopardo pisava-me nas pernas com as patas trazeiras... eu tinha a mão esquerda cançada de segurar-lhe a maxilla... quiz trocar... larguei-a depressa e aferrei-lhe com a direita... mas elle mordeu-me fortemente... Retirei-a rapido e de novo a esquerda... fui mais infeliz ainda, pois que desta vez horrivel dentada quasi me partiu em dois o dedo minimo...

Nesse instante vejo approximar-se um dos meus homens, que com um grosso cacete ia prompto a desferir sobre a féra um golpe certeiro; mas... errando a pontaria ao envez... colheu-me em cheio na cabeça, abrindo-me no craneo enorme brécha donde brotou um rio de sangue... O leopardo ao ver aquelle liquido vermelho que ensopava a terra deixou-me e gulosamente pozse a lambel-o. Julguei chegado o momento propicio. Ainda atordoado pelo golpe levantei-me, e mais que depressa fugi... vieram depois os meus homens que deram cabo da féra; mas eu estava reduzido a um estado verdadeiramente deploravel; enorme ferida na cabeça, o rosto completamente banhado pelo sangue que ainda escorria do ferimento, a mão direita apresentava uma forte mordidella, a esquerda além de mordida tinha ainda o dedo minimo quasi partido em dois, e o médio todo estraçalhado; os braços, as pernas, o peito, horrivelmente arranhados. Transportado ao hospital fui medicado com carinho, mas soffri dôres immensas. Amputaram-me o dedo minimo. Ahi fiquei em tratamento por quasi um mez... Voltei depois á missão onde fui recebido com festas e acclamações.

Tenho a pelle do leopardo debaixo da minha escrivaninha, e, ao sentil-a sob os meus pés, lembro-me dos momentos angustiosos que passei...

TUMULOS SOLITARIOS

Muitos dos missionarios não lograram o supremo consolo de repousar na terra banhada com os seus suores, e afagada pelo carinho dos seus neophytos; alguns terão talvez os restos mortaes dispersos e profanados num desvão da floresta: outros, emfim, mais felizes, dormem placidamente ao lado da capella da missão, no campo santo nostalgico do deserto.

Visitei um desses tumulos solitarios. Foi ao sopé de um morro selvagem, onde a natureza ostentava ainda a bruta flor da sua belleza virginal e primitiva.

Um só cruzeiro tosco de vinhatico velava sobre a campa, em seus braços, as passifloras e orchideas bravas desabrochavam nas petalas bizarras a côr dolente e a liturgia da tristeza. Mas no alto, farfalhando em céu de terno azul, os buritis alviçareiros psalmodiavam aos ventos do planalto as preces de uma saudade cheia de esperanças.

A' flor do sepulcro, onde vicejavam ainda as ultimas corollas, que a piedade das crianças indigenas nelle depositára, uma laconica inscripção lembrava apenas o nome do martyr.

Ali jazia um velho missionario. Nascera no além-mar, mas tudo desamara sobre a terra, para consagrar-se inteiramente á salvação das almas selvicolas. Ali viverá feliz na humildade de seu trabalho; e ali tombará com o sorriso ainda nos labios, os olhos voltados para as estrellas, não as estrellas verdes e phantasticas do caçador de esmeraldas, mas as estrellas claras do seu ideal do apostolo, gravado em pleno céu, na sagrada constellação do Cruzeiro.

IDYLLIOS SAGRADOS

... Na celebração dos santos mysterios, no recesso original do sertão bruto, quanto enlevo e quanta poesia!

Reconstroe-me a phantasia neste momento a reminiscencia pessoal destes idylios sagrados.

Era uma dessas cabeceiras em flor, tão frequentes em nosso planalto, a formosa região das Oreades, segundo a bella classificação em que Martius, num como sonho hellenico da sciencia, reviveu as nymphas poeticas da Grecia.

Ali, no pequenino valle das nascentes aguas, todo alfombrado de verde pelo capim das verzeas, armámos o altar portatil, á sombra do bucolico debuxo de uma arvore florida. E como tudo ali conspirava no symbolismo daquella liturgia campal e risonha!

A' beira dos cerrados, que vinham morrer no topo de amabas as collinas, os capotões selvagens, as robustas salvetas dos naturalistas, erguiam para o azul os seus lindos candelabros de flores alvas.

A um lado, dentre blocos enormes de arenito, semelhantes a ruinas antigas de um templo druidico, as rijas cactaceas, a que os botanicos justamente appelidaram de cirios, atiravam-se verticalmente para o alto, como verdes tochas accesas aos primeiros raios da aurora.

Por fim, em frente ao rustico altar, á feição de couraceiros athleticos do rei immortal dos seculos, que ia baixar sobre a pedra d'ara, perfilavam-se os buritis altivos, agitando nos céos os garbosos pennachos de esmeraldas.

E, quando a Hostia sacrosanta se elevou sobre aquella natureza, que mal estremunhára, o sol tambem repontava na fimbria rosiclér e longinqua dos horizontes. E eis que uma fanfarra triumphal estruge pelo sertão em fóra. Era a graciosa siriema, que, empoleirada num tronco rasteiro do campo, vibrava de toda a alma o seu hymno de matinas, ao mesmo tempo que bando estridulo das araraúnas desprendia-se ruidosamente das franças das palmeiras, para retomar nos ares alvorescentes o vôo lento e compassado.

O altar flammejava todo em ouro nas notas luminosas do dia.

---

10). DOCUMENTOS HONROSOS

E' de vantagem, para effeito de archivo e como documentação ainda, reproduzir nestas paginas o que altas autoridades brasileiras, notabilidades scientificas e elementos de destaque na administração publica, têm dito e escripto sobre as Missões Salesianas do Rio Negro, e que valem como elemento insuspeito do julgamento da grande obra civica e religiosa ali commettida.

VALIOSO ATTESTADO DO GOVERNO DO AMAZONAS: — "Attesto, de conformidade com a solicitação que me foi dirigida, sobre a Prefeitura Apostolica do Rio Negro, o seguinte:

que a cargo da Prefeitura Apostolica do Rio Negro funcionam as Missões Salesianas do Amazonas; que mantem a Escola Agricola de S. Gabriel, de curso elementar e profissional, com a matricula de oitenta e um alumnos internos, gratuitos; que mantem na mesma Villa o Asylo Indigena Feminino, do curso elementar primario; profissional e domestico com a matricula de noventa e oito alumnas internas gratuitas; que mantem, ainda, no mesmo Municipio, um hospital, com dezoito leitos, no qual soccorre centenas de doentes, distribuindo em profusão medicamentos e fazendo milhares de curativos; que neste estabelecimento de caridade inaugurou um novo pavilhão para serviço hospitalar; que mantem mais ainda nesse Municipio de São Gabriel as Missões Indigenas de Taracuá e Jauareté Cachoeira, com escolas, officinas e internatos para ambos os sexos com duzentos e oitenta e quatro alumnos gratuitos; que estas Missões têm a seu cargo, nas mesmas localidades, dois Postos de Prompto Soccorro, com vinte leitos e ambulatorios distribuindo gratuitamente milhares de receitas; que mantem no Municipio de Barcellos o Instituto São José, com a matricula de trinta e seis alumnos internos; que mantem ainda um Posto de Prompto Soccorro, com dez leitos, para attender á população do baixo Rio Negro; que construiu nessa mesma Villa um novo pavilhão do Collegio Masculino e está construindo um pequeno hospital e um Collegio de construcção moderna para abrigar oitenta alumnas gratuitas; que fundou no Rio Negro e seus affluentes trinta e cinco povoados; que mantem na Capital do Estado o Collegio "D. Bosco", com o curso elementar, propedeutico, commercial e gymnasial — os dois ultimos equiparados — tendo matriculados mil e vinte e sete alumnos, dos quaes perto de quinhentos gratuitos; que mantem ainda, na Capital, o Collegio "Maria Auxiliadora" com cento e trinta e oito alumnas, que possue tambem um curso profissional nocturno, gratuito, com cento e cincoenta alumnas; que tem funccionando, junto a este Instituto, um Posto de Prompto Soccorro e Dispensario, com assistencia medica, cedida pela Saude Publica do Estado, que attendeu no anno passado a milhares de doentes pobres, distribuindo mais de quinze mil receitas gratuitas e fazendo milhares de curativos; que mantem na Cidade de Porto Velho — Prelazia do Rio Madeira — o Hospital de São José, com dois

amplos pavilhões para sessenta leitos, e um Posto de Prompto Soccorro, que vem offerecendo optimos serviços de assistencia medica ao Municipio e ao longo da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, até Guajará-Mirim, no Estado de Matto Grosso; que mantem, na mesma cidade, uma escola elementar gratuita de ensino elementar e profissional, com a matricula de cento e quarenta alumnos, em maioria operarios, para internato, e aulas gratuitas para meninas, orçado em oitenta contos, de 40 metros X 9, com dois andares e os pavilhões da Maternidade e Tuberculoticos, annexos ao Hospital; que mantem mais cinco pequenos Dispensarios de remedios em varias localidades do mesmo Municipio; que mantem na cidade de Humaytá um Posto de Prompto Soccorro, que dá assistencia medica e medicamentos gratuitos a quantos o procuram; que, finalmente, no correr de 1932, foram dadas 27.560 consultas, feitos 35.200 curativos e injecções, distribuidas 45.100 receitas varias e 258.000 capsulas de quinino, sendo que essas obras não dispõem de auxilios proprios. — Rio de Janeiro, 24 de Fevereiro de 1933. — (a) Antonio Rogerio Coimbra, Interventor Federal no Amazonas. — Reconheço a firma supra — Antonio Rogerio Coimbra — Rio 2 de Maio de 1933 (a) Em testº. da Vc. — Dou Fé — (a) Eduardo Carneiro de Mendonça — Tabelião do 10.º Officio."

ASYLO DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA EM S. GABRIEL, NO RIO NEGRO — "Dentre as obras meritorias espalhadas pelo nosso Brasil, occupa logar de destaque, innegavelmente, o Asylo de Nossa Senhora Auxiliadora de São Gabriel do Rio Negro. Outras ha, por certo, mais luxuosas, de matricula mais elevada, mais confortaveis mesmo, porém em materia de asseio, ordem e disciplina em nada lhes ficará devendo o educandario de São Gabriel.

Este Asylo, dirigido pelas piedosas Irmãs Salesianas, presta inestimaveis serviços ás creanças pobres do Rio Negro, particularmente ás filhas de paes indigenas, e cuja matricula é preenchida na sua maioria por ellas. Sem elle ficariam privadas de educação domestica e da instrucção primaria, que com tanto desvelo é administrada pelas reverendas Irmãs. Ora, isto tudo, junto ao amparo e protecção que lhes dá o Asylo, é muita cousa nestas alturas, o que mais ainda cresce, na benemerencia dos grandes feitos, o valor destas abnegadas Irmãs. Combater o analphabetismo e todos os vicios delle decorrentes nos Estados povoados, não deixa de ser obra de relevancia, mas, no Rio Negro, onde tudo é difficil, é uma Grande Cruzada.

Considere-se tudo isto num paiz onde poucos sabem ler e maior ainda se projectará o formidavel empreendimento, que estas Irmãs modestamente, sem preoccupações secundarias, estão realizando nas quietudes de São Gabriel. Gente deste feitio dispensa louvores, porque elles saltam dos labios de quem sabe compreender o valor de obras dste porte.

Pense-se nisto, com os olhos voltados para o nosso maior problema, a instrucção primaria, e por certo não haverá brasileiro que deixe de acompanhar com toda sympathia a grande realização das Salesianas do Rio Negro. No Brasil, num futuro muito proximo, dos ultimos restolhos da miseria, surgirá um povo — novo, forte e audaz — que comnosco virá concorrer para o engrandecimento desta terra, que tambem é sua.

E a redempção deste povo, sem patria, até então vivendo nas ultimas atalaias dos bravos sertões, é ainda obra nossa, porque a maior parte das Irmãs Salesianas do Rio Negro são brasileiras .Não vae nisto nenhuma vaidade.

Todos os Salesianos são eguaes no altruismo e abnegação com que semeiam o bem. Mas a coincidencia não deixa de nos commover. O Asylo de N. S. Auxiliadora tem boa apparencia. Está situado numa elevação donde se descortina a majestosa paisagem do Rio Negro. Precisa, porém, ser ampliado para attender aos pedidos de matricula, que de anno para anno vão augmentando. Todo o ensino é gratuito. E' obvio que, tratando-se de meninas e moças e filhas dos nossos caboclos, elle só poderia ser gratuito. A grande finalidade deste Asylo Indigena não precisa de palavras, porque na obra altruistica que

representa para o futuro da nossa nacionalidade está feito o seu maior elogio.

Muito mais eloquente do que elle fala a matricula. Ahi vae ella, para que todos sintam o que é no meio da nossa mestiçagem o Asylo de N. S. Auxiliadora.

Matricula geral, 94.

Descriminação:

Meninas venezuelanas	4
Meninas colombianas	2
Filhas de indias com portuguezes	8
Filhas de indias com brasileiros	22
Indias puras	58
Total	94

Programma de ensino: As alumnas dedicam-se ao estudo, á musica e a todos e quaesquer trabalhos domesticos. As aulas primarias constam de: curso infantil — primeiro, segundo, terceiro e quarto annos. As aulas são de tres horas diarias. A' tarde occupam-se em bordados, costuras, lavagem de roupas, engommados e serviços culinarios. Todos os dias têm: meia hora de canto e duas vezes por semana exercicios de gymnastica sueca. Uma vez por semana "durante hora e meia" trabalham a terra. Excusado será dizer que todos os trabalhos são feitos sob a assistencia das Irmãs. Ahi têm os nossos leitores em ligeira e succinta informação o que fazem as creanças no Asylo de Nossa Senhora Auxiliadora.

Como remate leiam-se estas palavras de ouro da Madre Catharina, Superiora do Asylo, sobre as creanças indigenas:

"Pela indole docil do indio são meninas susceptiveis de qualquer ensino ou incumbencia."

Para que mais?

Quod erat demonstrandum. — Cucuhy, 1.° de Janeiro de 1931.

(a) Mauricio Sobrinho — Medico da Commissão de Limites."

MISSÃO DE BARCELLOS — "Visitando nesta data os dependencias dos proprios da Missão Salesiana, cumpre-nos o dever de, como brasileiros, deixar consignada nestas linhas a magnifica impressão que de tudo nos ficou. Se em cada Municipio existisse já o influxo da grande obra que os Salesianos vêm empenhando pelo mundo, num trabalho de proficiente humanidade, a miseria dos humildes seria mais suave e a dôr dos doentes mais amena.

Continuem os obreiros dessa escalada de fé a diffundir a acção benefica de sua missão, e o interior viverá dias felizes, com a distribuição das luzes das lettras a essa multidão de creanças, que serão homens amanhã. — Santa Casa de Barcellos, 6 de Março de 1932. — (aa) Alvaro Leite de Oliveira, Inspector Agronomo do Serviço de Locomoção. — Raymundo Pinheiro, Secretario-Thesoureiro da Prefeitura Municipal — Leoncio B. Evangelista, Amanuense do Serviço de Locomoção. — Waldemar Evangelista, Agronomo director do Serviço de Locomoção."

"Visitamos hoje o hospital do "Prompto Soccorro" mantido pela Missão Salesiana desta Villa, pertencente á Prelazia Apostolica do Rio Negro. Sob a competente direcção do habil pharmaceutico Major Leonidas Rodrigues, o invejavel estabelecimento deixou-nos excellente impressão. Os nossos votos a Deus para que a referida Casa de Saude continue a prestar os relevantes serviços á população, como de facto vem prestando ha longos annos.

Barcellos, 10 de Setembro de 1931.

(aa) Manuel de Almeida Garcia, Juiz de Direito da Comarca, — Basilio Falcão, Promotor Publico. — Zozimo de Leirós Filho. funccionario publico. — Celino Menezes, Advogado."

" Visitando o predio do Prompto Soccorro da Prefeitura Apostolica do Rio Negro, em Barcellos, verifiquei, com a maxima satisfação, ordem, asseio, conforto, quer na sala de operações, quer nas enfermarias dos homens e das mulheres, quer na pharmacia, onde se encontram muitas qualidades de remedios e em bastante quantidade, pelo que, como brasileiro e amante de minha Patria, deixo aqui consignado um voto de louvor e de encorajamento ao incansavel Monsenhor Pedro Massa, Chefe da Missão Salesiana do Rio Negro, e tambem ao Director da Missão em Barcellos, Padre José Domitrowitsch. Barcellos, 21 de Junho de 1930. (a) José Ferreira da Silva, Engenheiro Civil. "

"Visitando o hospital de Prompto Soccorro de Barcellos, deixo a minha melhor impressão. — Barcellos, 21 de Junho de 1930. — (a) José Tolentino de Araujo."

"De accordo com os dizeres do Dr. José Ferreira. — Barcellos, 21 de Junho de 1932. — (a) Aldemar Monteiro Guimarães, Encarregado do Posto Radio de São Gabriel."

BRASILEIROS NAS SELVAS — São muito confortantes as impressões do illustre Dr. Philip von Luetzelburg, Botanico da Commissão Rondon:

" Os Salesianos — São Gabriel é séde da Missão principal dos Salesianos, que no centro da pequena villa erigiram suas escolas, officinas e seus estabelecimentos agricolas, dirigidos só por dois padres, o Padre Britto, director, auxiliado pelo Padre Noé, nos multiplos trabalhos missionarios, além da manutenção de uma bem montada escola para meninos indigenas, afim de ensinal-os nas letras, na arte operaria de carpintaria, alfaiataria, sapataria e cultura agricola. São actualmente ali internos cerca de cem meninos de diversas tribus e durante a nossa estadia ali não só recebemos provas excellentes dos resultados dos trabalhos e esforços dos padres, como tambem testemunhamos bellos resultados obtidos dos alumnos que nos deram em pessoa respostas ás nossas perguntas varias sobre diversos assumptos de ensino. Assistimos á bella festa escolar, dada em honra do major Boanerges, que ficou bem impressionado, como toda a comitiva. Ao lado do convento masculino, eleva-se o bello estabelecimento das freiras, que, além da escola feminina, dirigem um hospital e uma pharmacia. Tambem dali sahimos com os mesmos sentimentos de gratidão e impressão agradavel.

E' de considerar que as horas de trabalho desde madrugada até a noite são divididas alternativamente sem descanço, num perpetuo "ora et labora".

Gratos pelo que recebemos e vimos, despedimo-nos dos amaveis padres e freiras e seguimos viagem rio acima até a fronteira com a Venezuela, até Cucuhy, atravez de bellissimas paisagens, passando cachoeiras formidaveis, estudando vegetação variada e interessante. Aportamos a Cucuhy, onde a fronteira brasileira é guardada por vinte soldados, morando em pequenas casas pittorescas collocadas na margem do rio, tratando das suas roças perseguidas por muitas pragas. A nordeste do logar eleva-se a Pedra de Cucuhy, completando o bello panorama da região.

Subimos a essa serra, com bastante sacrificio, descortinando panorama nunca reparado, dentro de uma vasta planicie, coberta de mattas infinitas e sombrias; o Rio Negro descreve seus meandros, perdendo-se no horizonte. Subimos e descemos, mediante cordas, as lages graniticas da serra, num declive perigoso e, de novo em Cucuhy, partimos em direcções differentes, formando então duas turmas. A do Sr. Major seguiu rumo ao Rio Xié, e a nossa, o geologo e eu, levando ainda um operador cinematographico, tomou direcção do oeste em demanda ao Guainia e Cassiquiare.

Em Taracuá — Aportamos a Taracuá, logar onde presenciamos encontro interessante. Nosso batelão atracou, nossos indios nos acompanharam ao encontro dos padres missionarios salesianos que ali fixaram sua séde para

O Collegio D. Bosco em Manáus (1), no anno de 1921, quando foi doado aos Salesianos; no anno de 1922 (2) e, finalmente no anno de 1931 (3). E maior estabelecimento de ensino da bella capital amazonense. Nada deixa a desejar.

Em Manáus, o Collegio D. Bosco é grandioso e comporta e educa 1.100 alumnos. Aqui temos nós o refeitorio (1), uma vista do mesmo com alumnos á frente (2), a parte interna (3) e um dos pateos do benemerito Collegio.

christianizar os selvagens, ganhando-os para a civilização, transformando-os em homens sedentarios, systematizando sua força para o trabalho aproveitavel, fazendo-os agricultores e vertendo seu mysticismo e paganismo, formando-os christãos. Até o mais incredulo, maior atheista ha de admirar a obra, a persistencia, o heroismo e abnegação destes dois padres, João e Antonio, que em dois annos levantaram um edificio assobradado, enorme, sem mais auxilio a não ser o dos indigenas, serrando cada taboa com a mesma mão com a qual escrevem as primeiras letras ao ensinarem uma centena de crianças indigenas todas as materias das escolas primarias, falando com elles Tucano, emquanto são novos, recentemente chegados das malocas, acabando, como fomos testemunhas gratas, por ensinar a lingua, fazer exercicios gymnasticos, com suas vozes melodiosas, cantando o hymno nacional brasileiro.

Fortemente e ao mesmo tempo agradavelmente impressionados, assistimos a uma festa sob a direcção dos padres, e a outra das meninas ensinadas por freiras, dadas em nossa honra, testemunhando os bellos resultados já obtidos com o material completamente alheio a tudo isso, criado no matto e escravizado pela civilização penetrante no territorio desta bella gente. O nosso programma nos mandou embora, faltava ainda o rio Tiquié a ser explorado. Subimos, passando por margens ainda em formação recente, visitando malocas povoadas por tribus de Tucanos, Deçanas, Tapuyas, Macús e Tejuco-Tapuyas, cheios de vigor, de força e vivacidade."

NAS NOSSAS FRONTEIRAS — ALTO RIO NEGRO — S. GABRIEL — "Cucuhy, 10 de dezembro de 1929 — Situado á margem do Rio Negro, em terra alta, cortada por morros e valles, é São Gabriel o mais povoado centro do famoso rio. E' séde de Comarca e o unico ponto do Rio Negro que é ligado a Manáos por uma estação radio-telegraphica. Este grande melhoramento foi inaugurado no anno passado. Tem uma agencia de Correio, duas casas de negocio e uns quarenta fogos espalhados por morros e valles. Não tem uma escola publica. Não tem necessidade deste luxo, porque quem salvou-a do quasi desapparecimento — verdadeiro amontoado de ruinas — deu-lhe dois magnificos collegios, cuja finalidade superior não é preciso encarecer. Refiro-me, é claro, á benemerita missão salesiana, que é a nota percuciente do pequeno progresso, que já existe em São Gabriel, e cujo augmento pelo que vimos é dos mais lisongeiros. Tão grande, em boa hora o digo, é a influencia da Missão Salesiana em São Gabriel, que conseguiu attrair a attenção do Estado, interessando-o na construcção de uma estrada que liga Camanáos a São Gabriel. Esta estrada está ainda sendo construida e tem 22 kilometros de extensão, correndo justamente no trecho mais encachoeirado do Rio Negro. De Camanáos a São Gabriel as cachoeiras succedem-se numa emulação diabolica, ou mlehor, não se succedem, porque não se sabe onde termina a primeira, nem onde começa a segunda. A viagem de subida é feita em 4 horas (de lancha), em que cada minuto que se passa é desafio á morte. Não se contam as vidas que têm sido tragadas pelo insaciavel Maloch.

Pois bem, esta necessidade, que de ha seculos bradava aos céos verdadeiros gritos de misericordia, está sendo vencida com a construcção da estrada e assim desapparecido o terrivel pesadello de subir ou descer as ininterruptas e traiçoeiras corredeiras de Camanáos. Ao lado dos collegios dirigidos pelas irmãs e padres salesianos, para meninos e meninas, na sua mór parte filhos de indios, funcciona uma Escola, tambem dirigida pelos salesianos, cujo alcance é facil de prevêr. Mas, ainda era pouco, porque faltava um hospital, que é tudo na selvatiqueza do Amazonas. Sem elle estaria compromettida a grande obra de monsenhor Pedro Massa e seus dignos auxiliares. Este problema substancial para o exito das Missões Salesianas foi brilhantemente resolvido com a fundação do magnifico Hospital, Dispensario e Ambulatorio de São Gabriel, cujo raio de acção extende-se por todo o alto Rio Negro, alcançando o nosso São Carlos (pueblo Venezuelano).

O Hospital é dirigido e administrado pelas Irmãs. É um modelo de ordem e asseio. Não tem presentemente medico. Madre Catharina, senhora paulista, de rara cultura, diplomada em pharmacia, faz as vezes de medico, porque é habil enfermeira. Todo o serviço de consultas, curativos, receituario, inclusive distribuição de quinino e prophylaxia paludica, é gratuito. O numero de consulentes cresce dia a dia. Com mais espaço trataremos desse importante e humanitario serviço. Estes padres e irmãs são incansaveis. Parece incrivel que com tão diminuto pessoal docente se possam fazer as realizações que se vêem em São Gabriel. Agora mesmo, esses Euclydes de D. Bosco estão a braços na construcção de um grande pavilhão para attender á affluencia de creanças indigenas que em ambos os collegios já excedem de duzentas. Inutil dizer que os engenheiros são elles proprios. E é de se vêr o aprumo e elegancia das linhas. A egreja, sob a invocação de N. S. Auxiliadora, vae sendo concluida aos poucos. Edificada em encantadora posição, de frente voltada para leste, domina todo o horizonte, descortinando a grandiosa paisagem do gigante de aguas pretas. Em baixo as formidaveis cachoeiras do "Curicury", em que as aguas do mysterioso rio em louca arrancada, num passe de magía, de prompto mudam de côr, transformando-se por encanto num immenso espumaçal de 800 metros de largura. Ao longe, como que fechando o grande rio, os elevados alcantis da Serra de "Curi-Curiary". É um quadro soberbo!

A vida dos collegios começa com a da passarada. Ás quatro horas levanta-se toda a creançada. Ouvida a santa missa, segue-se uma scena a que não se póde assistir sem forte emoção e... ás vezes, até com lagrimas: inesperadamente, quebra-se o ungido silencio e a voz de duzentos alumnos, acompanhada de padres, freiras e indios, fere o espaço em notas agudas e harmoniosas. É o côro de Maria Auxiliadora que começa. Mas não é um côro: são dois, porque fóra, na grimpa das palmeiras e dos jequitibás, ouve-se um outro, não se sabendo qual dos dois o mais suave. E' porque ambos têm o mesmo fim: venerar a padroeira de São Gabriel.

Nas indecisas tintas do diluculo, quando bem ainda não é dia, o acordar nos Collegios Salesianos do Rio Negro, ouvindo canticos religiosos, deante da immensidão do Amazonas, é um espectaculo de emoções pela grandiosidade do quadro, e tambem pelo que se sente. Errará quem pensar que nestes collegios só se cuida de religião. Já isto seria uma grande cousa, porque na formação do futuro homem a religião é tudo. O programma de ensino que rege as materias nos nossos collegios seculares é o mesmo. Ha mais quadros muraes nas salas de classe, allusivos á nossa historia patria, do que santos. Santos ha e seria absurdo que não houvesse. Não ha menino que não saiba o nome do senhor presidente da Republica e ministros do Estado e não tenha muito elevado o sentimento da patria. É assim em São Gabriel. — (a) Mauricio Sobrinho, Medico da Commissão de Limites."

IMPRESSÕES sobre a Missão Salesiana extrahidas do Relatorio do Major Boanerges, da Commissão de Fronteiras do General Rondon. (Visita feita em fins de 1929 e começo de 1930). — "No dia seguinte pela manhã, recebemos a visita da Missão, representada pelos padres Noé e Francisco, com os quaes mantivemos animada palestra. Retribuindo á tarde a visita dos missionarios salesianos, cujo estabelecimento visitámos demoradamente, tivemos opportunidade de constatar que a missão cuida com devotamento da educação e da instrucção dos meninos e meninas indigenas, tratando-os com muito carinho e bondade. Á instrucção imprimem accentuado cunho patriotico, revelado no garbo com que meninos e meninas cantaram o hymno nacional e o da bandeira e a presteza com que responderam ás perguntas que lhes fizemos sobre datas e factos da historia do Brasil. Notámos que o mesmo tratamento era dado ás creanças indigenas, como aos contribuintes da Villa de São Gabriel e arredores.

Aliás, verificámos que os contribuintes internos no Collegio só eram "in nomine", pois as entradas por conta das annuidades eram em geral insignificantes em relação ás despesas com a manutenção dos collegiaes.

Visitámos as officinas de carpinteiro, sapateiro e alfaiate, que ainda necessitam de melhor apparelhamento, e sobretudo a 1.ª, para attender ás necessidades do estabelecimento, e do preparo profissional dos alumnos. Ha tambem uma pequena officina de ferreiro ao lado da carpintaria. Visitámos a Santa Casa, dirigida pelas Irmãs de Maria Auxiliadora, onde vimos uma bem montada pharmacia, de que é encarregada uma Irmã que accumula as funcções de pharmaceutica e de enfermeira. A sala de cirurgia dispõe do apparelhamento satisfactorio. Na enfermaria, só encontrámos uma menina que não pertence ao collegio e que havia fracturado a perna. A cozinha tem ampla installação e está aos cuidados de uma das Irmãs, joven e distincta moça paulista.

Ao lado da classe dos meninos, vimos uma sala de armas com os cabides e fuzis para a instrucção militar dos adolescentes indigenas."

A obra da Missão Salesiana em Barcellos — Presentemente a Missão Salesiana do Rio Negro procura reergue-la, tendo installado escola e officinas. Suas condições de salubridade são, porém, más.

A Missão de Taracuá — Foi fundada em 1923.

Taracuá-Ponta — Está collocada em excellente posição topographica, dominando os 2 grandes estirões do rio. Apresenta bellissimo aspecto, empolgando a attenção do viajante que se sente surpreso com o progresso e a grandiosidade da obra da Missão. E a admiração cresce sobremaneira quando então se é informado que tudo aquillo é trabalho de cinco annos, devido á dedicação dos Missionarios e contribuição exclusiva dos indios, que entraram com a mão de obra com o maior enthusiasmo; as mulheres, sobretudo, tomaram parte activa no transporte de pedra, barro para o aterro e construcção das paredes.

Destacam-se em Taracuá a igreja, o grande e magestoso pavilhão dos meninos e o pavilhão das Irmãs, ambos de 2 pavimentos. Naquelle, o pavilhão inferior foi reservado para as usinas, o gabinete do director, o deposito de mercadorias, o salão do refeitorio, cozinha, etc.; o andar superior é occupado exclusivamente pelo dormitorio dos alumnos e dos Padres, amplos arejados e de asseio irreprehensivel. O pavilhão das Irmãs tem installação analoga. No pavimento inferior visitámos uma bem montada pharmacia, a cargo de uma das Irmãs.

Visitámos toda a Missão, constatando a ordem, o asseio e o zelo dos Missionarios, a cuja frente se acha o padre João, bonissimo e abnegado sacerdote. Nas festas que nos proporcionaram por occasião da nossa descida do Tiquié, já na classe dos meninos, já na das meninas, tivemos a satisfacção de verificar o carinho, a dedicação e o amor com que as Irmãs e os Padres tratam a infancia indigena. — Revelam as creanças grande aproveitamento e sobretudo exacto conhecimento de nossa nacionalidade. — Como em São Gabriel, os missionarios de Taracuá imprimem cunho patriotico ao ensino, desenvolvendo nos jovens o amor á Patria e cultuando a sua bandeira, os seus grandes homens, as suas datas gloriosas. — Fomos considerados hospedes da Missão. Consignamos aqui os nossos sinceros reconhecimentos ao bonissimo Padre Marchesi e ás dignas Irmãs pelo carinho e gentilezas captivantes que nos dispensaram durante as 24 horas que ahi permanecemos.

O povoado indigena está bem lançado. — Contámos 18 casas distribuidas em uma rua larga que termina em uma praça ajardinada na qual se ergue uma columna com a imagem de Maria Auxiliadora.

Além da casa reservada aos hospedes da Missão, ha, no posto, um grande barracão destinado aos viajantes e tripulantes em transito.

Em "Juquira" foi demolida a antiga maloca, levantando-se em sua substituição — 11 casas e uma egreja. — Começa aqui a influencia dos Padres da Missão de Taracuá. A povoação está sendo fundada por iniciativa da Missão, que fornece ferramentas aos indios.

Jauareté-Cachoeira — Neste ultimo povoado (Cuiú-Cuiú) os Padres Salesianos estão installando a Missão Indigena de São Miguel. Vae ser demolida a grande malóca e em sua substituição estão sendo levantadas 6 boas casas e uma egreja. — A posição é magnifica: domina os dois grandes estirões do Uaupés e a bocca do Papory. — (a) Major Boanerges."

UMA CONFERENCIA. — Da conferencia pronunciada em Manáos, em 10 de Março de 1932, pelo Dr. Ernestino de Oliveira, medico da Commissão de Limites, extraem-se as seguintes passagens: — "Em São Gabriel encontram-se casas commerciaes, um esboço de cidade organizada, com habitações cobertas de telha e sobretudo uma grande Missão Salesiana, com o mais moderno apparelhamento de ensino, de agricultura e de medicina. Ahi será a cellula da futura cidade, que com o perpassar dos tempos se irá organizando pouco a pouco... De ha muito esta região deveria ser assistida pelos governos, mas são certamente as condições particulares da vida nacional, que têm impedido a assistencia das autoridades. Em Barcellos, no Rio Negro; em São Gabriel. tambem no Rio Negro; em Taracuá, em Jauareté, e brevemente na Jutica, no rio Uaupés, os padres mantêm as suas missões. As que existem até o presente são edificios luxuosos para o logar, mas ainda modestos no aspecto externo e verdadeiramente portentosos pela obra que representam.

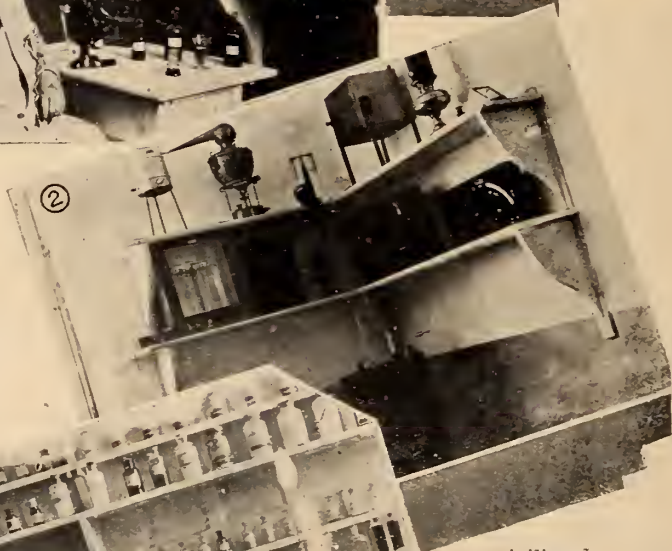
Deve-se fazer justiça dizendo que o impulso estético, a ordem social são estabelecidos nesses logares, quasi exclusivamente devido ao esforço ardoroso e verdadeiramente dedicado dos bondosos padres salesianos, os quaes num refinamento de amor pelas creancinhas, cumprindo a maravilhosa ordem de D. Bosco, distribuem ao lado do pão do espirito o pão da intelligencia. Entre os nossos padres salesianos e padres monfortianos, tenho para mim que os ultimos se preoccupam mais com a religião do que com a civilização, fazendo o contrario dos primeiros. Em certas tribus o serviço de catechese póde ir de mãos dadas com o da civilização; noutras, entretanto, é imprescindivel que a civilização seja iniciada primeiro e depois o da catechese. As Missões Salesianas do Rio Negro e do Rio Uaupés são das mais antigas do Amazonas. Primitivamente foram os padres Carmelitas, depois os padres Franciscanos que, apezar de toda a sua bôa vontade, pequenissimos resultados conseguiram. A época em que elles trabalharam era das mais improprias, pois o gentio. por muito audacioso e valente, não admittia a intromissão de estranhos, nos actos de sua vida religiosa, nem consentia que os padres alterassem a sua norma de vida, nem sempre compativel com a civilização occidental. Talvez houvesse um pouco de inhabilidade por parte de alguns padres, mesmo sendo dirigidos sempre pela bôa intenção. Foi sómente em 1914, por acto de 18 de Junho, que o Santissimo Papa Pio X, pelo Decreto da Sagrada Congregação da Fé, entregou aos Salesianos a ingente obra de catechese do Rio Negro. Dahi para cá começaram os sacerdotes a fazer um trabalho methodico, que felizmente tem sido coroado do mais extraordinario exito. Hoje póde-se admirar em cada uma dessas povoações, que foram por nós percorridas, não só a escola como a igreja, o campo agricola, a banda de musica e até mesmo o hospital. Na zona existem os dois hospitaes salesianos de S. Gabriel e de Taracuá, emquanto que a actividade incansavel do Revdo. padre Marchesi e do padre Ezequiel constróe, presentemente, em Jauareté mais um hospital para os selvicolas, maior do que os anteriores e com melhores accommodações. Mesmo em São Grabriel, erige-se hoje uma nova Santa Casa, para sobrepujar a que já existe e que os salesianos consideram como não preenchendo os seus fins, apezar de optimamente apparelhada. O serviço de assistencia está entregue ás bôas Irmãs de Maria Auxiliadora, que se desdobram em carinho e em amor para com o gentio, distribuindo-lhe não só alimentos, como roupas e medicamentos, e attendendo-os sempre que é necessario. Algumas dessas Irmãs são formadas e têm uma cultura medica bastante elevada. Depois dos seis mezes que tive occasião de percorrer cuidadosamente esta região, sou obrigado a affirmar publicamente que nessas missões salesianas é que está crystalizada a vida destes logares. Quan-

①

②

Os pateos do Collegio D. Bosco (1), *de Manáus, são amplos e alagados de luz. As salas de aula do Curso Gymnasial* (2) *obedecem a todas as indicações pedagogicas.*

nos a tudo provêm com dedicação, zelo e pericia. Querem que as populações do interior acompanhem a marcha da

No Collegio D. Bosco, de Manáus, ha um bem installado gabinete de chimica (1 e 2), aulas excellentes (3) e um gabinete de zoologia (4) que não se envergonhe dos das grandes cidades. Os Salesia

civilização, que não pode ser privilegio dos povos littoraneos...

do a nossa Commissão subiu e que diversos dos seus primeiros membros ficaram gravemente doentes, inclusive este que vos falla, nos padres salesianos, principalmente na dedicação do padre João Marchesi, é que encontrou o carinho, o conforto e o auxilio de que precisava. O padre Marchesi, como tive occasião de observar, doente mesmo, pois de ha muito soffre de impaludismo, vivendo como vive ha mais de dez annos nestas plagas, batendo os dentes no accesso de tremedeira, vagueia pela aldeia indigena de Taracuá, de seringa numa mão, o vidro de alcool e as injecções na outra, a assistir, com a maior dedicação possivel, ao gentio que tambem foi muito atacado no recente surto epidemico de sezões. Como elle os demais sacerdotes, não havendo, por mais que se procure, motivo para realçar um ou outro, com o obscurecimento do trabalho dos demais. Cerca de 800 criancinhas, quasi todas indigenas, algumas, poucas, sómente civilizadas, fallando uma porção de dialectos differentes, numa confusão de Babel Brasileira, são educadas primeiro no ensino da lingua portugueza, no amor á patria, nas noções de patriotismo e depois ensinadas nos preceitos da religião. A Missão Salesiana de Taracuá e Jauareté tem indios como motoristas de suas lanchas, que nada ficam a dever aos motoristas de carreira, aprendidos em Manáos. As crianças que vivem num ambiente de amor, de igualdade e de carinho, verdadeiramente christão, das bondosas Irmãs e dos Padres, respondem com a mais franca demonstração de positiva dedicação. Aos domingos formam em festas escolares, entoando canticos allusivos ao acto, depois de cantarem com o maior patriotismo o nosso querido e bello Hymno Nacional; fazem gymnastica, e as meninas aprendem o bordado, a musica, a pintura e tambem os folguedos de roda, chicote queimado, cabra-céga, amarellinha. etc., afim de pouco a pouco se irem acostumando com os brinquedos civilizados e abandonando os rudes divertimentos indigenas."

— No Livro de Visitas da Missão de Taracuá, o Dr. Gastão Cesar, do Serviço de Febre Amarella (Fundação Rockfeller), deixou as seguintes impressões, em 23 de Novembro de 1932:

— "Fui durante doze dias hospede da Missão Salesiana de Taracuá. Luto por isso com maiores difficuldades para bem expressar as minhas impressões, tal o sentimento de admiração de que estou possuido por tudo quanto me foi dado observar aqui. A Missão de Taracuá é mais um reflexo luminoso da obra gigantesca e immortal de D. Bosco, tão bem continuada pelos seus dignos Filhos. Usando a caridade como a melhor arma para a catechese do indigena, conseguem os Revmos. Padres Salesianos e Irmãs de Nossa Senhora Auxiliadora verdadeiros prodigios, desde a educação religiosa e civica á physica e profissional. Não sei o que mais admirar, se a fé ardente e sincera, o garbo e disciplina, o interesse pelo estudo e o amor e alegria pelo trabalho technico no indigena, ou o esforço admiravel, a obra sublime, o altruismo, o sacrificio dos Missionarios e das Irmãs.

Embora a impropriedade, talvez, do local, quero frizar um facto que observei e que deve passar despercebido áquelles que aqui não se demoram. A permanencia continuada em Taracuá, devido ás suas condições topographicas e climatericas, constitue sério perigo para a saúde. Não entrarei em detalhes, direi, apenas, em conclusão do que pude observar, que trabalhar-se em Taracuá 15 horas diarias, 15 horas de trabalho ininterrupto e esgotante, é um suicidio lento, que póde e deve ser evitado. Medida urgente, imprescindivel e da maxima importancia seria a instituição obrigatoria de um anno de férias, no sul do paiz, ao fim de cada tres annos de permanencia aqui.

Ao meu grito de admiração, ante a obra grandiosa desses heroicos successores de D. Bosco, junto o meu grito de alarma ante o sacrificio de suas preciosas vidas."

— O Sr. José de Sant'Anna Barros, auxiliar da Inspectoria de Indios do Amazonas e Acre, em data de 1.° de Outubro de 1932, escrevia:

"Visitando, nesta data, a Missão de Taracuá, não posso deixar de registrar neste livro de visitas a minha satisfação pelo que acaba de verificar: ordem, trabalho e sobretudo a educação e instrucção dos indigenas.

Assisti a um exercicio de gymnastica sueca dos oitenta educandos matriculados; percorri todas as dependencias desta Missão, de cuja visita só tenho palavras de elogio aos continuadores da sublime obra de D. Bosco, a quem felicito e apresento os meus sinceros agradecimentos como brasileiro que sou, na pessoa do Padre Antonio Giacone, director da Missão de Taracuá. Ensinar o indio, educal-o, é engrandecer o meu querido Brasil. Esta Missão tem sessenta meninas e oitenta meninos."

— O Tenente-Coronel Themistocles Paes de Souza, Sub-Chefe da Commissão de Limites Brasil-Colombia, em data de 18 de Novembro de 1932, assim se expressava:

" Ao lançar as minhas impressões sobre as Missões Salesianas do Rio Negro, não devo deixar de testemunhar admiração pelo que tenho visto desde Manáos e de Matto Grosso. Como sempre e em toda a parte, uma organização modelar pelo methodo, pela disciplina serena, pela tranquillidade e pelo amor. As consequencias dessa organização são a conquista efficaz do selvicola e a sua incorporação á civilização. Se maiores resultados não são dados a observar ainda, é porque é ainda cedo para isso, sabendo-se, como se sabe, que a sequencia da civilização não é senão uma seriação atavica como exuberantemente mostram experiencias de histologia de laboratorio, corroborada pela observação "in natura". Assim, decorrido o periodo de tempo necessario para o escoamento de varias gerações, certamente que a acção piedosa, a acção humana da Missão Salesiana, — cuja sequencia é de esperar — levará aos vindouros a perfeição dos incolas primitivos actuaes. Será a suprema glorificação da Ordem Salesiana."

— Declarações do Dr. Alvaro Maia, Interventor Federal no Amazonas: — " Residente no Amazonas ha longos annos, tive ensejo de verificar o trabalho extraordinario dos Salesianos, tanto em Manáos, como no interior. Educadores, fundaram na Capital o "Collegio D. Bosco", verdadeiro templo aberto aos brasileiros, onde ministram instrucção gratuitamente a centenas de creanças, e o "Instituto N. S. Auxiliadora" para meninas, com os mesmos objectivos. Annexo a este ha um Posto Regional, que offerece conforto, medicamentos e assistencia á população pobre, prestando-lhe incalculaveis beneficios.

Maior, talvez, do que essa admiravel semeadura, é a evangelização civica do interior, no Madeira e no Rio Negro, até ás fronteiras da Bolivia, Colombia e Venezuela. Em hospitaes, asylos, escolas, que arvoram o pendão do Brasil, os missionarios distribuem o alphabeto e a saúde, os ensinamentos da Patria. Em regiões longinquas, aonde ainda não chegou a projecção official, os selvicolas recebem a quinina, o remedio immediato, a hospitalização, e vêem os seus filhos amparados em uma vida melhor. Posteriormente nas funcções de interventor federal, pude certificar-me, ainda mais, da incessante actividade que esses missionarios desenvolvem, independente de credos e opiniões. Possa a minha Terra ter sempre a seu lado esses operarios do Bem! — Rio de Janeiro, 20 de Abril de 1932. — (a) Alvaro Maia."

EXPOSIÇÃO AGRICOLA EM SÃO GABRIEL — Da "Revista da Associação Commercial", de Manáos (25-1-33): — "A Missão Salesiana de São Gabriel, no Rio Negro, levou a effeito, no dia 2 do corrente, uma exposição agricola de productos colhidos no campo experimentar do estabelecimento de educação alli fundado e mantido por aquella Ordem Religiosa.

O certamen constituiu um verdadeiro successo naquella localidade, despertando o enthusiasmo das populações pelos problemas da agricultura, de que são abnegados pioneiros os operosos missionarios salesianos.

Foram expostos exemplares de abacate, banana, uva, cajú, jaca, canna

de assucar, tuberculos de todas as qualidades, enorme variedade de hortaliças, de leguminosas, cereaes, etc., tudo producção do campo experimental da Escola.

Mereceram tambem a attenção dos visitantes as numerosas plantações de experiencia e viveiros do campo, que representam, naquelle rincão afastado do territorio amazonense o mais edificante e animador exemplo do que se deve e do que se póde fazer pela agricultura no Estado.

O certamen foi organizado sob a direcção do Padre Luiz Pasqual, director da Missão Salesiana, a ella comparecendo a Associação Commercial por intermedio dos seus representantes em São Gabriel, Srs. Gonçalves e Irmão."

— Das autoridades de São Gabriel:

"Attestamos que a Escola Agricola de São Gabriel e o Asylo de Meninas continuam a funccionar com regularidade, tendo cento e trinta alumnos internos, e que a Santa Casa tem soccorrido centenares de doentes e distribuido milhares de receitas e dado um sem numero de consultas. Attestamos igualmente que, neste municipio de São Gabriel, funccionam regularmente os nucleos de indigenas de Taracuá e Jauareté-Cachoeira, com asylos para ambos os sexos, com perto de trezentos alumnos internos e dois postos de prompto soccorro, como tambem trinta e cinco povoações indigenas com perto de tres mil indios aldeiados. — São Gabriel, 2 de Maio de 1932. — (aa). Rodolpho P. Lopes Gonçalves, Delegado Municipal — Graciliano Jonas Lopes Gonçalves, 1. Supplente e Juiz Municipal em exercicio — João Carneiro da Cunha, Collector de Rendas do Estado em São Gabriel — José Joaquim Lopes dos Santos, 2.° Supplente do Sub-Delegado em exercicio — Seraphim dos Santos Oliveira — Carlos Aurelió Teixeira — Eliezer Nunes Arouche. — Reconheço verdadeiras as firmas supra — Dou fé — São Gabriel, 2 de Maio de 1932. — Em testemunho da verdade — (a) — O Tabellião interino, José Amorim de Andrade."

— Da Commissão Brasileira Demarcadora das Fronteiras do Sector Norte:

"Nós, abaixo assignados, a bem da verdade, declaramos que os hospitaes de São Gabriel e de Taracuá, os Postos de Prompto Soccorro de Barcellos e de Jauareté, assim como os Asylos Indigenas de São Gabriel, de Taracuá e de Jauareté, para ambos os sexos, e o de Barcellos para meninos, num total de mais de quatrocentos alumnos internos, teem existencia real e estão em pléno funccionamento, conforme pudemos verificar por diversas vezes, durante as nossas recentes visitas a esses estabelecimentos, e por ser assim firmamos o presente attestado. — Braz de Aguiar, Capitão de Mar e Guerra, Chefe da Commissão — Dr. João Braulino de Carvalho, Medico da Commissão — Dr. Manuel Mauricio Sobrinho, Medico da Commissão."

— Do Cm. A. Rogerio Coimbra, Interventor Federal no Amazonas:

"Attesto que as Missões Salesianas do Rio Negro, no Estado do Amazonas, teem a seu cargo varios estabelecimentos de assistencia aos indigenas do Rio Negro, e trinta e cinco povoações, onde foram aldeados mais de tres mil indios, assistidos e amparados pelas mesmas Missões. — Rio de Janeiro, 9 de Março de 1933."

— Do Major Polydoro Corrêa Barbosa, Chefe da 2.ª Turma da Commissão Demarcadora de Limites do Brasil com a Colombia:

"A Missão de Taracuá, que agora tive a satisfação de visitar, extende á região do rio Uaupés a grande obra de civilização que os Rvmos. Padres Salesianos empreenderam por quasi todo o mundo. Sómente percorrendo os varios edificios da Missão: aulas, officinas, enfermarias, dormitorios e refeitorios, se póde fazer uma pequena idéa ds ingentes esforços desses benemeritos Sacer-

dotes, que assistem os indios brasileiros, dando-lhes ensino, casa, vestuario, alimentação e assistencia medica. Elles transformaram os indigenas semi-selvagens em artifices e agricultores; dão-lhes educação religiosa e civica e com gymnastica e instrucção militar formam defensores da Patria Brasileira nas fronteiras abandonadas. Agradeço aos d. d. Padres a opportunidade que me deram de conhecer tão humanitaria instituição e os felicito pelo exito que vem coroando seus esforços. As Rvmas. Irmãs bem merecem os applausos e agradecimentos de todos os brasileiros patriotas. — Taracuá, 31 de Agosto de 1931."

— Do conceituado commerciante, Snr. Lauro Gandra:

"Ao retirar-me da Santa Casa de Barcellos, para onde vim á procura de minha saúde, é-me dado o momento de deixar aqui os meus agradecimentos a Deus; volto curado e jámais esquecerei o bom trato e fidalgo acolhimento, que aqui recebi quer da parte do Rvmo. Padre José Demitrowitsch, quer da do Sr. Leonidas Rodrigues, digno enfermeiro. Não deixarei de enaltecer os carinhos que me dispensaram ambos. Levo as melhores impressões da Santa Casa e de todos aquelles que labutam no progresso della. Aos companheiros, que ainda cá ficam, aconselho terem já confiança e esperança nos remedios que o bom Sr. Leonidas applica. Ao Rvmo. Padre José Demitrowitsch, d.d. Director da Missão Salesiana em Barcellos, ao Snr. Leonidas Rodrigues, digno enfermeiro, os meus mais devotados agradecimentos. — Santa Casa de Barcellos, "Sala São José", n.° 1. — 5 de Junho de 1931."

II

PRELAZIA DE PORTO VELHO

O impetuoso rio Madeira, de nascente ainda disputada, atravessa no seu curso de 500 leguas os Estados de Matto Grosso e Pará, de sul a nordeste, tomando aquella denominação desde a confluencia do Guaporé, muito mais de 320 leguas antes da sua embocadura, 12 acima da qual deita um braço para leste, com o nome de Urariá ou Furo do Tupinambarana, que, depois de atravessar diversos lagos e de receber alguns rios mais ou menos consideraveis, lança-se caudaloso no Amazonas, 50 leguas abaixo da sua foz principal, nas immediações da bocca do Jamundá, tendo muito antes desembocado por duas fauces de 1.100 braças de largura.

Abaixo de suas cachoeiras a sua navegação é trabalhosa e difficil por causa das gigantescas madeiras (e d'ahi lhe veio o nome), das arvores seculares e ilhas fluctuantes, que arrebata na sua corrente magnifica; são numerosos os tributarios do Madeira; em suas margens arenosas mostra a vasante tartarugas enormes; ahi a prodiga natureza dá á farta o cacáu, a castanha, salsaparrilha, cravo, capauba, resinas preciosas, madeiras de construcções e marcenaria, sem rivaes no mundo, além de numerosos outros productos.

Foi-lhe dado o nome de Madeira por Francisco de Mello Palheta, quando em 1725 subiu o Mamoré, pela grande quantidade de toros ou madeiras, que, descendo aguas abaixo, formam ilhas, que os naturaes chamam Canarana.

Ha quem presuma ser o Madeira conhecido desde 1660; porém a expedição mais antiga de que ha noticia exacta é o do capitão-mór João de Barros Guerra, que nelle entrou em 1716 até a foz do Mihissy para bater os Turás, que atacaram os pacificos Mundurucús. Tendo o capitão fallecido em viagem, substituiu-o Diogo Pinto da Gaia, que venceu os Turás, aprisionando alguns e levando-os para Serpa, antiga Abacazis.

Em 1775, por ordem do governador do Pará, general João da Maia Gama, partiu a segunda expedição chefiada por Francisco de Mello Palheta, que indo até á foz do Mamoré chegou á aldeia da Exaltação da Santa Cruz dos Corujabas, situada na margem occidental do Mamoré, entre os rios Iruiname e Maniqui. Em 1742 um individuo de nome Manoel de Lima desceu de Matto Grosso, á mercê da corrente, sem saber aonde iria parar.

Em 1760 o capitão-general (governador de Matto Grosso, que já em 1752 vistára o Baixo Guaporé), fundou uma fortaleza, que denominou de Nossa Senhora da Conceição, a qual em 1776, estando arruinada, foi substituida pelo forte do Principe da Beira.

De 1780 a 1790 foi o Madeira explorado scientificamente por uma commissão de engenheiros, que levantou a carta de limites entre o Brasil e as possessões hespanholas.

Desde então o rio Madeira tem sido successivamente explorado e conhecido, tendo tido surtos de admiravel progresso e civilização, de que deram provas as cidades de Borba, Manicoré, Humaytá, Porto Velho e Sto. Antonio do Rio Madeira, que foram successivamente creadas, dando um grande contingente de progresso a toda a região banhada pelo grande rio.

E' formado o Madeira por dois grandes rios: o Guaporé e o Mamoré, dando-se a juncção aos 11°55'46" de lat. S. e a 22°.34'14" log. O do Rio de Janeiro.

O Mamoré forma-se pela confluencia do Guapai ou Rio Grande e do Chaporé ou S. Mathêus na Bolivia.

Nesta região banhada pelo Madeira e seus affluentes, a Santa Sé dignou-se erigir uma nova circumscripção eclesiastica, creando o Santo Padre Pio XI pelas Bullas Pontificias "Christianæ religionis", de 1.° de Maio de 1925, a Prelazia Apostolica de Porto Velho, e desmembrando o seu territorio das dioceses de Manáos e S. Luiz de Caceres.

Começa a Prelazia em Trez-Casas, abaixo da cidade de Borba, outr'ora florescente pelo seu commercio e agricultura, segue até Porto Velho, sua séde, cidade importante, provida de luz electrica, do grande hospital da Candelaria e outros melhoramentos, sendo o ponto inicial da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, a qual, com o percurso de 360 kilometros, alcança Guajarámirim, ponto de grande futuro em Matto Grosso; penetrando no territorio desse Estado, segue pelos rios Mamoré e Guaporé, abrangendo todo o immenso territorio do municipio de Sto. Antonio do Rio Madeira, numa extensão territorial de cerca de 250.000 kilometros quadrados.

A prelazia de Porto Velho foi entregue á Congregação Salesiana, a qual, depois de ter mandado alguns de seus missionarios em repetidas visitas apostolicas, trata presentemente de fundar os primeiros centros de missão em Porto Velho e Guajará-mirim, esperando tambem o concurso das benemeritas Irmãs de Maria Auxiliadora para complemento dessa grande obra de restauração religiosa e civil.

1). O QUE SE ESTÁ FAZENDO

Em 1932 continuaram a prestar seus serviços regulares os seguintes estabelecimentos de assistencia e de ensino elementar e profissional, dos quaes, em cumprimento de quanto ordena o Decr. n.° 20.351, de 31 de Agosto de 1931, fornecemos as informações que seguem.

HOSPITAL S. JOSE' DE PORTO VELHO — 1928 (data da fundação) — O hospital de S. José tem presentemente 60 leitos, onde são acolhidos os doentes de toda a vasta e impaludada zona do Rio Madeira, sendo que muitos de entre elles são enviados das zonas mais afastadas pela Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, ou conduzidos em gaiolas e canôas.
Damos separadamente o quadro estatistico do movimento do hospital e ambulatorio annexo ao mesmo hospital.

ASSISTENCIA MEDICA — A cargo do hospital tem funccionado com toda a regularidade o serviço de assistencia medica domiciliar na cidade de Porto Velho, a qual se extende em todo o percurso da E. F. Madeira-Mamoré, penetrando o Estado de Matto Grosso até a vizinha cidade de Guajará-mirim, enviando-se semanalmente um enfermeiro para attender a curativos e á distribuição de medicamento naquella zona impaludada.

POSTO DE PROMPTO SOCCORRO — Funccionam tambem a cargo da Prelazia varios Postos de Prompto Soccorro, sendo os principaes: Sto. Antonio do Rio Madeira, Jacy-Paraná, Presidente Marques ou Aunã, além de dois Dispensarios que funccionam em logares separados e distinctos na cidade de Porto Velho.

POSTO DE SOCCORRO DE HUMAYTA' — 1928 (data da fundação da Missão).
Nesta cidade funcciona um Posto de Prompto Soccorro com assistencia medica, entregue ao Dr. Frederico Monteiro, que tem prestado os mais relevante serviços á zona do baixo Rio Madeira e do Rio Machado. Tenciona-se, logo que as circumstancias permittam, abrir no mesmo logar um pequeno hospital, que será entregue á administração das Irmãs de Maria Auxiliadora.
A compra e adaptação do Posto custaram 14:000$000, sendo que só os honorarios medicos importam em 7:200$000, sem contar a acquisição dos medicamentos necessarios, largamente distribuidos á pobreza local.

COLLEGIOS E ESCOLAS — Funccionaram com toda a regularidade os seguintes estabelecimentos do ensino:

Em Porto Velho — A Escola Feminina Maria Auxiliadora, com cinco classes e uma matricula de 150 alumnas inteiramente gratuitas, e uma frequencia media de 115.

A Escola Profissional Feminina para ensino de trabalhos domesticos com uma matricula de 48 alumnas e uma frequencia média de 35, sendo que, além de terem o ensino gratuito, distribue-se ainda ás alumnas o material de confecção necessaria.

A Escola Operaria Nocturna, gratuita, com cinco classes, uma matricula de 145 alumnos e uma frequencia media de 120.

A Escola Diurna Masculina, gratuita, com cinco classes, cuja matricula subiu de 20 a 54 alumnos.

NOVAS CONSTRUCÇÕES — A Prelazia de Porto Velho está presentemente construindo os seguintes edificios:

1) O novo collegio para alumnas internas, de 40 ms. de comprimento, por nove de largura e com dois andares, orçando em 120:000$000. Este predio, que será incontestavelmente um dos maiores da cidade, terá todas as adaptações modernas, exigidas pela pedagogia, tendo tambem ao lado um vasto salão de actos para representações infantis e escolares e um cinema educativo.

2) Os pavilhões da Maternidade e para Tuberculosos, que se espera sejam inaugurados no proximo mez de Outubro.

3) O Asylo para a Velhice Desamparada, com a capacidade de 24 leitos, onde serão acolhidos pobres velhos desamparados, que jazem actualmente abandonados nos arredores da cidade.

Todas essas obras estão orçadas em 218:000$000.

ASSISTENCIA INDIGENA — A Prelazia de Porto Velho está presentemente cogitando da fundação de um grande nucleo indigena para os indios Parintintins em Tres Casas, affluente do Rio Machado, onde serão acolhidos e devidamente assistidos com escolas e officinas os indios daquella tribu, tendo já iniciado os primeiros trabalhos e realizadas varias excursões, especialmente no Rio Maicy.

Esta obra de assistencia terá o mais elevado alcance social, não sómente pelo amparo, que será offerecido áquella tribu, como especialmente porque serão assim mais facilmente evitadas as incursões de indios, que por vezes perturbam e ameaçam as localidades vizinhas.

a). — Egrejas e Capellas de Porto Velho

Porto Velho	consagreda	a	Sagrado Coração
Porto Velho	”	”	São Francisco
Porto Velho	”	”	Santa Barbara
Porto Velho	”	”	No cemiterio
Sobral	”	”	Nossa Senhora da Saude
Humaytá	”	“	Nossa Senhora Immaculada
Pombal	”	”	São Sebastião (em ruinas)
Humaytá	”	”	Santo Antonio
Humaytá	”	”	Ne cemiterio
Santo Antonio	”	”	Santo Antonio
Jacy-Paraná	”	”	São Sebastião (prompta)
Fortaleza	”	”	Santo Antonio (quasi prompta)
Cachoeira Samuel	”	”	Immaculada Conceição

b). — O Hospital de S. José

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E SAUDE PUBLICA, Directoria Geral de Estatistica e Divulgação, etc., anno de 1932 — Historico resumido do estabelecimento. — Os Padres da Missão Salesiana de Porto Velho, encarregados da Prelazia de Porto Velho, abriram em 1927 uma enfermaria para a pobreza.

Em 1928 inauguraram o Hospital S. José.

Em 1932 inauguraram dois grandes pavilhões construidos ao lado do primeiro edificio e mais um pavilhão de molestias infecciosas, tornando assim o hospital capaz de 72 leitos. Estas novas installações foram inauguradas pelo Interventor do Amazonas, Capitão - Tenente Antonio Rogerio Coimbra. O hospital não tem regulamento ou estatutos, por estar ainda num periodo de desenvolvimento exigido pelo caracter doentio da região e favorecido pela munifica caridade do Prelado Monsenhor Padre Massa. Presentemente se estão construindo dois novos pavilhões: o da Maternidade e o dos Tuberculosos.

OBSERVAÇÕES — Recursos: O Prelado Monsenhor Pedro Massa fornece tudo o que é necessario para a vida do Instituto. Além disso, a Administração recebe pequenos donativos das pessoas caridosas do logar e as contribuições dos Ferroviarios da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, os quaes pagam 2$000 mensaes para terem direito a serem internados, pagando então a diaria de 3$000, quando internados.

O Hospital S. José foi installado em 1.° de Janeiro de 1928. E' mantido pela Prelazia de Porto Velho.

E' hospital para clinica geral, recebendo doentes indistinctamente.

Foi construido para esse fim. O predio pertence á Prelazia — tem suas clinicas funccionando num só predio, com construcções annexas: 1 para doenças infecciosas, 1 para doenças chronicas, 1 para Maternidade.

Recebe subvenção do Governo Estadoal.

Movimento Geral de enfermos entrados no anno de 1930: — Adultos: — de sexo masculino, 172 — de sexo feminino, 92. — Creanças: masculino, 9 — feminino, 18.

Informações concernentes á clinica obstetrica: Partos registrados 1

Numero de receitas aviadas para os enfermos internados: 1736.

Existe a sociedade do Hospital São José, cujos socios pagam 2$000 mensaes e gozam o abatimento de 50 % sobre as diarias — Taxas cobradas de accordo com o regulamento — 2$000 — Diarias cobradas de accordo com o regulamento — Primeira classe 8$000 — Segunda Classe 4$000.

Data da informação: 30/4/32 — Informante: Padre João Nicoletti.

Cargo que exerce: Thesoureiro.

c). — Ambulatorio e Dispensario do Hospital de São José

Data da fundação e installação: 1928 — E' mantido pela Prelazia Salesiana de Porto Velho, possue 3 salas de operações, existe uma sala destinada á estadia provisoria de doentes, para adultos, com 3 leitos, e uma sala para creanças com um leito. O estabelecimento possue pharmacia propria.

CORPO CLINICO (Medico) — Dispõe de um medico para todo o serviço.

Auxiliares do corpo clinico: — Possue 7 auxiliares.

Numero de pessoas atendidas: — Adultos 4.138 — Creanças 520.

Serviços prestados ao publico: — Numero de consultas 1565 — Receitas aviadas 6125 — Curativos 4205 — Injecções 1220.

Data de informação — 30 de Abril de 1932 — Ass. do Informante, Padre João Nicoletti — Cargo que exerce — Thesoureiro.

Recebe doentes indistinctamente, de qualquer idade.

Numero de enfermarias:

para adultos do sexo masculino	2	
para adultos do sexo feminino	2	
para creanças de ambos os sexos	1	5

Numero de quartos particulares:

para adultos do sexo masculino	4	
para adultos do sexo feminino	1	
para creanças de ambos os sexos	0	5

Numero total de leitos das enfermarias:

para adultos do sexo masculino	40	
para adultos do sexo feminino	20	
para creanças de ambos os sexos	2	62

Numero total dos leitos dos quartos:

para adultos do sexo masculino	8	
para adultos do sexo feminino	2	
para creanças de ambos os sexos	0	10

Salas de operações — 1 de septicos — 1 de assepticos.

1 Lavanderia — 1 Necroterio — 10 Apparelhos Sanitarios — Não tem forno crematorio.

Pavilhões — Tem 1 de Isolamento com 2 leitos — Não tem de observação.

Laboratorio — Tem 1 de Analyses — 1 Pharmacia — Não tem Gabinete de raios X, de radiotherapia e de electrotherapia.

Sala de Banco — O estabelecimento tem 1.

Pessoas attendidas: — Adultos 428 — Creanças 90.
Total das receitas aviadas: 2.920 — Consultas: 1.825.
Brasileiros 462 — Estrangeiros 56.

Corpo Clinico: — Medico 1 — para todo o serviço.
Auxiliares do pharmaceutico 1 — Dentista 1 — Parteira 1.
Corpo Clinico: — Enfermeiros 2 — Enfermeiras 2 — Religiosas 3 = 10

MOVIMENTO GERAL DE ENFERMOS POR NACIONALIDADE

Brasileiros

	Adultos		Creanças		Total
	Homens	Mulheres	Masc.	Fem.	
Existentes em 1.° de Janeiro:	8	3	0	0	11
Entradas durante o anno	376	120	19	7	522
Sahidas durante o anno	334	108	18	7	467
Fallecidos durante o anno	28	9	0	0	37
Existentes em 31 de Dezembro	22	6	1	0	29

Estrangeiros

Existentes em 1.° de Janeiro:	2	0	0	0	2
Entrados durante o anno	38	17	0	0	55
Sahidos durante o anno	35	17	0	0	50
Fallecidos durante o anno	3	2	0	0	5
Existentes em 31 de Dezembro	2	0	0	0	2

Total

Existentes em 1.° de Janeiro	10	3	0	0	13
Entrados durante o anno	414	137	19	7	577
Sahidos durante o anno	369	123	18	7	517
Fallecidos durante o anno	31	11	0	0	42
Existentes em 31 de Dezembro	24	6	1	0	31

MOVIMENTO GERAL DE ENFERMOS INTERNADOS POR CLINICA

	Ancilostomose	Chagas	Palud.	Outras verm.
Existentes em 1 de Janeiro	0	6	2	0
Existentes em 1.° de Janeiro	10	41	221	4
Entrados durante o anno	10	41	205	3
Sahidos durante o anno	0	1	6	1
Existentes em 31 de Dezembro	0	11	12	0

	Physiologia	Ap. respiratorio	Ap. circulatorio
Existentes em 1 de Janeiro	1	1	0
Entrados durante o anno	8	28	12
Sahidos durante o anno	4	13	11
Fallecidos durante o anno	3	15	1
Existentes em 31 de Dezembro	1	1	0

	Cirurgia	Dermat. e Syphiligraph.	Outras
Existentes em 1.° de Janeiro	1	0	1
Entrados durante o anno	62	58	42
Sahidos durante o anno	59	57	28
Fallecidos durante o anno	3	0	12
Existentes em 31 de Dezembro	1	1	3

	Dentaria e estomatologica	Vias urinarias
Existentes em 1.° de Janeiro	0	0
Entrados durante o anno	36	8
Sahidos durante o anno	35	8
Fallecidos durante o anno	0	0
Existentes em 31 de Dezembro	1	0

	Trat. Gynecologico	Partos	Total de todas as clinicas
Existentes em 1.° de Janeiro	0	1	13
Entradas durante o anno	41	6	577
Sahidas durante o anno	41	7	517
Fallecidas durante o anno	0	0	42
Existentes em 31 de Dezembro	0	0	31

NUMERO DE DOENTES ENTRADOS POR MEZ — 1932

		Jan.	Fev.	Mar.	Ab.	Maio	Jun.	Jul.	Ag.	Set.	Out.
Adultos	masculinos	15	27	15	22	54	37	36	38	35	36
	Femininos	6	9	11	5	18	14	21	10	10	11
Creanças	Masculinas	2	1	1	3	1	3	1	1	0	1
	Femininas	1	0	2	0	1	1	1	0	0	1
		24	37	29	30	74	55	59	49	45	49

	Nov.	Dez.	Total de doentes	Clinica obstetrica	
Adultos Masculinos	40	59	414	Nascimentos	7
Adultos Femininos	13	9	137	Inanimados	2
Creanças Masculinas	4	1	119	Animados	5
Creanças Femininas	0	0	7	Prematuro	1
	57	69	577	Simples	5
				A termo	5

Cesarianas, Forceps, Versões Embryotomias, Pelvitomias 0 — Partos duplos, multiplos 0 — Outras intervenções 2

O estabelecimento recebe enfermos contribuintes.

Taxas: Os Socios do Hospital pagam 2$000 mensaes (Ferroviarios e telegraphistas). Os das Colonias Agricolas do Governo pagam 2$000.

Diarias para os internados:

1.ª classe — socios	6$000
2.ª classe — socios	3$000
1.ª classe — não socios	12$000
2.ª classe — não socios	6$000

Os das Colonias agricolas não pagam diarias.

O numero total de doentes no anno foi de 11.540.

A despesa total com o custeio do estabelecimento no corrente exercicio foi de 178:742$600. Esta importancia não abrange as despesas das novas construcções de ampliamento.

O Hospital não tem patrimonio proprio.

Porto Velho, 18 de Abril de 1933
(a.) Pe. João Nicoletti
Administrador.

MOVIMENTO DA SALA DO BANCO DO HOSPITAL

Funcciona no proprio hospital, á Rua Duque de Caxias, é mentida pela Prelazia de Porto Velho, depende em tudo do Hospital e o serviço é exercido pelos empregados do Hospital S. José. — Possue sala para intervenções cirurgicas.

SERVIÇOS PRESTADOS AO PUBLICO

Consultas durante o anno: 1825 — Receitas aviadas durante o anno: 2920. Curativs, 4380 — Intervenções cirurgicas, 53 — Vaccinações preventivas, 8 — Injecções, 1725 — Exames de chimica e bacteriologicos, 52.

PESSOAS ATTENDIDAS POR CLINICA NO ANNO DE 1932

Doenças tropicaes: Paludismo, 155 — Ancilostom., 16 — Outras vermin., 14 — Doenças das Chagas, 31 — Outras doenças tropicaes, 31 — Tisiologia, 2 — Apparelho respi.°, 14 — Id. circulat.°, 11 — Dentaria e estomago, 101 — Clinica obstetrica e gynecologica, 10.

PESSOAS ATTENDIDAS POR SEXO E POR NACIONALIDADE DO MESMO ANNO

ADULTOS	Homens 346	428		
	Mulheres 182			
CREANÇAS de ambos os sexos			909	518

BRASILEIROS: 462
EXTRANGEIROS: 56 518

(a.) Pe. João Nicoletti
18/4/33.

d). — Dispensarios da Prelazia — Anno de 1932 — Seu movimento

A installação desses Dispensarios foi feita em 1.° de Janeiro de 1933.

A) Na cidade de Porto Velho existe um no logar mais animado da cidade e está a cargo de um Pe. da Missão Salesiana.

B) Na Villa de Santo Antonio do Rio Madeira tambem existe outro dispensario a cargo de uma senhora.

C) Na Villa de Jacy-Paraná existe um outro confiado tambem a um empregado do 3.° Districto Telegraphico de Matto Grosso.

3) Na Villa de Abunã existe ainda um outro confiado tambem a um empregado do 3.° Districto Telegraphico de Matto Grosso.

Estes 3 ultimos dispensarios, funccionando ao longo da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e o de Porto Velho, são fornecidos pela Prelazia. Não é possivel com os dados dos empregados preencher este modelo, pois o trabalho dos encarregados consiste só em distribuir quinino, purgantes, vermifugos, pomadas, desinfectantes, etc.

O algarismo 2.150 lançado refere-se só aos attendidos em geral, pela maior parte accommettidos de malaria.

Tambem no dito algarismo estão representados todos os attendidos pelos P. P. em suas viagens apostolicas ás margens dos rios que dependem da Prelazia de Porto Velho — 18 de Abril de 1933 — Cidade de Posto Velho. — (a.) Pe. João Nicoletti — Administrador do Hospital de S. José.

e). — Hospital de Porto Velho

NUMERO DE PESSOAS ATTENDIDAS

	Tuberculose	Paludismo	Outras enfermidades	Total
Homens	12	986	326	1.324
Mulheres	4	847	401	1.252
Creanças	—	345	47	392
	16	2.178	774	2.968

	Cirurgica de Urgencia	Dermat. e Syphiligraph.	Varias Tot.
Homens	78	313	1.324-1715
Mulheres	27	230	1.052-1509
Creanças	14	82	382- 488
	119	625	2.758-3712

NUMERO DE CONSULTAS E CURATIVOS

	Tuberculose	Paludismo	Outras enfermidades	Total
Homens	48	703	792	1.543
Mulheres	15	2.017	533	1.565
Creanças	—	887	214	1.101
	63	4.607	1.559	6.229

	Cirurgica de Urgencia	Dermat. e Syphiligraph.	Varias Tot.
Homens	218	1.414	2.543-4.175
Mulheres	128	1.009	2.635-3.772
Creanças	29	793	1.101-1.923
	375	3.216	6.279-9.870

f). — Posto Sanitario "Dom Bosco" — Humaytá — Estado do Amazonas — Movimento durante o anno de 1932

Numeros de pessoas attendidas.

Masculino 1338 — Feminino 972 — Adultos 2355 — Creanças 1265 — Total 3620 — Brasileiros 3620.

Discriminação de doenças:

Tuberculose 2 — Paludismo 2010 — Verminose 1600 — Outras doenças 2 — Syphilis 2 — Doenças venereas 4.

Serviços prestados ao publico

Consultas 3620 — Receitas aviadas 3409 — Curativos 105 — Injecções 426 — Intervenções cirurgicas 52 — Capsulas de quinino 3600 — Necatorina 580.

HUMAYTA', 31 de Dezembro de 1932.

Confere. — (a) Dr. Frederico Monteiro — (a) José Monteiro Neto, Auxiliar — Visto, Padre José Maria Pena.

MEZ DE JANEIRO DE 1933

Numeros de pessoas attendidas:

Masculino 162 — Feminino 108 — Adultos 270 — Creanças 48 — Total 318 — Brasileiros 318.

Descriminação de doenças:

Tuberculose 1 — Paludismo 49 — Verminose 107 — Syphilis 1 — Outras molestias 160.

Serviços prestados ao publico:

Consultas 318 — Receitas 148 — Formulas extrangeiras 82 — Curativos 5 — Injecções 66 — Intervenções 1.
Capsulas distribuidas — Chenopodium 304 — Quinino 340 — Neo-Necatorina 24 — Maleizina 45 — Total 713.

Humaytá, 31 de Janeiro de 1933.
(a) José Monteiro Neto, Auxiliar. — (a) Dr. Frederico Monteiro. — Confere — (a) Padre José Maria Pena — Visto.

g). — Movimento do Posto de Prompto Soccorro de Manáus, da Missão Salesiana

de 1.° de Agosto a 31 de Dezembro de 1932

Frequencia ao Posto — doentes	3.307
Quinino distribuido — torpedos	10.000
Remedios — formulas..	2.251
Injecções de quinino	150
Injecções intramusculares	430
Injecções endevenosas	10
Injecções de 914	30
Pequenas intervenções cirurgicas	4
Curativos	1.490

Manáus, 31 de Outubro de 1932. — (a) Irmã Mercedes Machado — Encarregada do Posto.

MOVIMENTO DO MESMO POSTO de 19 de Abril a 31 de Dezembro de 1932

Pessoas inscriptas no Posto 140 — Pessoas que receberam curativos, injecções, quinino, etc., 6.578 — Torpedos e comprimidos de qq. distribuidos 22.500 — Injecções intramusculares diversas 1090 — Endevenosas 914 45 — Intramusculares de quinino 375 — endevenosas diversas 30 — Remedios distribuidos 6.716 — Pequenas intervenções cirurgicas 7 — Curativos feitos 9.092.

Manáus, 31 de Dezembro de 1932. — (a) Dr. Dennizetti.

*Mais um aspecto (
Hospital de S. José (1
em Porto Velho. O Coll(
gio (2) tem pateos am
plos, e a matriz de Po:
to Velho (3) é constru
ção que honra os Sale-
sianos que ali trabalhar
no meio de innumero
difficuldades, mas sempr
animosos e sempre cheio
de radiosas esperanç
no futuro.*

Em Porto Velho, o Hospital de S. José (1) tem prestado assignalados serviços á população, e a Casa dos Missionarios (2) diz bem da actividade que elles exercem actividades que exercem nas fronteiras com a Bolivia.

2). ATTESTADOS E REFERENCIAS

" Cidade de Porto Velho — Estado do Amazonas — Attestamos que o "Hospital São José", desta cidade, funcciona com toda a regularidade, prestando os mais relevantes serviços á população desta cidade e visinhança. Outrosim attestamos que, durante o anno de 1931, soccorreu 5.843 doentes com 2.825 consultas e 8.110 receitas. Attestamos tambem que funcciona a "Missão Salesiana", tendo aulas gratuitas, abrangendo o ensino dos quatro annos do Curso Elementar, com 108 meninas, e aulas nocturnas gratuitas com 115 alumnas. — Porto Velho, 8 de Abril de 1932. — (aa) Cap. Aluizio Pinheiro Ferreira, Director da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e Chefe do 3.° Districto Telegraphico de Matto Grosso. — J. Reisolar de Freitas, Administrador da Mesa de Rendas Alfandegadas, nesta cidade. — Manoel da Cunha Freitas, Agente do Correio da Cidade de Porto Velho (Amazonas). — Reconheço verdadeiras as assignaturas supra dos Srs. Capitão Aluizio Pinheiro Ferreira, Josué de Freitas e Manoel da Cunha Freitas. Dou fé. Em test. da Verdade. — Porto Velho, 8 de Abril de 1932. — (a) Joaquim Rodrigues Valente, Tabelião Interino. — (Firma no Tab. Hermes — Rio, Rosario, 145). Firma no Cartorio — Rosario, 76 — Rio — Pinheiro Chagas)."

MUNICIPIO DE PORTO VELHO — ESTADO DO AMAZONAS

As autoridades administrativas, judiciarias e policiaes desta cidade attestam os relevantes serviços diffundidos profusamente pela Prelazia de Porto Velho — obedecendo ao magnifico programma social e patriotico da Associação Beneficente do Rio Madeira — em toda a região do alto Rio Madeira e seus principaes affluentes, por intermedio dos abnegados Sacerdotes da Missão Salesiana. Mantem a Prelazia nesta cidade o hospital de S. José, admiravel instituto de caridade, situado no alto da cidade, que compreende tres vastos pavilhões e um separado para molestias infecciosas. A sala de operações está montada com os mais modernos e aperfeiçoados apparelhos de cirurgia. O hospital asyla e trata gratuitamente os indigentes, sejam estes aqui residentes ou remettidos de qualquer outra parte, sendo tambem fornecidos gratuitamente aos necessitados exame medico e respectivos medicamentos. Coroando a sua grande obra de benemerencia, o hospital distribue diariamente refeições a quantos infelizes se apresentam e é bem numerosa a concurrencia á cozinha do hospital, em virtude da situação de miseria que atravessa a população regional. Na impossibilidade de manter sempre um medico em viagem, a Prelazia estabeleceu ambulatorios, confiando-os a pessoas criteriosas, pondo assim ao alcance dos infelizes o necessario lenitivo ao seu soffrimento. Outra iniciativa da Prelazia que merece especial menção é a installação e funccionamento de uma optima machina de descascar arroz, dando excellentes resultados, com grande enthusiasmo dos pequenos lavradores que se verão assim livres do antiquado e penoso processo de pilar o arroz: outros mecanismos adequados virão opportu-

namente, importados pela Prelazia. — Porto Velho, 2 de Maio de 1931. — (aa) João Machado Junior, Juiz de Direito. — Francisco Xavier Andrade, Administrador da Mesa de Rendas Alfandegadas de Porto Velho. — Eison Menezes, Collector de Rendas do Estado. — A. da Costa Fernandes, Secretario da Prefeitura, respondendo pelo expediente. Reconheço verdadeiras as assignaturas supra e dou fé — Porto Velho, 11 de Maio de 1931. — Em test.° da verdade: o Tabellião interino, João Ranulpho Brasil — n.° 17. Collectoria Regional do Estado em Porto Velho — 11 de Maio de 1931. — O Collector, Esion Menezes.

— Da Mensagem do Exmo. Senhor Capitão Rogerio Coimbra, Interventor Federal no Amazonas: — "Em Porto Velho tive a ventura de presidir á inauguração de dois pavilhões do moderno hospital fundado pela Prelazia Apostolica superiormente dirigida pelo Exmo. Monsenhor Pedro Massa. A cargo da mesma Prelazia funccionam importantes estabelecimentos de caridade do alto Rio Negro."

— Das autoridades civis e militares: — Nós, abaixo assignados, autoridades civis e militares desta cidade de Porto Velho, attestamos, em razão dos nossos cargos e para os devidos fins, que a Missão Salesiana tem prestado a esta região os mais assignalados serviços, quer de ordem moral, quer material. Corroborando esta nossa asserção podemos apontar, como dos maiores emprehendimentos já levados a efeito: a construcção da Catedral, do Hospital de São José, do Collegio das Irmãs "Filhas de Maria Auxiliadora", além de outros predios; edificios estes que denotam esforços por parte da Missão, além de concorrerem para o engrandecimento local. Para justificativa do que asseveramos, podemos citar o funccionamento ininterrupto das seguintes obras de assistencia social e de ensino:

Hospital de São José: — Tendo a capacidade de 60 leitos, incluindo o pavilhão da Maternidade, o Asylo de Mendicidade e o Pavilhão das doenças contagiosas. Demonstrando a effeciencia deste Instituto de caridade, apontamos os seguintes algarismos tirados do relatorio geral: "durante o anno de 1932 foram internados 580 doentes com 14.450 diarias."

Consultorio e Sala do Banco: — Funciona gratuitamente das 8 ás 11 horas. Durante o anno de 1932 os trabalhos deram as seguintes medias diarias: Consultas medicas — 19; curativos e injecções — 27; receitas aviadas — 30.
Medico da Missão: — A Missão paga 1:500$000 ao Illmo. Snr. Dr. José Collier (medico, cirurgião-parteiro.) NOTA — Estão em ponto adeantado as construcções do Pavilhão dos Tuberculosos e o da Maternidade.

Dispensarios: — Quatro são os dispensarios abertos nesse anno, distribuindo remedios fornecidos pelo Rvmo. Sr. Mons. Pedro Massa. A saber: o de Porto Velho, de Santo Antonio do Rio Madeira, de Jacy-Paraná e de Presidente Marques ou Abunã.

Associação de Mutua Previdencia Social: — Em virtude de um convenio existente entre o Director do Hospital e o Cap. Aluizio Ferreira, todos os funccionarios pertencentes ás repartições chefiadas pelo dito official são socios do Hospital, pagando 2$000 mensaes e tendo direito: a) ás consultas gratuitas para si e pessoas da familia; b) ao internamento no Hospital pagando os ferroviarios e telegraphistas 3$000 por dia, os militares e os da rodovia 2$000; os da Colonia Agricola nada pagam de pensão.

Aula Nocturna Masculina: — Abrange tres cursos: o Preliminar, o Elementar e o Medio, com 120 alumnos e cinco classes.

Aula Diurna Masculina: — Abrange o curso Elementar com duas classes contendo 20 alumnos.

Aula Parochial Feminina: — Abrange o Curso Preliminar e o Curso Elementar, tendo cinco classes e 115 alumnas.

Aulas de Trabalho e Costura: — Para Senhoritas, frequentada por 35 alumnas.

Está em construcção um novo Collegio para alumnas, contendo a área de 40 metros, por 9 de largura e com 2 andares.

Egreja Catedral: — Já está aberta ao culto, continuando os trabalhos de revestimento interno e externo, e levantamento da torre.

Catequese: — Além de exercerem o munus parochial de Porto Velho, Humaytá e Presidente Marques, os padres fazem viagens ao longo dos rios, catequisando e mandando para o Hospital os doentes desvalidos.

Por todas essas obras, que têm merecido o apoio decidido das Autoridades locais e da população em geral, e por tudo o mais que cremos será levado a efeito pelos Rvmos Padres da Missão Salesiana e Irmãs "Filhas de Maria Auxiliadora", dada a sua operosidade, folgamos de espontaneamente offerecer-lhes o presente attestado para os fins que julgarem conveniente. — PORTO VELHO, 27 de Janeiro de 1933 — (aa) Aluizio Pinheiro Ferreira, Josué Reisolar de Freitas, Administrador da Mesa de Rendas. — Francisco Plinio Coelho Filho, Manoel da Cunha Freitas, Raul Andrade, Esion de Menezes, Collector Estadual. — Dr. Ruy Barreto, Juiz de Direito em exercicio, e Ariosto Lopes Braga, Promotor Publico. — Reconheço verdadeiras as assignaturas supras. — Em test.° da Ve. Dou Fé — Joaquim Rodriguez Valente — Tabellião Interino."

— Do jornal "Alto Madeira", de 8 de Janeiro de 1933: — " Causou-nos verdadeira surpresa encontrarmos, dias passados, á rua Duque de Caxias, uma turma de homens trabalhando no lançamento de alicerces de um edificio que, pela área que abrange, se nos afigurou grandioso. Indagando dos obreiros, laconicamente nos responderam ser para o Collegio das Meninas. Logo suppuzemos tratar-se de um novo empreendimento da Prelazia e intrigados com o arrojo de um commettimento que nos pareceu phantastico, procuramos o Revmo Padre João Nicoletti, nosso incansavel parocho, que nos recebeu benevolamente, como de costume, e que se promptificou a dar-nos os esclarecimentos precisos que, a titulo de furo jornalistico, transmittimos aos nossos amaveis leitores, que, como nós, estavam na ignorancia dessa construcção.

Então soubemos tratar-se da construcção de um vasto e sumptuoso edificio de dous andares, abrangendo uma área de 40 metros de comprimento por 9 de largura, destinado ao "Collegio das Meninas". Pela amplidão das dimensões, calculamos, desde logo, que será este o maior dos edificios que possue a cidade, inclusive o da propria Cathedral. Indiscretamente formulamos uma pergunta ao bondoso Padre João, na certeza antecipada de que seriamos perdoados: — Padre, conta a Prelazia com os recursos necessarios a levar a cabo tão valiosa empresa? — Respondeu-nos o bom Vigario: "Monsenhor Pedro Massa, nosso amado Prelado, em sua ultima visita pastoral, auscultou mui de perto as mais prementes necessidades da região, relativamente ao que poderia ser remediado pela Prelazia a seu cargo, e, do vasto programma que organizou, fez sobresair a construcção immediata de um collegio para a educação de meninas, com maior capacidade que o actual, primitivamente reservado á residencia das Irmãs. Para custeio de tão avultada despesa, conta o Revdo Prelado, além da dotação decretada pelo Governo Provisorio, como auxilio á Missão Salesiana, no Amazonas, com a cooperação efficiente do Povo e das Autoridades locaes que, reconhecendo os meritorios serviços de ordem moral e material que a Prelazia vem difundindo nesta região, certamente a não deixarão lutar a sós, contribuindo cada qual, conforme as suas possibilidades financeiras,

com o respectivo obolo para a realização desse vasto programma, que muito concorrerá para o progresso e embellezamento do Porto Velho.

Explicou-nos o bondoso Vigario que o exmo. Prelado quer dotar esta cidade com internato para orfãs e outro adaptado para internamento de meminas, cujas familias residentes em qualquer parte desta região possam dar-lhes a necessaria educação.

Prometteu o Padre João dar-nos detalhes minuciosos sobre outros pontos do programma do Sr. Prelado, que gostosamente transcreveremos para conhecimento dos nossos leitores, certos como estamos de que a respectiva execução será um facto.

Agradecemos a gentileza do nosso illustre Vigario e pressurosos transmittimos ao publico da região tão alviçareira nova."

INDICE

INDICE